

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SAÚDE E
GESTÃO DO TRABALHO - MESTRADO PROFISSIONALIZANTE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA**

CARMEN LUCIA ZUSE

**VIOLÊNCIAS:
UM ESTUDO COM ADOLESCENTES INTERNOS EM UM CENTRO DE
ATENDIMENTO SÓCIO- EDUCATIVO**

ITAJAÍ/ SC
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CARMEN LUCIA ZUSE

VIOLÊNCIAS:

**UM ESTUDO COM ADOLESCENTES INTERNOS EM UM CENTRO DE
ATENDIMENTO SÓCIO- EDUCATIVO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de "Mestre" no Curso de Pós-graduação *Stricto sensu* em Saúde e (estudo do Trabalho) no Instituto de Pós-graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

Orientadora: Prof^a Dr^a Yolanda Flores e Silva

ITAJAÍ, SC
2006

CARMEN LUCIA ZUSE

**VIOLÊNCIAS: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES
INTERNOS EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO SÓCIO-
EDUCATIVO**

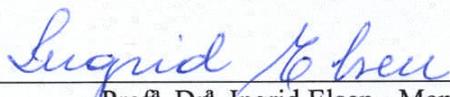
Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre e aprovada pelo Programa de Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho da UNIVALI.

Área de Concentração: Saúde da Família

Itajaí, 06 de dezembro de 2006.

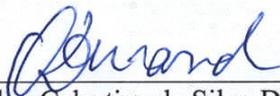

Prof.^a. Dr.^a. Yolanda Flores e Silva - Presidente

UNIVALI



Prof.^a. Dr.^a. Ingrid Elsen - Membro

UNIVALI



Prof.^a. Dr.^a. Olga Celestina da Silva Durand - Membro

UFSC

INFÂNCIA PERDIDA¹

*Muitas pessoas,
Tiveram sua infância roubada.
Pais, brinquedos, sonhos...
Mundo perdidos,
Em algum lugar, em qualquer época.
Na rua, a realidade.
No coração, a infância perdida.*

¹2ª poesia da 2ª parte da Segunda Coletânea de poesias de uma escola do interior do RS

Este trabalho **DEDICO**"

Ao meu marido Elvio Vicente Contrri, valiosa escolha em minha vida, que se fez presente nos momentos mais importantes e difíceis de minha vida, pelo seu companheirismo, paciência e compreensão.

MEUS AGRADECIMENTOS,

Após mais uma trajetória especial em minha vida acadêmica criei o momento de agradecer às pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui

Aos adolescentes internos na /AS2" pelos quais temos a certeza que nosso trabalho vale a pena

: presidente da /AS2" #ro*a0 Jane Aline ;<)n e direção do CAS2SA" Sr0 Jos9 Antonio #ereira" pela abertura de espaço e apoio para desenvolvimento desta pesquisa

A minha orientadora" #ro*a0 Dra0 =olanda /lores e Sil6a pela tolerância nos momentos de inquietação" dificuldades e também pelo caloroso conhecimento transmitido

: colega e amiga #ro*a0 >al9ia #rado de ?rum" exemplo de sabedoria" competência" ética e humildade

: as amigas Saionara 4e&ina ?arilli e Daiane Toc)etto ! ac)ado" pelo compartilhar dos desafios nestes dois anos de luta" companheirismo e amizade

>AS2" Carmen Bucia0 **Violências**. um estudo com adolescentes internos em um centro de atendimento s\$cio%educati6o0 20060 11C*0 Dissertação D ! estrada em Sa' Ñ

ABSTRACT

The present work is the result of a research for the postgraduate programme *Strictu Sensu* in Psychology and Qualitative Research, Specialized Master's course of the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). It is aimed at investigating the violence lived by male adolescents who are interned in a public institution in Rio de Janeiro (Cidade do Sul) during their previous social life as well as their social and familiar conditions, /or the description of the situations and phenomena investigated. We used references that define the meaning of violence in its manifestations. We consider this an issue that demands specialized qualification regarding the network of services and priorities in the public policies in order to interrupt and/or minimize the cycle of violence that exist in our society. Hence the importance of studying the issue of adolescent institutionalization. As far as methodology is concerned, we adopted the qualitative approach. Data were collected through the research and observation of documents as well as semi-structured interviews with specific guidance. All the material will be analyzed according to the adolescents' statements and the past documental material. Here all the acts and statements are registered. These statements will later be analyzed through the *Subjective Collective Statement* method. The results show that these adolescents' varied character and different backgrounds live similar social situations and these are marked by poverty, school failure and exclusion. Moreover, there is also shown as background, risk situations, vulnerability, exclusion or poor inclusion of their families in the social and economic life of the city. The results of this research will be given to the interventions and the institutions through sensitivity creation and expression.

KEYWORDS. Violence. Family. Adolescent.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – RELATOS DOCUMENTAIS X COMPORTAMENTO OBSERVADO.....	65
QUADRO 2 – RELATO DOCUMENTAL X COMPORTAMENTO OBSERVADO.....	67
QUADRO 03 – PERFIL SÓCIO-FAMILIAR DOS INFORMANTES.....	69
QUADRO 04 – MODELO E REFERÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UM PERFIL DE ADOLESCENTE INFRATOR.....	74
QUADRO 5 – MODELO E REFERÊNCIA DOS COMPORTAMENTOS ASSUMIDOS PARA PERMANECER NO GRUPO ESCOLHIDO PARA SUA SOCIALIZAÇÃO.....	75
QUADRO 06 – VIOLÊNCIAS INTRAFAMILIARES.....	76
QUADRO 07 – ABANDONO/EVASÃO/EXPULSÃO ESCOLAR.....	78
QUADRO 08 – ESCOLA COMO LUGAR BOM.....	81
QUADRO 09 – ESCOLA COMO LUGAR RUIM.....	82
QUADRO 10 – IRRESPONSABILIDADE “NÃO DÁ NADA”.....	84
QUADRO 11 – PASSANDO PELO NÃO DITO.....	87
QUADRO 12 – LUGAR RUIM.....	92
QUADRO 13 – PENSAR NO FUTURO.....	96
QUADRO 14 – FALTA DE OPORTUNIDADE.....	98
QUADRO 15 – O ADOLESCENTE COMO “AMEAÇA”.....	100

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - MAPA DO ESTADO DO RS E MUNICÍPIO DE SANTO ÂNGELO/RS.....	41
FIGURA 02 - ÁREA EXTERNA DO CASE SANTO ÂNGELO.....	50
FIGURA 03 - ÁREA INTERNA DO CASE SANTO ÂNGELO.....	51
FIGURA 04 - PROGRAMA PEDAGÓGICO-TERAPÊUTICO DE ATENDIMENTO.....	56

LISTA DE SIGLAS

AC% Ancora&em
CASE% Centro de Atendimento S\$cio% 2ducati6o
CBIA% Centro ?rasileiro para a In*3ncia e a Adolesc7ncia
CF% Constitui7o /ederal
CID-10% Classi*icac7o 2stat stica Internacional de Doen7as e #roblemas 4elacionados 8 Sa 'de
DCA% Departamento da Crian7a e do Adolescente
DEAMS % Dele&acias 2speciali+adas de Atendimento 8 ! ul)er
DSC% Discurso do Su7eito Coletivo
ECA% 2statuto da Crian7a e do Adolescente
ECH% 2@press7o C)a6e
FASE% /unda7o de Atendimento S\$cio%2ducati6o do 4S
FEBEM% /unda7o 2stadual do ?em%2star do ! enor
FUNABEM% /unda7o Hacional do ?em%2star do ! enor
IBGE% Instituto ?rasileiro de (eo&ra*ia e 2stat stica
IAD% Instrumento de AnKlise de Discurso
IC% Id9ia Central
ICPAE% Internac7o Com #ossibilidade de Ati6idade 2@terna
ISPAE% Internac7o Sem #ossibilidade de Ati6idade 2@terna
JIJ% Jui+ado da In*3ncia e da Ju6entude
LA% Biberdade Assistida
MAOA- 2n+ima !onoamino G@idase
MSE% !edida S\$cio%2ducati6a
OMS% Gr&ani+ac7o !undial de Sa 'de
PEMSEIS% #ro&rama de 2@ecu7o de ! S2 de Internac7o e Semiliberdade
PIA- #lano Individual de Atendimento
PNBEM% #ol tica Hacional do ?em%2star do ! enor
PSC% #resta7o de Ser6i7o ComunitKrio
RS% 2stado do 4io (rande do Sul
SAM% Ser6i7o de Assist7ncia ao ! enor
STCAS% Secretaria do Trabalho" Cidadania e Assist7ncia Social do 4S
VIF% Fiol7ncia Intra*amiliar

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE QUADROS.....	9
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE SIGLAS.....	11
1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	14
1.2 OBJETIVOS.....	17
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	17
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1. FAMÍLIA.....	19
2.2 A ADOLESCÊNCIA	21
2.2.1 DURAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA	22
2.2.2 CARACTERIZANDO O PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA.....	23
2.2.3 O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI.....	25
2.3 VIOLÊNCIAS: ALGUMAS FORMAS DE EXPLICAR AS VIOLÊNCIAS.....	28
2.3.1 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR (VIF).....	28
2.3.2 VIOLÊNCIA ESTRUTURAL.....	30
2.3.3 VIOLÊNCIA DE RESISTÊNCIA.....	30
2.3.4 VIOLÊNCIA DA DELINQUÊNCIA.....	30
2.3.5 VIOLÊNCIA SOCIAL.....	31
2.3.6 COMPORTAMENTO VIOLENTO (PERSONALIDADE ANTI-SOCIAL).....	32
2.3.7 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	33
2.3.8 VIOLÊNCIA URBANA.....	34
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	36
3.1 TIPO DE PESQUISA E POPULAÇÃO DO ESTUDO	36
3.2. CONTEXTUALIZANDO O ESTADO, O MUNICÍPIO E O CENÁRIO DO ESTUDO.....	37
3.2.1 SITUANDO O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	37
3.2.2 DESCREVENDO A ORIGEM DO MUNICÍPIO DE SANTO ÂNGELO.....	42
3.2.3 LOCAL DO ESTUDO.....	43
3.2.4 DESCREVENDO OS CENTROS DE ATENDIMENTO SÓCIO EDUCATIVO - CASES	44
3.2.5 DESCREVENDO O CENÁRIO ONDE SE DESENVOLVEU O ESTUDO.....	47
3.3. MEDIDAS SÓCIO-EDUCATIVAS (MSE).....	52
ESTE TÓPICO FOI BASEADO NA MONOGRAFIA DE ANNY LETÍCIA CHAVES, ACADÊMICA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES-URI, CAMPUS DE SANTO ÂNGELO, COM O TÍTULO “A IDENTIDADE CULTURAL DO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI E SUA IMPLICAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO PLANO INDIVIDUAL DE ATENDIMENTO- PIA”, (CHAVES, 2006).....	52
3.4 PROGRAMA DE EXECUÇÃO DE MEDIDAS SÓCIO-EDUCATIVAS DE INTERNA- ÇÃO E SEMILIBERDADE DO RIO GRANDE DO SUL – PEMSEIS.....	53
3.5 CONSTITUINDO O PLANO INDIVIDUAL DE ATENDIMENTO (PIA).....	56
3.6 A COLETA DE DADOS.....	58
3.6.1 ANÁLISE DA MÚLTIPLA	

4 VIOLÊNCIAS E ADOLESCÊNCIA: RESULTADOS E DISCUSSÃO DO ESTUDO REALIZADO.....	64
4.1 HISTÓRICO SOCIOCULTURAL DOS ADOLESCENTES INTERNOS NO CASE.....	64
4.2 OS CONTEXTOS DE VIOLÊNCIAS NOS DISCURSOS DOS JOVENS DO CASE.....	73
4.3 REPRESENTAÇÃO DA PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NOS DISCURSOS DOS INTERNOS DO CASE.....	91
5 DEVOLUÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA	103
.....5.1.RECURSOS.HIVERNOS.....	1c□

DE DE DIS

ADOS

AÇÃO

59LAUIS.....

1 INTRODUÇÃO

101 CGHT2WTAABI>AXYG 2 JASTI/ICATIFA

A presente pesquisa foi realizada partindo de uma proposta enviada ao CH com o título ZFol7ncia Intrafamiliar. Caminhos de redefinição por professores do ramo de #s% (raduação *Stricto Sensu* em Sa'de e (estão do Trabalho), ! estrada #rofissionalizante da Aniversidade do Fale do Itaã DAHIFABIE

Parte do referencial teórico deste projeto foi construída tendo por base este eio de pesquisa embora os objetivos e as perguntas sejam específicos para o corpus de nossa investigação

Grande interesse em desenvolver esta pesquisa abordando o tema Fiol7ncias" partiu da experiência profissional na área da Sa'de e da atuação no atendimento de adolescentes autores de ato infracional" onde os relatos de suas histórias de vida nos atendimentos individuais ou nas atividades em grupo revelam condições de vida e condições bastante adversas

Aliado a esses aspectos a proposta do curso do ! estrada #rofissionalizante" na área de Sa'de da família" na Aniversidade do Fale do Itaã DAinãlie" descortinaram várias possibilidades para desenvolver pesquisas nesta área pois tal curso se volta à formação de educadores na dinâmica do ensino desde o início

Com relação ao tema escolhido a literatura especializada sobre violência aponta grandes avanços" mas ao mesmo tempo revela imensas lacunas no conhecimento relativo ao adolescente infrator" privado de liberdade e suas famílias para ! inãro D1UUUa" p01\E]nã]K um ato denominado violência" e sim violências" como expressões de manifestação da exacerbção de conflitos sociais cujas especificidades necessitam ser conhecidas] #ara essa autora" as violências enraam-se nas estruturas sociais" econômicas e políticas" bem como nas consciências individuais" ocorrendo]numa relação dinâmica entre condições dadas e subjetividade]

No âmbito das relações pessoais e institucionais" D ! IHA=G" 1UUUaE" o conceito para o termo Zviolências[pode ser compreendido tanto como limitante de direitos" como também um rito de expressão dos oprimidos] Entendendo a complexidade das relações de dominação

e as tentativas para superá-las" surtem experiências concretas tanto de realização" como de negação da cidadania)

Hesse sentido" as violências têm sendo alvos de estudos e preocupações de alguns profissionais e segmentos da sociedade" não apenas em decorrência do clima de insegurança causado em todas as esferas sociais" mas também pelo custo que têm representando para todos)

A partir desta perspectiva" e considerando os poucos estudos sobre violências sofridas por adolescentes infratores" é que esta pesquisa foi realizada numa unidade pertencente à Fundação de Atendimento Socioeducativo do Estado do Rio Grande do Sul (FAT/AS2E)

Em centro em que se realizou o estudo recebe adolescentes do sexo masculino" com idades entre 12 a 21 anos" autores de atos infracionais que" por determinação judicial do Juizado da Infância e da Juventude" devem cumprir medida socioeducativa de internação em estabelecimento educacional e" aqueles internados provisoriamente até 90 dias" que aguardam julgamento neste ambiente se têm uma investigação sobre os adolescentes internos e suas violências com as diversas formas de violências tais" como a fome" o desemprego" o abandono" as agressões físicas" direcionadas a eles ou imputadas a terceiros" a evasão escolar entre tantas formas de as violências ocorridas na família e fora de seu círculo de vinculação)

Considerando o exposto e lembrando Bronfenbrenner (1977) é possível observar que as possibilidades de os pais apresentarem um desempenho efetivo em seus papéis na educação dos filhos no seio da família também dependem das condições dos papéis" dos apoios recebidos e dos agentes estressores que permeiam o ambiente em que se encontra a família)

Embora acredite-se que a família ainda seja o lugar privilegiado para a promoção da educação" sabe-se que os valores morais e os padrões de conduta são adquiridos também em outros espaços" tais como a escola" os clubes" entre amigos e vizinhos" com a televisão exercendo grande influência na formação da criança. Percebe-se que" quando a família deixa de transmitir estes valores adequadamente" os demais meios formativos ocupam este papel. Ao ocuparem este espaço tornam possível a introspecção de aprendizados positivos como também negativos. As violências entrariam neste rol de elementos negativos aprendidos. Como evitar tudo isto? Será possível prevenir?

O relatório da Grupos de Trabalho Conjuntos da Saúde de DG (S) 2002E descreve a violência como um problema presente. Não considera que pelo fato de ter estado sempre presente na

sociedade" o mundo precisa aceitá-la como parte inelutável da condição humana e" seus impactos podem ser reduzidos) Nesse sentido uma abordagem de Saúde Pública pode contribuir para sua prevenção" pela perspectiva interdisciplinar e com uma ação coletiva que implique investimento e explorar os caminhos da prevenção e programas

Concomitante com a presença da violência o

e violências da mesma forma que se luta com uma doença. As pessoas que são agressoras não são microorganismos a serem eliminados da sociedade simplesmente. Se o pensamento é vencer a violência desta forma em que mundo se irá viver? Am mundo de penas de morte" eliminação de pessoas e até mesmo grandes grupos humanos que se mostrem violentos?

A complexidade real da experiência e do fenômeno das violências exige a ultrapassagem de simplificações e a abertura para integrar esforços e pontos de vista de várias disciplinas, setores, organizações e comunidades. Também que as pesquisas científicas forneçam informações essenciais para a implementação de políticas estratégicas de prevenção e métodos capazes de criar dados mais precisos e avaliação da efetividade das ações.

Considerando toda esta problemática, observa-se ainda que existem setores da sociedade que são menos assistidos, isto porque estão em situação de violência estrutural, totalmente marginalizados da sociedade. É neste universo que está nosso problema de pesquisa, se para a sociedade e grupos de pessoas vítimas como vítimas, os serviços de prevenção às violências desconhecem o histórico social/cultural das vítimas de violências, como vivem os adolescentes infratores neste contexto? E que conhecemos sobre suas vidas, que possa ser utilizado como referência para a construção de novos modelos de prevenção e atendimento?

A partir dessas questões foram formulados os objetivos descritos no tópico seguinte.

102 G?J2TIFGS

1.2.1 Objetivo geral

Investigar quais as violências vivenciadas pelos adolescentes internos em um Centro Socioeducativo do Rio Grande do Sul (CAS2E) durante sua vida pregressa e suas condições sociofamiliares.

1.2.2 Objetivos específicos

- 1) Analisar os registros documentais da equipe técnica sobre o histórico sócio-cultural dos internos no CAS
- 2) Observar e descrever os tipos de comportamentos dos adolescentes em diferentes situações no atendimento individual ou coletivo
- 3) Identificar através dos discursos os conteúdos de violências vivenciadas pelos adolescentes e como é para eles a privação de liberdade
- 4) Promover a organização de oficinas de criatividade e reflexão como forma de devolução dos dados à instituição e aos sujeitos da pesquisa

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este tópico apresenta a base teórica que norteia este estudo.

2.1 A FAMILIA

Segundo Serrano (2006) a família é reconhecida hoje por Bronfenbrenner (1977) como a estrutura primária da organização do desenvolvimento da criança. As famílias funcionam como mediadoras entre o indivíduo e a sociedade. A família ampliada dá lugar aos filhos e amigos ao providenciarem estruturas de apoio primário para auxiliar os pais nas complexas tarefas parentais.

Ainda segundo Serrano,

“O processo de decisão nas práticas centradas na família deve incluir a identificação das necessidades da família, o estabelecimento de objetivos e prioridades de intervenção da família, a escola e estratégias de intervenção e a seleção dos serviços necessários. A crença de que as famílias são capazes de tomar decisões constitui um dos aspectos fundamentais implícitos no conceito centrado na família” (Serrano, 2006, p. 2).

Esta é uma ideia válida mesmo no caso daquelas famílias que possam apresentar dificuldades em tomar decisões, visto que podem, através de redes e laços sociais, continuarem participantes ativas nas decisões, através de orientação e apoio.

Finalmente, é clássica a família como uma organização social completa, um microcosmo da sociedade, onde ao mesmo tempo se vivem relações primárias e se constroem processos identitários. Também é um espaço onde se constroem papéis sociais de gênero, cultura de classe e se reproduzem as bases do poder, embora a Constituição Brasileira de 1988 estabeleça a igualdade entre os gêneros na direção do lar e criação dos filhos. Sabemos que na prática cotidiana, muito raramente as famílias brasileiras vivem esta igualdade estabelecida constitucionalmente.

O estilo de criação dos pais é entendido como o clima emocional em que ocorre a socialização, uma base que atos educativos específicos terão eficácia no contexto de uma

relação emocional apropriada

Nesse sentido,

O estilo de criação refere-se às atitudes dos pais com relação aos filhos em situações diversas podendo ocorrer sob a forma de três tipos de controle: autoritarismo (com autoridade, autoridade e permissão) O estilo de controle (com autoridade) que incorpora cordialidade e flexibilidade está associado a uma adaptação positiva em diversas áreas de funcionamento dos pais e adolescentes ao longo do desenvolvimento Trata-se de um estilo de criação que inicia o indivíduo num sistema de reciprocidade correlacionando-se de forma positiva com uma série de atitudes e comportamentos adolescentes incluindo-se o desempenho e o engajamento escolar. O autoritarismo os pais são autoritários muito exigentes e pouco responsivos ao seu adolescente que por sua vez mostra-se obediente às regras por medo com baixa autoconfiança. O estilo permissivo os pais podem ser indulgentes ou negligentes (BIDDB2 et al. apud ! IHA=G" 200\ a" p" 21E)

O caso de autoritarismo dos pais em relação aos filhos tem maior probabilidade de uso de drogas e desengajamento escolar no segundo em que alta aos pais tanto correspondência quanto eficiência com relação aos filhos estes apresentam problemas em áreas de funcionamento desde o autoconceito até a competência O comportamento dos pais que define a prática de criação dos adolescentes subdivide-se em categorias de monitoramento e supervisão controle consistência / coerência e rigor de disciplina apoio e comunicação

Os adolescentes buscam naturalmente a sua independência em relação aos pais com o intuito de controlar e decidir acerca de suas vidas Os pais entretanto confundem essa atitude com rebeldia pois os filhos tendem a questionar os seus valores e opiniões

Ha ausência de cordialidade e engajamento monitoramento dos seus limites e que o adolescente tem dificuldade na transição dessa fase não realizando adequadamente seus lutos

Portanto

Uma família está diretamente implicada no desenvolvimento saudável ou adoecido de seus membros A forma de criar os filhos é fundamental na constituição do indivíduo desde a infância até a adolescência A administração insatisfatória da família criação omissa disciplina e monitoramento parentais inadequados irritabilidade dos pais processos familiares coercitivos são práticas de criação porque apresentam distúrbios de conduta e abuso de substância O papel do meio familiar e proteger a criança de fatores de risco e contribuir com a sua criação neste sentido bem como os diferentes arranjos que influenciam a consciência os hábitos e costumes (! IHA=G" 200\ a" p" 2\ E)

Em suma a família como uma das fontes de socialização primária deve constituir núcleos saudáveis e comunicar normas sociais salutar para os seus membros exercendo um papel importante na criação de condições relacionadas aos vários problemas que afetam os adolescentes

Diante disso afirmamos que a puberdade é um processo que atinge todos os seres humanos por ser a adolescência não um fenômeno universal. Há são todos os jovens que deixam a vida infantil em direção à vida adulta vivenciando os mesmos conflitos, tensões e bloqueios no mesmo espaço temporal.

Segundo Calliari (2000) o termo adolescência passou a ser usado a partir do século XX por (Franklin Stanley Pall) que já considerava uma etapa nas quais os jovens precisavam de proteção por mais tempo. Foi através de seu discurso que os jovens de sua época passaram a ter escolarização obrigatória. Dentre as diversas concepções que compõem os referenciais para compreensão desta fase da vida consideraremos neste trabalho a adolescência dividida em três tipos.

a) A adolescência como moratória: onde há uma pessoa com valores e crenças oriundos da escola, da comunidade, da família, dos amigos e da mídia, estimulado para a maturidade sexual, o amor e o trabalho, mas que descobre que precisará de um período maior imposto pela sociedade para que possa competir de igual para igual com todo mundo. Então que exerce todo esse potencial, mas que marginalmente, deixando Calliari (2000) por isso torna mais penoso o período que a adolescência instaura entre aparente maturação dos corpos e a entrada na vida adulta. Apesar da maturação dos corpos, a autonomia referenciada idealizada por todos como valor supremo é reprimida, deixada para mais tarde.

b) A adolescência como reação e rebeldia: na nossa cultura, uma pessoa será considerada como adulta e responsável na medida em que se torna independente e autônoma como os adultos, além de que o são. Somente baseando-se nesses aspectos podemos dizer que a adolescência seria uma etapa inquietante.

c) A adolescência idealizada: culturalmente é idealizado como um período privilegiado. Entretanto essa mesma cultura pode impedir de viver plenamente suas transformações. Para o adolescente é uma passagem sofrida de privações e reconhecimento e independência.

2.2.1 Duração da adolescência

Para definir adolescência e a infância que a delimita, autores como Philippe Ariès, Arminda Aberastury, Marcuse; nobel Contardo Calliari, Peter Freire, Bronfenbrenner e Foucault separam as diferentes vertentes já citadas, o que acaba com que a definição de adolescência não seja única. Há muitas tentativas, embora nem todas as sociedades possuam

este conceito)

Cada cultura possui um conceito de adolescência" baseado-se sempre nas diferentes idades para definir este período" sendo" basicamente" uma atitude cultural. O consenso é o de que a adolescência é representada por um papel social" ou ainda uma fase simultânea da puberdade na qual o indivíduo constitui seus relacionamentos" sua individualidade e está continuamente assimilando e adquirindo costumes e regras (SIBFA" 2001)

Dentre as diversas concepções que compõem os referenciais para compreensão desta fase da vida" considera-se no presente trabalho o período da adolescência segundo o critério cronológico adotado pelo ICA)

Desta forma" a adolescência está estabelecida objetivamente com início aos 12 anos e término aos 21 anos" destacando-se a questão de gênero" pois a população de estudo será exclusivamente do sexo masculino" por se tratar de uma unidade de interação para adolescentes do sexo masculino. Da mesma forma" a pesquisa com população de adolescentes do sexo feminino merece a mesma importância e necessita da devida atenção frente às particularidades no que se refere às características físicas" emocionais e culturais)

A perspectiva ecológica de Bronfenbrenner (1977) reconhece o grau em que as condutas e os valores são influenciados diretamente" ou não" por aspectos dos diversos contextos onde estão incluídas as pessoas" suas famílias e suas comunidades. Nesse sentido" para compreender os processos de desenvolvimento humano" inclui-se a adolescência é necessário entender a interação entre os fatores biológicos e as influências socioculturais que determinam as diferenças entre os sexos)

A partir destas considerações preliminares" considera-se a adolescência como um processo caracterizado por conflitos internos e lutas que exigem do adolescente a elaboração e a reafirmação de sua identidade" imagem corporal" relação com a família e com a sociedade. Portanto" a adolescência é um período rico de experiências estruturantes da identidade do ser humano)

2.2.2 Caracterizando o período da adolescência

Em seu processo de individuação e de construção da identidade" o adolescente busca referências nos seus pares" experimentando uma crítica às regras" crenças e atitudes do mundo

adulto. A crítica denota a capacidade cada vez mais consolidada no adolescente de formular seus próprios pensamentos sobre o mundo social. A Zimbeldia[1] comportamento que a todo o momento Zpie em "aquele[2] os adultos" 9 resultado desta crítica que o adolescente consegue fazer nesta etapa[3]

Talvez seja melhor pensar em adolescências[4] deixando um pouco de lado conceitos "genéricos" e procurando entender as diversidades de grupos sociais onde estão os adolescentes brasileiros com suas especificidades, seus valores, sua história, seus limites e possibilidades[5]

Com essa visão do adolescente, Calligaris (2000) destaca cinco características para caracterizá-los. O Adolescente (relevo) O Delinquente O Toxicômano O que se enuncia e O ?arulo[6] A seguir faremos uma breve descrição de cada uma dessas características.

a) O Adolescente gregário. nessa fase os adolescentes consideram que sua verdadeira comunidade não é a familiar, em seu processo de individualização e de construção da identidade o adolescente busca referências nos seus pares, por isso reinventam microcomunidades. Decorre daí a intensa necessidade de conexão em grupos que se ocupam também dos mais diferentes temas. Entre eles, destacam-se as equipes esportivas, as bandas, os grupos de jovens de igrejas, as torcidas organizadas de futebol, os grupos de música e as galeras do hip-hop, além do direcionamento para a delinquência[7]

b) O Adolescente delinqüente. a transgressão do jovem relete no adulto justamente o que eles querem reprimir – o grupo que o sustenta psiquicamente nessa fase de transição entre a infância e o mundo adulto. O grupo é o portador de um coletivo cultural onde o adolescente se sente plural, define suas ações, estabelece uma ordem, coloca limites. O adolescente faz o grupo e se faz no grupo que é composto por diversas subtipologias individuais, muitas vezes conflitadas entre si, gerando conflitos, ansiedades, ameaça de perda de identidade, mas simultaneamente gerando proteção para a solidão, o constrangimento ou a repressão[8]

^000a Não é difícil enumerar os comportamentos mais frequentes da delinquência do adolescente. Sua banalidade só demonstra a banalidade dos desejos que os adolescentes conseguem descobrir através do silêncio dos adultos. O furto, desde os pequenos roubos de mercadoria nas lojas até o assalto e a colaboração em empreendimentos criminosos de extorsão, tráfico, ilícitos, etc[9] são a conduta mais básica (CABBI (A4IS" 2000" p[10]VE)

c) O Adolescente toxicômano. seria difícil definir este típico dizendo que o adolescente de hoje é descendente de uma geração que tinha nas drogas uma ligação a todos os sonhos de liberação e revolução pessoal, se atual, social, etc[11]. #ode-se entender a situação

desesperadora em que o jovem se encontra. Sem saber formar imagens sem ter tido experiências de que o mundo é bom de que o mundo é belo e percebendo a falsidade e a hipocrisia à sua volta sentindo-se desrespeitado como ser humano. Daí os adultos inconscientemente o consideram uma ameaça pois ele vai querer tomar o lugar deles. Sua atitude natural será a de rebeldia e/ou revolta. Se ele não conseguir encontrar-se por um ideal no sentido de lutar por profundas mudanças na sociedade será obrigado a destruir o que existe através do vandalismo ou a si mesmo seja de forma rápida com o suicídio seja de forma lenta por meio do álcool das drogas etc.

d) O Adolescente que se enfeia. na relação do adolescente com o mundo. Esta é repleta por uma falta de tempo imediato. Este imediatismo é estimulado pela sociedade consumista que incentiva o acúmulo de bens materiais e culturais no menor prazo de tempo. Isto gera ansiedade e frustração no adolescente na medida em que é estimulado a ter acesso ao que é colocado como valor social de referência no momento.

e) O Adolescente barulhento. o adolescente é o maior fã de vídeos. Isto implica em dizer do mais que as histórias importam as imagens e a música pois desta forma o adolescente vive com uma trilha sonora permanente no qual se inspira para compor sua identidade. Podemos percebê-lo irritado romântico inspirado dinâmico dependendo que tipo de som de sua trilha sonora está tocando neste momento. Já o adolescente oscila entre estourar as caixas de som ou viver de bone de ouvido. O recado é claro. ou te ensurdeço ou não te ouço. (CABBI (A4IS D2000) p0C2E0)

2.2.3 O adolescente em conflito com a Lei

Este tópico foi baseado no livro *Adolescente em conflito com a lei da indiferença à proteção integral: uma abordagem sobre responsabilidade penal juvenil* (SALGADO, 2006).

O atendimento à criança e ao adolescente no Brasil sejam eles abandonados carentes ou infratores tem passado por diferentes fases. Sendo assim o primeiro projeto de proteção é iniciativa do qual se tem conhecimento foi enviado à Assembleia Constituinte por José Bonifácio de Carvalho no período do Império e passou a ser representado pelo Artigo 17 da Constituição da época na qual se estabelecia que. Já escrita durante a primeira e passada o terceiro mês não será obrigada a ser serviços violentos e aturados. no oitavo mês será ocupada

em casa" depois do parto terK um m7s de con6alescença e" passado este" durante um ano" não trabal)arK lon&e da cria[0

Ho ano de 1TM1" com a promul&ação da Bei do Fentre Bi6re" começou a se e6idenciar o problema do 5o6em abandonado0 G &o6erno" então" cria o primeiro sistema de atendimento 8 criança e ao adolescente0

A abolição da esca6atura" em 1TTT" causou um &rande crescimento do n' mero de abandonados e in*ratore0 2m 1TU\" o 5urista Candido !ota propJs a criação de uma instituição espec *ica para crianças e adolescentes que" at9 então" *ica6am em prisIes comuns0

2m 1TU6" a roda" sistema usado pelos con6entos da 9poca para o recol)imento de donati6os" *oi trans*ormada na Casa dos 2@postos em decorr7ncia do aumento do n' mero de crianças atendidas pela mesma e tamb9m pela de*ici7ncia da proteção dada pelas amas pa&as para alimentar as crianças no per odo de adaptação0

Com a 4ep'blica" o 2stado intensi*icou a atenção para o problema do 5o6em abandonado0 /oi criado o /undo de Assist7ncia ao !enor e seu Consel)0 Diretor *oi instituído como \$r&ão de #lane5amento do Ser6iço Social ao 5o6em em todo o 2stado0

2m de+embro de 1U6\" *oi instituída a /undação Hacional do ?em%2star do !enor D/AHA ?2 !E" que *oi dele&ada pelo (o6erno /ederal a implantar a #ol tica Hacional do ?em%2star do !enor" com o ob5eti6o de coordenar as entidades estaduais de proteção 8s crianças e aos adolescentes0

#ela primeira 6e+ na)ist5ria constitucional brasileira" com a promul&ação da Bei T06U/U0 D2statuto da Criança e do Adolescente % 2CAE" *oi con*erida 8 criança e ao adolescente a condição de su5eito de direito e de prioridade absoluta" responsabilizando pela sua proteção a *am lia" a sociedade e o 2stado0 2stando em conson3ncia com as diretri+es aprovadas na Con6enção Internacional dos Direitos da Criança" em 20 de no6embro de 1UTU" *e+ com que o pa s adotasse uma no6a doutrina em relação 8 *ormulação e implementação das pol ticas p' blicas 6oltadas para crianças e adolescentes0

Hesse sentido" 9 importante apontar al&uns princ pios contidos no 2CA e que podem ser assim resumidos.

- #rinc pio de atendimento inte&ral % direito 8 6ida" 8 di&nidade" 8 inte&ridade * sica" ps quica e moral" 8 não discriminação" 8 alimentação" 8 educação" ao esporte" ao la+er" etc0 Darts0 Vd" \d e MdEL

- #rinc pio da &arantia prioritKria % prima+ia de receber prote&ção e socorro em quaisquer circunst3nciasL
- #rinc pio da pre6al7ncia dos interesses de crian&as e adolescentes % o interesse de crian&as e adolescentes de6e pre6alecer sobre qualquer outro" quando seu destino esti6er em discuss3oL
- #rinc pio da respeitabilidade % 9 de6er de todos +elar pela di&nidade da crian&a e do adolescente" pondo%os a salvo de qualquer tratamento desumano" 6iolento" aterrori+ante" 6e@at\$rio ou constran&edor Dart0 1T" 12\ " F e 1MTEL
- #rinc pio da si&ilidade % 9 6edado a di6ul&a&ção de atos relacionados a crian&as e adolescentes quando se atribua autoria de ato in*racional Dart0 1\VEL
- #rinc pios da escolari+a&ção *undamental e pro*issionali+a&ção e da reeduca&ção e reinte&ra&ção % promo6er socialmente a sua *am lia" *ornecendo%l)es orienta&ção e inserindo%os em pro&rama o*icial ou comunitKrio de au@lio e assist7ncia" bem como super6isionada a *req<7ncia e o aproveitamento escolar0

_ importante en*ati+ar que" se&undo o 2CA" 9 crian&a a pessoa de at9 12 anos de idade incompletos" e adolescente aquela entre 12 e 1T anos de idade" estando a primeira" em caso de in*ra&ção" su6eita 8s medidas e prote&ção pre6istas no arti&o 101" que implicam um tratamento atra69s de sua pr\$pria *am lia ou da comunidade" sem que ocorra pri6a&ção de liberdade0

#or sua 6e+" o adolescente in*rator pode ser submetido a um tratamento mais ri&oroso" que pode implicar inclusi6e em pri6a&ção de liberdade0 Fale di+er que o 2statuto 9 aplicK6el aos que se encontram entre os 1T e os 21 anos nos casos e@pressos em lei Dcomo" por e@emplo" prolon&amento da medida de internação at9 os 21 anos e assist7ncia 5udicialE0

Ha)ist\$ria recente do atendimento ao adolescente autor de ato in*racional no ?rasil" quatro etapas importantes se destacam.

- 1U\2%1U6\0 /oi a 9poca do SA ! % Ser&i&o de Assist7ncia ao !enor % no qual o modelo de atendimento ao adolescente in*rator era do tipo correcional%repressi6o0 Al&uns dos apelidos das unidades de reclus3o do SA ! eram.]uni6ersidade do crime]"]*ami&erado SA !]"]sucursal do in*erno]" entre outros0
- 1U6\%1UU00 Com a implanta&ção da #ol tica Hacional de ?em%2star do !enor D#H?2 !E" procurou%se *a+er amplos e pro*undos reordenamento institucionais0 /oi criada a /AHA?2 !" como um \$r&ão da administra&ção indireta" li&ado

diretamente a #residência da República" inóestido de *unções normativas e responsáveis pela coordenação Apoio técnico e *financeiro da noça política em âmbito nacional

- 1990%1990 Com a substituição do Conselho de #enores pela CA" em 1990" foi criado o Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência DC?IAE visando um reordenamento institucional e #etiologia das #ormas de atenção direta

A partir de 1990 foi criado o Departamento da Criança e do Adolescente DDCAE" #rão integrante da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos do #inistério da Justiça" que assumiu a coordenação nacional da #olítica de #romoção e (#arantia dos Direitos da Criança e do Adolescente DCGSTA" 1990)

20V FIGBbHCIAS. AB (A ! AS /G4 ! AS D2 2W#BICA4 AS FIGBbHCIAS

Tra+endo esse tema para a re#leção cient #ica" apresenta#se uma classi#icação bastante #eral" destacando alguns tipos de #iolências" conforme mostrado a seguir.

2.3.1 Violência Intrafamiliar (VIF)

A #iolência intra#amiliar" considerada como um #enJmeno universal apresenta algumas #ormas de di#erenciação por classe e #7nero" como #iolência #sica #ra#e #causar lesões" esmurrar" ameaçar ou usar armas e #iolência se#ual.

^000a a #iolência #amiliar # uma #rande alimentadora da #iolência social em #eral" além de ser responsável por #ra#es problemas de sa'de# #uitas das crianças que #o#e #i#em na rua abandonaram seus pais por causa de maus#tratos #sicos ou abusos se#uais. a #iolência na #am#lia prejudica o desenvolvimento" o crescimento das crianças" seu aproveitamento escolar. #ro#oca doenças #sica e mental" nas mul)eres particularmente ^000a a #alta de a#eto e de carinho est# associada # in#ração #u#enil D ! IHA=G" 1990" p# 22UE)

! inaRo D1990\cE e#empli#ica a #iolência contra a criança e/ou adolescente" como o abandono" não s# #sico" mas tamb9m evidenciado atra#s da #alta de demonstração de a#eto e proteção. est multo # competitividade. re#eição" evidenciada pela depreciação" não aceitação de #alores" ne#ação de suas necessidades. isolamento" caracterizado pelo a#astamento de e#periências sociais #abituais # sua idade. aterrorização pela propagação do medo Da#ressão

verbal e não está muito ao crescimento emocional e intelectual" descuidando do desempenho escolar e de desenvolvimento de novas atividades)

! InaRo D200\ aE" ao analisar o problema da violência" refere que a sociedade e o poder público precisam encontrar novas formas de trabalhar a questão e" aponta dois caminhos. abordar o mesmo pela ótica da saúde pública" sem penalizar o infrator" buscando tratá-lo e estimular o exercício da cidadania com ação preventiva) e quanto à violência intrafamiliar afirmam existir aspectos permanentes" como os estruturais e os estruturantes da sociedade)

A violência contra a criança e o adolescente" praticada por pais que sabem que para educar tem que bater é um exemplo de fator estruturante e estrutural da sociedade brasileira que vive com essa mentalidade) Outro exemplo dessa natureza é a violência contra a mulher)

A violência intrafamiliar é tão naturalizada que as pessoas não denunciam como deveriam) Segundo dados do IBGE (2002) da população brasileira cerca de 25% a violência física contra crianças e adolescentes) Estudos mostram que esse tipo de violência intrafamiliar é potencializadora da violência social em geral) Porque" desde cedo" foi acostumado na vida de violência física" abuso sexual ou violência psicológica" tende a repetir isso nas suas relações) Tende" não quer dizer que está determinado ou que vai repetir" mas tende a repetir) (IHA=G" 2002) p. 11)

A violência doméstica contra a criança tende a que" sobretudo nas classes populares" as crianças saiam de casa" fiquem na rua" procurem seus meios de vida" e acabem" muitas vezes" no tráfico) Não é determinante" mas existe uma tendência de acontecer isso) Esse tipo de violência é no seio da família" do pai" do homem que mata porque" foi traído" da mulher que esfaqueia o marido" ainda permanece nos dias atuais) _ como se isso estivesse adormecido e naturalizado na sociedade)

Para o enfrentamento das violências" temos o Estatuto da Criança e do Adolescente" ECA" e grupos feministas que promovem debates e campanhas de denúncias as mais diversas formas de violências contra mulheres" crianças" adolescentes e idosos) Esta realidade demonstra o nível de consciência social que vivenciamos e a diminuição da aceitação das violências" que continuam crescendo em nosso cotidiano)

^c Dados IBGE (2002) "Indicadores sobre crianças e adolescentes"

2.3.2 Violência estrutural

Entende-se como aquela que oferece um marco de definição do comportamento e se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos classes e indivíduos aos quais são negadas conquistas da sociedade tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte (HARRISON, 1997, p. 101).

Desta forma a alienação do trabalho e das relações o menosprezo de valores e normas em função do lucro o consumismo o culto à riqueza e o machismo são alguns dos fatores que contribuem para a expansão da delinquência. Portanto, assaltos seqüestros guerras entre quadrilhas delitos sob a ação do álcool e de drogas roubos e furtos devem ser compreendidos dentro do marco referencial da violência estrutural dentro de especificidades históricas.

Conforme assinala (HARRISON) essas estruturas influenciam profundamente as práticas de socialização levando os indivíduos a aceitar ou a internalizar sofrimentos segundo o papel que lhes corresponda de forma naturalizada.

2.3.3 Violência de resistência

Constituem-se nas diferentes formas de resposta dos grupos classes e indivíduos oprimidos à violência estrutural. Esta categoria de pensamento e ação geralmente não é naturalizada pelo contrário é objeto de contestação e repressão por parte dos detentores do poder político econômico e/ou cultural.

Na realidade social a violência e a justiça se encontram numa complexa unidade dialética e segundo as circunstâncias pode-se falar de uma violência que pisoteia a justiça ou de uma violência que restabelece e defende a justiça (HARRISON, 1997, p. 106).

2.3.4 Violência da delinquência

Considera-se aquela que se rebelde nas ações fora da lei socialmente reconhecida. A análise deste tipo de ação necessita passar pela compreensão da violência estrutural que não só confronta os indivíduos uns com os outros mas também os corrompe e impulsiona ao delito. A consciência social sobre esse tipo de violência vai crescendo mas ela é tradicional e

cont nua

G 506em de6e ser prote&ido" cuidado" ele precisa de pai e mãe. Ho sentido "reudiano" eles si&nicam a lei" a compreens&o dos seus de6eres com a sociedade. a percep&o dos limites que a "am lia e a sociedade de6eriam estar proporcionando. G 506em estK precisando de mãe" tamb9m no sentido "reudiano" de "eto" de carin)o" e do cuidado que a sociedade tamb9m de6eria estar pro6endo a ele. 2le transita por muitas di*iculdades" desde a possibilidade de encontrar o primeiro empre&o" de aprender" ter uma escola de qualidade" entre outras possibilidades que o au@iliem na sociedade em que estK inserido.

Contribuindo para a re*le@o&o cient *ica sobre o tema" Da !atta D1UT2E recomenda a se&uinte postura metodol&ica relacional e dial9tica.

- em primeiro lu&ar" adotar uma perspecti6a)ist&rica na anKlise" isto 9" especi*icar a sua din3mica no tempo e no espaço" correlacionando%a com outros "atores" sem abandonar o seu carKter de uni6ersalidade e abran&7ncia.
- e6itar uma discuss&o de 6i9s 6alorati6o e normati6o" ou se&ar um discurso a "a6or ou contra" que di*iculta o entendimento do "enJmeno. Assim" como todo "enJmeno social" a 6iol7ncia 9 um desa*io para a sociedade" e n&o apenas um mal. 2la pode ser elemento de mudançã.
- relacionar o crime 8 normal, o des6io 8 re&ra, o con*lito 8 solidariedade, a ordem 8 desordem, o cinismo 8 consci7ncia e aç&o sociais. #orque o crime e o casti&o" a ordem e a desordem" a 6iol7ncia e a conc&rdia re6elam" tamb9m" as "ormas de propriedade e de &o6erno" bem como as leis do mercado.

2.3.5 Violência social

! inaRo D1UU\cE" ao escre6er sobre a 6iol7ncia social sob a perspecti6a da Sa'de #ublica" a*irma e@istir uma consci7ncia e um impulso na Krea para 6oltar sua atenç&o para o campo da pre6enç&o. Alerta sobre as di*iculdades de sua implementaç&o" tendo em 6ista n&o s& a comple@idade do "enJmeno da 6iol7ncia" como a e@i&7ncia" para a sua reali+aç&o" da inte&raç&o de es*orços e pontos de 6ista de 6Krias disciplinas" setores" or&ani+aç&es e comunidades.

Atualmente" 5K e@iste con)ecimento cient *ico su*iciente para atribuir caracter sticas

biológicas a comportamentos agressivos" como o caso de alterações na concentração de serotonina nas áreas de ligação do cérebro nos lobos temporais e outros. Segundo Ballone a pesquisa médica falou em explorar adequadamente a combinação de aspectos sociais e biológicos nas diferenças da saúde do homem e da mulher. Conseqüentemente aplicações científicas recentemente provêm de interpretações reducionistas que estas diferenças sejam puramente biológicas ou sociais. (Eraldo José Ballone médico psiquiatra da Pontifícia Universidade Católica de Campinas) afirma que "Hoje em dia existe mais um elemento para completar o aspecto multifatorial da violência trata-se do modelo bio-psico-social que inclui o elemento psicológico ou psicopatológico. Em termos didáticos o modelo exclusivamente social afirma que "Na ocasião o ladrão enquanto o modelo exclusivamente biológico afirma que "o ladrão está pronto" esperando apenas a oportunidade para roubar. O modelo bio-psico-social afirma que "Na ocasião pode acontecer um ladrão e ele roubar".

2.3.6 Comportamento violento (personalidade anti-social)

Normalmente a questão do comportamento violento que culmina para o crime principalmente contra a pessoa envolve uma série de razões e comentários que ultrapassam em muito o ato delituoso em si. São questões que ressaltam na ética na moral na psicologia e na psiquiatria simultaneamente. Podemos atrelar ao criminoso traços e características psicopatológicas ou sociais entre elas as indicações do porque ele cometeu esse crime estaria perturbado psicologicamente estaria encurralado socialmente ou seria essa a única alternativa.

O comportamento violento da sociedade humana tem inspirado pesquisas em várias áreas de conhecimento inclusive da biologia. Ballone fala sobre a importância do comportamento violento na espécie humana. A agressividade matricial psicofisiológica da agressão é parte de nosso arsenal de comportamentos dirigidos à adaptação. O ser humano não sobreviveria sem a agressividade. Ainda segundo o médico o que possibilitou a diferença de nosso cérebro em relação às demais espécies foi o desenvolvimento de uma parte do componente do cérebro ou seja o chamado *cérebro racional* encontrado também nos mamíferos superiores. Essa parte é responsável pela resposta às ações voluntárias como por exemplo a percepção a consciência o aprendizado e a linguagem.

Dessa forma as ações violentas sobre o psiquismo humano são aquelas que afetam profundamente a vida psíquica do ser humano isto é que prejudicam o funcionamento psíquico. Submetida a essas ações violentas sobre o psiquismo humano a pessoa deixa de ser dona e senhora de seu eu deixando de governar-se e determinar-se a si mesma perdendo consequentemente o domínio de seu ser e de sua liberdade.

Na realidade a personalidade Anti-social pode ser considerada por alguns autores como sinônimo da Sociopatia. Para esta pesquisa preferimos descrevê-la separadamente. Isso facilitaria uma maior compreensão conceitual e a possibilidade do Transtorno Anti-social ser algo mais ameno que a Sociopatia embora da mesma família. Fez-se a personalidade Anti-social nos Transtornos da Binômica Sociopática da personalidade.

Segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) a personalidade Anti-social é um Transtorno de personalidade caracterizado por um desprezo das obrigações sociais e falta de empatia para com os outros. Há um desvio considerável entre o comportamento e as normas sociais estabelecidas sendo que esse comportamento não seria modificado pelas experiências adversas inclusive pelas correções e punições.

Existe uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade inclusive da violência. Existe também na personalidade Anti-social uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade. A CID-10 considera a personalidade Anti-social como sinônimo de Transtorno Amoroso da personalidade Transtorno Associal da personalidade personalidade psicopática ou Sociopatia.

2.3.7 Violência doméstica

A violência doméstica é um problema universal que atinge milhões de pessoas em grande número de países de forma silenciosa e dissimulada. Trata-se de um problema que acomete ambos os sexos e não costuma obedecer nenhum nível social econômico religioso ou cultural específico como poderiam pensar alguns.

Sua importância é relevante sob dois aspectos. Primeiro devido ao sofrimento indescritível que imputa às suas vítimas muitas vezes silenciosas e em segundo porque cientificamente está comprovado que a violência doméstica incluindo a negligência precoce e

o abuso sexual podem impedir um bom desenvolvimento físico e mental da vítima. Dessa forma, o lar passa a ser identificado como um ambiente de não proteção da criança pois violências físicas e psicológicas abusos sexual e de gênero tem lugar predominantemente doméstico.

É uma grande dificuldade de informações confiáveis e sistemáticas sobre a violência que ocorre dentro de casa. registros e notificação independentes sem padronização ou cruzamento de informações que garantam um monitoramento das políticas de redução da violência. A quase inexistência de pesquisas quantitativas e qualitativas que demonstrem as taxas da violência contra a mulher no país até hoje são precárias. Até 1997 o país contava com apenas uma pesquisa nacional realizada pelo IBGE contabilizando o alcance do problema. Somente em 2001 realizou-se a segunda pesquisa nacional executada nos domicílios pela Fundação Perseu Abramo revelando dados mais abrangentes sobre a questão no Brasil. Os resultados dessa pesquisa revelam que a responsabilidade do marido ou parceiro como principal agressor varia entre 65% e 80% das ocorrências de violência e considerando o assédio sexual.

Em relação ao setor de saúde em 2006 foi aprovada a Lei 10.001/06 que estabelece a Notificação Compulsória no território nacional dos casos de violência contra as mulheres que sejam atendidas no serviço público ou no privado de saúde. Com esta lei o governo pretende dimensionar a magnitude do problema, caracterizar as circunstâncias da violência, o perfil das vítimas e dos agressores e contribuir com a produção de evidências para o desenvolvimento das políticas e ações governamentais.

2ª Lei de cumprimento finalmente a Convenção para prevenir e erradicar a Violência contra a mulher da Organização dos Estados Americanos. A Convenção de Belém do Pará ratificada pelo Estado brasileiro há 11 anos. O Brasil é o 1º país da América Latina a ter uma lei desta natureza.

2.3.8 Violência urbana

Podem-se incluir neste item o terrorismo, guerra, violência pessoal, seqüestro entre outros. O medo pode matar e isso não é nenhuma novidade na medicina. A ansiedade que é a versão civilizada do medo também mata. Os atos de violência em qualquer de suas formas desde violência coletiva como é o caso da guerra dos atentados das violações de direitos

etc" at9 a 6iol7ncia indi6iduali+ada" como s3o os assaltos" os estupros" a tortura" etc) pode ser comparada a uma esp9cie de deteriora73o da alma)

Se&undo o ! anual Dia&n\$stico e 2stat stico de Transtornos ! entais DDS ! %IFE" as 6 timas diretas ou indiretas D*amiliares" testemun)as" etcE da 6iol7ncia correm riscos de desen6ol6erem al&um transtorno emocional DTranstorno de 2stresse #\$\$%TraumKticoE em torno de 60 f " enquanto a porcenta&em da popula73o &eral tem este mesmo risco redu+ido a 20 f) PK 6Krios *atores etiolo&icos poss 6eis para e@plicar o transtorno de estresse p\$\$% traumKtico) 2stes *atores en6ol6eriam o 2stressorL /atores #sicodin3micos e /atores ?iol&icos)

G transtorno de estresse p\$\$%traumKtico" em &eral desen6ol6e%se al&um tempo ap\$ o trauma" podendo ser bre6e como uma semana" ou lon&o como VO anos) Gs sintomas podem 6ariar ao lon&o do tempo e intensi*icarem%se mais durante per odos de estresse) As pessoas muito idosas e muito 5o6ens t7m mais di*iculdade com os e6entos traumKticos em rela73o 8s de meia idade) Gs idosos de6ido 8 tend7ncia de terem mecanismos mais r&idos de en*rentamento e a serem menos capa+es de colocar em a73o um en*oque *le@ 6el para lidarem com os e*eitos do trauma" teriam mais di*iculdade para lidar com o trauma) As crian7as pequenas de6ido ao *ato de ainda n3o possu rem um mecanismo de en*rentamento adequado para lidarem com os insultos * sicos e emocionais do trauma" teriam mais di*iculdade com os traumas D ; A#BAH" 1UUME)

A pre6al7ncia no per odo de 6ida do transtorno de estresse p\$\$%traumKtico estK estimada entre 1 a V f da popula73o &eral" embora C a 1C f adicionais possam e@perimentar *ormas subcl nicas do transtorno) 2m indi6 duos que passaram por e6ento traumKtico &ra6e a pre6al7ncia 9 de C a MC f durante toda a 6ida) _ mais pre6alente em adultos 5o6ens em 6ista da nature+a das situa73es precipitadoras)

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

V01 TI#G D2 #2SeAISA 2 #G#ABAXYG DG 2STADG

A abordagem da pesquisa é qualitativa com caráter descritivo. Segundo Yin (2003) a pesquisa qualitativa "o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de se conseguir aproximação com aquilo que se deseja conhecer e estudar" para criar um conhecimento da realidade presente no campo. A pesquisa Descritiva porque de acordo com Silva e Almeida (2001) descreve as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Também o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados através de entrevistas "observação direta" e documental.

Para esta pesquisa a amostra foi constituída por 08 informantes identificados como ZFior (abreviatura do título da pesquisa. Crianças residentes ou procedentes de Santo Agnelo com idade S\$ocio%2ducati6a D!S2E de Internação De*initi6a ou por tempo Indeterminado D06 meses 8 0V anos).

Os critérios para a escolha dos informantes foram:

- Residir em Santo Agnelo no momento da internação.
- Os adolescentes selecionados para as entrevistas passaram antes por atendimento da equipe técnica pois um dos instrumentos de coletas de dados documentais é o Plano Individual de Atendimento (PIA). Esta seleção obedeceu a critérios como delimitados no projeto de pesquisa como "residir em Santo Agnelo no momento da internação e ter sido decretada pelo Juizado da Infância e da Juventude (idade S\$ocio%2ducati6a! S2 de internação De*initi6a" caracterizada por período de 06 meses a 0V anos.
- Aceitação em participar do estudo.

V020 CGHT2WTAABI>AHDG G 2STADG" G ! AHICÍ#IG 2 G C2H - 4IG DG 2STADG

#ara este t\$ptico" as in*ormaçIes *oram baseadas no li6ro *ZHistória do Rio Grande do Sul.*” D#2SAF2HTG" 1UTOE0

3.2.1 Situando o Estado do Rio Grande do Sul

O Centro de Atendimento S\$cio 2ducati6o 4e&ional em estudo estK locali+ado no munic pio de Santo gn&elo%4S0 G 4io (rande do Sul" 4S" estado brasileiro locali+ado na re&ião Sul0 #ossui como limites Santa Catarina DHE" oceano Atl3ntico DBE" Aru&uai DSE e Ar&entina DGE0 Gcupa uma Krea de 2T200620m20 Sua capital 9 #orto Ale&re0 As cidades mais populosas são. #orto Ale&re" #elotas" Ca@ias do Sul" Canoas e Santa !aria0 G rele6o 9 constitu do por uma e@tensa bai@ada" dominada ao norte por um planalto0 Aru&uai" Taquari" I5u" Jacu" Ibicu" #elotas e Camacua são os rios principais0 G clima 9 subtropical e a economia do 2stado se baseia na a&ricultura Dso5a" tri&o" arro+ e mil)oe" na pecuKria e na ind' stria Dde couro e calçados" aliment cia" t7@til" madeireira" metal' r&ica e qu micaE0

A)ist\$ria do 4io (rande do Sul começou bem antes da e*eti6a ocupaçãõ de seu territ\$rio pelos portu&ueses0 Inicialmente" o 2stado era uma]terra de nin&u9m]" de di* cil acesso e muito pouco po6oada0 Fa&a6am por suas pradarias os ndios &uaranis" c)arruas e tapes e" 6e+ por outra" a6entureiros que penetra6am em seu territ\$rio em busca de ndios para apresar e escra6i+ar0

2sse quadro *oi modi*icando com a c)e&ada dos padres 5esu tas que" no in cio do s9culo WFII" na re&ião *ormada pelos atuais estados do 4io (rande do Sul e #aranK" e pela Ar&entina e #ara&uai" *undaram as !issIes 5esu ticas0 Helas se reuniam" em torno de pequenos &rupos de reli&iosos" &randes le6as de ndios &uaranis con6ertidos0

#rocurando &arantir a alimentaçãõ desses ndios" os 5esu tas introdu+iram o &ado em suas reduçIes0 G clima e a 6e&etaçãõ prop cios *i+eram com que o &ado se multiplicasse0 Com isso" a re&ião passou a o*erecer dois atrati6os para os que apresa6am ndios. al9m deles")a6ia tamb9m o &ado0 At9 16\0 6Krias e@pediçIes 6indas de São #aulo esti6eram no 4io (rande" para capturar ndios e &ado" pro6ocando o desmantelamento das !issIes e@istentes no atual

2stado)

2 1MF0

Ao final do século XVII" devido aos constantes conflitos de fronteira entre Portugal e Espanha os jesuítas resolveram concentrar a população indígena convertida em uma Krea que considerada mais segura" e escolheram a zona localizada na região noroeste do Rio Grande do Sul foram criados os Sete Povos das Missões" mas a prosperidade desses povos" que funcionavam independentemente das coroas portuguesa e espanhola" terminou por decretar o seu fim em 1763" o Tratado de Madrid" firmado entre os dois países estabeleceu que as regiões das Missões passassem à posse de Portugal" em troca da Colônia de Sacramento" que já havia sido fundada pelos portugueses em 1680.

de dificuldade pelo governo central" que precisou enviar grande parte do exército brasileiro para o Rio Grande do Sul. Ao final, ciente das dificuldades que a guerra estava causando e preocupado com a eventualidade de uma guerra iminente com a Argentina, o governo brasileiro terminou por estabelecer um acordo com os rebeldes, garantindo que nenhum deles seria punido e que os oficiais que participaram da revolução seriam reintegrados ao Exército Brasileiro.

A revolução significou uma pausa de dez anos no desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Por outro lado, garantiu ao Estado um grau de respeitabilidade política que nunca antes fora alcançado por qualquer outro Estado além de Janeiro e São Paulo, onde se encontravam as forças econômicas que governavam o país.

Em 1850 começaram a chegar ao Rio Grande imigrantes italianos. Como as terras da proximidade da capital ainda estavam ocupadas pelos alemães, foram encaminhados para a região da Serra dos Caracóis, aos poucos se desenvolveu o eixo básico de industrialização do Estado, que ligava a capital a Caxias do Sul, esta como cidade-polo da região de imigração italiana, passando pelo Vale dos Sinos, a região de colonização alemã. Esse eixo tornou-se vital para o desenvolvimento industrial e econômico do Rio Grande do Sul.

Durante este século a situação econômica do Estado passou por uma progressiva transformação. No campo da diversificação a indústria avançou. Nos cultivos, como o arroz, foram introduzidos. Há década de setenta o boom da soja levou um produto a entrar no mercado internacional. Paralelamente a pecuária perdeu a condição de atividade primária.

A atividade industrial, nascida do artesanato dos imigrantes, se desenvolveu em um ritmo crescente. O eixo Porto Alegre - Caxias se transformou na área de maior concentração industrial do Estado. No Vale dos Sinos cresceu a indústria calçadista, que se tornou uma das locomotivas da exportação da indústria brasileira de manufaturados. Essa condição foi mantida até o início da década de 1970, quando a produção calçadista chinesa começou a ameaçar a indústria calçadista nacional. Em Caxias do Sul os setores mecânico e metalúrgico ganharam relevância. A região de colonização italiana se transformou numa grande fornecedora de peças e componentes para a indústria automobilística nacional.

O crescimento industrial não significou, contudo, o abandono da agricultura. O Rio Grande do Sul continua sendo considerado juntamente com o Paraná como o Estado celeiro do país, responsável pela maior produção nacional de grãos. De um Estado que se encontrava

8 mar&em da economia brasileira" o 4io (rande se trans*ormou em uma das bases dessa economia0

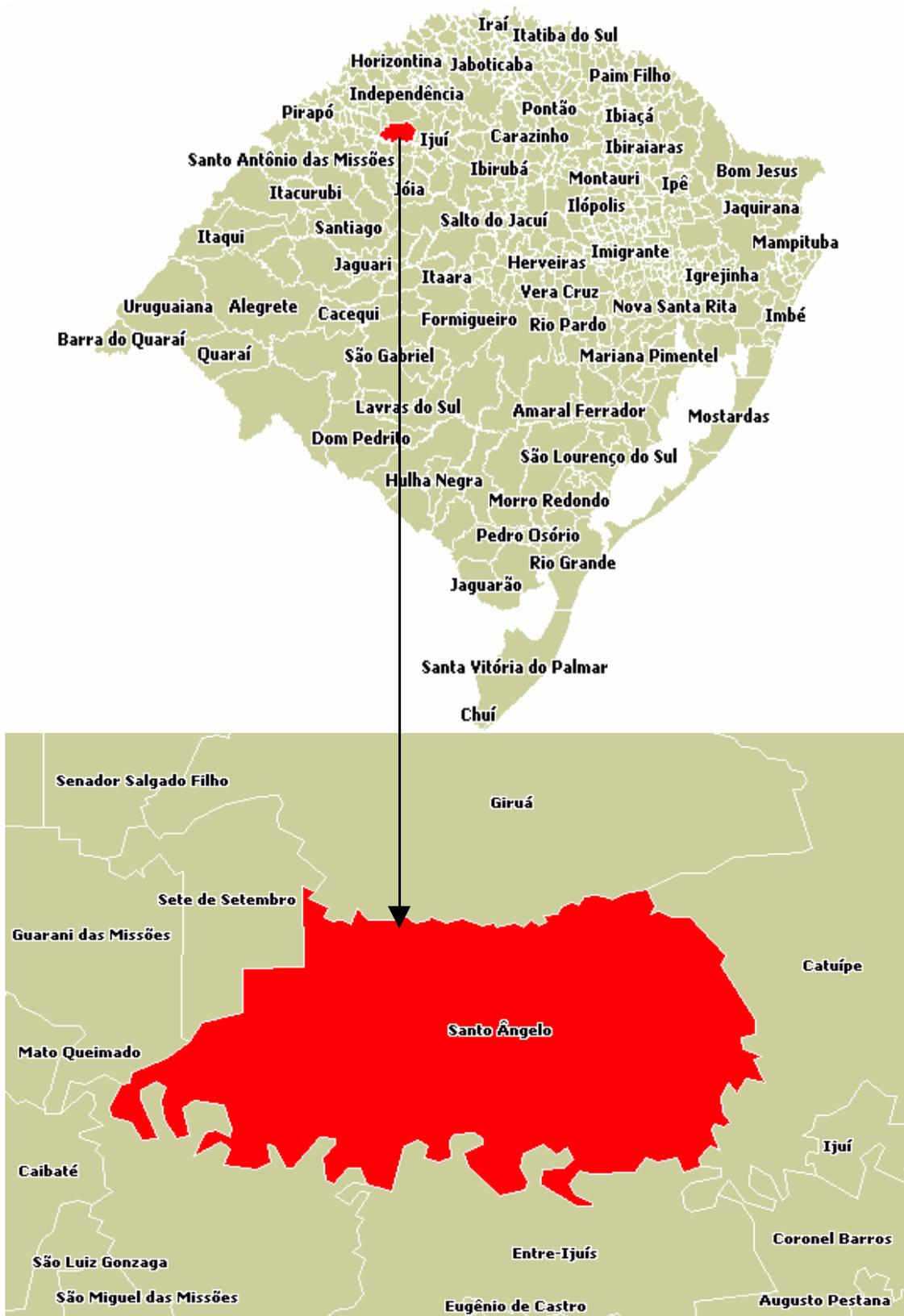


Figura 01 - Mapa do Estado do RS e município de Santo Ângelo/Rs

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2006)

3.2.2 Descrevendo a origem do município de Santo Ângelo

A descrição histórica e sócio espacial de Santo Ângelo tem por texto básico informativo os *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missionários* DAHAIS (1960) Sobre o município este documento mostra que o mesmo com a denominação de Santo Ângelo Custódio foi a última redução jesuítica a ser fundada dos Sete Povos da Banda Oriental do Uruguai e esteve entre 12 de agosto de 1606 até o ano seguinte (1607) instalada na margem esquerda do rio Ijuí (uaçu atual Ijuí (rande)).

Seu fundador o padre Diogo Paiva belga de nascimento ali chegando de Conca!

Argentina)

O município de Santo Ângelo foi instalado no ano de 1917, localizado na região Oeste do Estado do Rio Grande do Sul, como a Capital das Missões, estando a 216m acima do nível do mar.

Seu relevo é ondulado do tipo colúmbio e circunscrito, ainda sua geografia é latossol. O solo é rochoso, com textura argilosa, tipo Santo Ângelo. Há se apresentam desertificação. Possui cerca de 60% dos campos e 10% das matas são lavouras de trigo e soja, basicamente. Existem reforestamentos de árvores nativas e exóticas, além de pinus e eucaliptos. Conta uma população aproximada de 100 mil habitantes, formada por acentuada miscigenação de raças, com predominância de portugueses, alemães e italianos.

Quanto à arquitetura, não existe em Santo Ângelo um estilo único ou predominante, existem sim vários estilos de várias épocas.

Entre as igrejas são as religiosas, algumas com grande tradição na cidade, outras mais recentes. Em 1917 foi fundada por um grupo de descendentes alemães a primeira Igreja Católica, seguindo-se. Testemunha de Jeová, Assembleia de Deus, Comunidade Evangélica Buterana no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular, Centros Espíritas e uma Igreja de seitas afro-brasileiras, conforme destaca a página da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo.

A cargo dos Centros de Tradições e Culturas, existem os grupos culturais, organizados com o intuito de preservar as tradições universais da comunidade. Os grupos étnicos de acordo suas etnias: Alemães, Italianos, Kabes, portugueses, suíços, espanhóis, afro, poloneses, franceses, produzem no decorrer dos anos, uma riqueza cultural que se distingue pela diversidade e beleza.

3.2.3 Local do estudo

Para a realização da pesquisa foi escolhida uma das unidades pertencente à Fundação de Atendimento Socioeducativo do Estado do Rio Grande do Sul (AS2) que a partir do ano de 2002 denominou-se Fundação Estadual do Bem Estar do Menor do Estado do Rio Grande do Sul (EBEM/4S). Criada em 1964 pela Lei Complementar nº 64, criada por finalidade proporcionar e executar no âmbito do Estado do RS políticas para prestar assistência aos menores carentes e abandonados, bem como dar seqüência às decisões proferidas pela Justiça de Menores

instituidores[0]

Em 21 de maio de 2002 a Fundação de Atendimento Sócio Educacional do Rio Grande do Sul (FAS) a partir da Lei Estadual nº 11.000 e do Decreto Estadual nº 10.666 do "Estatuto Social" de 06 de junho do mesmo ano. Com esse novo arcabouço jurídico consolidou-se o reordenamento institucional que já havia iniciado com a aprovação do "Estatuto da Criança e do Adolescente" (ECA) (Lei nº 8.069/90).

Com o advento do ECA no início da década de 90 houve a necessidade de reordenamentos dos serviços públicos e entidades da sociedade civil que atuam na área da infância e juventude com vistas à adequação aos novos paradigmas conceituais e legais de atenção a esta população. Há, assim, neste processo de reordenamento, bem evoluindo ao longo das décadas da Fundação. Atualmente a área de proteção especial foi transferida para a Secretaria do Trabalho e Cidadania e Assistência Social, definindo o papel da Fundação no sistema de atendimento como o serviço responsável pela execução das medidas sócio-educativas de Internação e Semiliberdade.

As medidas sócio-educativas aplicadas nos CASs estão fundamentadas no Programa de Execução de Medidas Sócio-educativas de Internação e Semiliberdade, nº 1.215.

As unidades da FAS do adolescente ingressa somente com determinação judicial e com a confirmação de que deverá ser levado em conta a proximidade do centro com a residência da família. Dessa forma, cada centro regional pertence a um Juizado Regional da Infância e da Juventude.

A população de internos na FAS⁶ em março deste ano era de 112 adolescentes, sendo 21 do sexo feminino, representando 19% e o centro em estudo tinha 66 internos, representando 58%.

3.2.4 Descrevendo os Centros de Atendimento Sócio Educativo - CASEs

Atualmente esta Fundação possui 16 unidades regionais denominadas de Centro de Atendimento Sócio-Educacional (CASE).

O processo sócio-educativo é um processo interativo que possibilita o desenvolvimento dos adolescentes e dos adultos em suas múltiplas dimensões, bem como a

⁶ Fonte: FAS - Assessoria de Informação e Comunicação, (dados de população em 01/03/2006).

construção de identidades culturais" solidárias e autônomas) A seguir apresentamos a capacidade física e funcional dessas unidades)

a) Unidades de Internação situadas em Porto Alegre.

Centro de Internação Provisória Carlos Santos: possui capacidade para 60 adolescentes) Destina-se ao atendimento de adolescentes em regime de liberdade condicional e ao cumprimento de medida de Internação provisória de adolescentes em período de passagem a definição da sua situação jurídica ou do seu perfil comportamental oriundos do Juizado Especial de Porto Alegre e dos Juizados de Honra Pátrio Santa Cruz do Sul e Grão que ainda não possuem unidade da /AS2)

Comunidade Sócio-Educativa. possui capacidade para 116 adolescentes" destina-se à execução de medida de internação e atende em cinco subunidades independentes" quatro com capacidade para 22 adolescentes e uma subunidade denominada Z2[" para Internação Com possibilidade de Atividades Alternativas DIC#A2E" com capacidade para 2T adolescentes) A subunidade ZA[atende adolescentes de 1º ingresso no sistema de internação" oriundos de Porto Alegre e Honra Pátrio em regime de Internação Sem possibilidade de Atividade Alternativa DIS#A2E) A unidade Z?[atende jovens adultos de 17 anos a 21 anos com perfil de maior comprometimento) As unidades ZC[e ZD[atendem adolescentes reincidentes no sistema de internação)

Centro de Atendimento Sócio-educativo Feminino. possui capacidade para 77 adolescentes" destina-se ao atendimento de adolescentes do sexo feminino que cumprem medida de Semiliberdade" Internação com possibilidade de Atividade Alternativa DIC#A2E" Internação sem possibilidade de Atividade Alternativa DIS#A2E e Internação provisória" oriundas dos 10 Juizados da Infância e da Juventude do Rio Grande do Sul)

Centro de Atendimento Sócio-educativo Regional de Porto Alegre I. possui capacidade para 100 adolescentes" destina-se ao atendimento de adolescentes em situação de primeiro ingresso e com sentença de primeiro grau" oriundos do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre)

Centro de Atendimento Sócio-educativo Padre Cacique. possui capacidade para 100 adolescentes) Destina-se ao atendimento de adolescentes com medida de Internação Sem possibilidade de Atividade Alternativa, IS#A2" Com possibilidade de Atividade Alternativa % IC#A2" oriundos dos Juizados da Infância e da Juventude onde ainda não há unidades da

/AS2 DHo6o Pambur&o" Santa Cru+ do Sul e Gs\$rioE0

Centro de Atendimento Sócio-Educativo Regional de Porto Alegre II: possui capacidade para 160 adolescentes" constituído a partir de reforma do antigo Abrigo Juvenil /eminino DAJ/E0 Destina-se ao atendimento de adolescentes de primeiro ingresso provenientes da região do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre

b) Unidades de Internação no interior

Centro de Atendimento Sócio-Educativo - Regional de Novo Hamburgo. possui capacidade para 60 adolescentes" destina-se à internação de adolescentes de primeiro ingresso com origem na região" sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Novo Hamburgo

Centro de Atendimento Sócio-Educativo - Regional de Santo Ângelo. possui capacidade para 100 adolescentes" Destina-se à internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região" sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Santo Ângelo

Centro de Atendimento Sócio-Educativo – Regional de Santa Maria. possui capacidade para 100 adolescentes" Destina-se à internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Santa Maria

Centro de Atendimento Sócio-Educativo - Regional de Pelotas. possui capacidade para 100 adolescentes" Destina-se à internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Pelotas

Centro de Atendimento Sócio-Educativo - Regional de Caxias do Sul. possui capacidade para 100 adolescentes" Destina-se à internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Caxias do Sul

Centro de Atendimento Sócio-Educativo - Regional de Uruguaiana. possui capacidade para 100 adolescentes" Destina-se à internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Uruguaiana

Centro de Atendimento Sócio-Educativo - Regional de Passo Fundo. possui capacidade para 10 adolescentes. Destina-se à internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Passo Fundo.

c) Unidades de Semiliberdade, no interior

Centro de Atendimento em Semiliberdade Regional de Santa Maria. possui capacidade para 20 adolescentes. Destina-se à educação de crianças e adolescentes em Semiliberdade a adolescentes e jovens adultos com origem na região sob jurisdição do Juizado da Infância e Juventude de Santa Maria.

Centro de Atendimento em Semiliberdade - Regional de Caxias do Sul. possui capacidade para 10 adolescentes. Destina-se à educação de crianças e adolescentes em Semiliberdade a adolescentes e jovens adultos com origem na região sob jurisdição do Juizado da Infância e Juventude de Caxias do Sul.

Centro de Atendimento em Semiliberdade de São Leopoldo. possui capacidade para 20 adolescentes. Destina-se à educação de crianças e adolescentes em Semiliberdade a adolescentes e jovens adultos com origem na região sob jurisdição do Juizado da Infância e Juventude de Hócio Pambulão. Trata-se de um trabalho inédito no país desenvolvido em parceria com outras instituições onde a Fundação compartilha a responsabilidade do atendimento por meio de um convênio firmado entre a STCAS e o Conselho Municipal de São Leopoldo.

3.2.5 Descrevendo o cenário onde se desenvolveu o estudo

O CAS2 escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa recebe adolescentes do sexo masculino de 12 a 21 anos autor de ato infracional que por determinação judicial do Juizado da Infância e da Juventude deve cumprir medida socioeducativa de internação em estabelecimento educacional e aqueles detidos provisoriamente que aguardam seu julgamento.

Ho caso específico o centro em que se desenvolveu pesquisa pertence à Fara da Infância e da Juventude de Santo Ângelo abrangendo 12 municípios totalizando uma população adolescente de 160.100 sendo que 20 desses adolescentes cumprem medida socioeducativa em meio Aberto. O TFE atua através de prestação de serviços à

^M Pesquisa elaborada e executada pelo Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CDDCA) Santo Ângelo 2000 in >A ! ?IASI% **Discurso do Senador Sérgio Zambiasi.**

Comunidade D#SCE e Biberdade Assistida DBAE0

A capacidade * sica e *uncional do centro em estudo 9 para receber e atender \0 adolescentes em ! S2 de pri6a7o de liberdade" estando di6idido em dois setores. Setor A Dcom 21 quartos indi6iduaisE e Setor ? D1U quartos indi6iduaisE" cada setor possui ban)eiro coletivo e depend7ncia para sala de TF" bem

Atendimento D#IAE0

Cabe a c)ete de equipe de plantão receber o adolescente na unidade encaminhando-o para a6aliação *sica0 Ap\$ss cumprir os procedimentos le&ais" o adolescente somente 9 admitido na unidade depois da a6aliação inicial pela equipe de sa'de" 6isando &arantir a aus7ncia de lesIes *sicas e/ou alteraçIes psicol\$&ica0 _ nesse momento" que inicia o acompan)amento por um monitor" que *arK a inspeção no adolescente e nos pertences deste" 6isando pre6enir que o interno não 6K para a sala de tria&em e depois para o quarto portando dro&a" arma ou al&um material que possa ser usado na *abrigação de estoque" ou se5a" de arma artesanal0 Caso se5a obser6ada presença de lesão" de6erK ser encaminhado pela Instituição Dpolícia cívil" bri&ada militar" consel)o tutelarE que o trou@e 8 unidade Dcaso não possuaE para a6aliação m9dica na rede)ospitalar local0 Ap\$ss a liberação pela equipe de en*erma&em" o adolescente 9 encaminhado para)i&ieni+ação e alimentação" orientação da din3mica institucional" e ao dormit\$rio Dcon*orme crit9rios da unidadeE" apresentação aos demais adolescentes e *uncionKrios0 De6e permanecer na sala de tria&em at9 M2)oras0

IMAGENS DO AMBIENTE DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA



Figura 02 - Área externa do CASE Santo Ângelo

Fonte: a pesquisadora 2006



Figura 03 - Área interna do CASE Santo Ângelo

Fonte: a pesquisadora 2006

V0V0 ! 2DIDAS ShCIG%2DACATIFAS D ! S2E

Este tópico foi baseado na monografia de *ANNY LETÍCIA CHAVES*, acadêmica de enfermagem da Universidade Federal Integrada do Alto Araguaia e das Missões/A41" campus de Santo Antônio com o título "A Identidade Cultural do Adolescente em Conflito com a Lei e sua implicação na Constituição do Plano Individual de Atendimento" #IA[" DCPAF 2S" 2006E0^T

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) pode ser dividido em duas partes quanto sua organização e suas medidas. Medidas de proteção e medidas socioeducativas

As medidas de proteção encontradas no artº 101" do ECA são aplicáveis a crianças e adolescentes cujos direitos fundamentais na lei foram ameaçados ou violados" todavia as medidas socioeducativas previstas no artº 112" do ECA são aplicadas exclusivamente a adolescentes promotores de atos infracionais (SA 4 AIFA" 2002E0)

Atto infracional é a somatória de "meros autores interlocores" sendo o ECA definido em seu artº 10V" como atto infracional "toda conduta descrita como crime ou contração penal" (SA 4 AIFA" 2002E0)

As medidas socioeducativas devem proporcionar aos adolescentes a superação de sua condição" estando previstas no artº 112 do ECA.

- advertência
- obrigação de reparar o dano
- prestação de serviços à comunidade
- liberdade assistida
- inserção em regime de semiliberdade
- internação em estabelecimento educacional (SA 4 AIFA" 2002" p02UE0)

Para Ferreira e Cavalcante (2002E" as ações socioeducativas devem ser realizadas através de uma ação conjunta que compreenda a articulação pedagógica e terapêutica considerando a base sociocultural e tendo como enfoque principal a inclusão social e a prevenção para a reincidência" observando a individualidade de cada sujeito / vale destacar que o conceito socioeducativo deve ser compreendido com embasamento na interdisciplinaridade)

As medidas socioeducativas que implicam em privação de liberdade são orientadas pelos princípios da concisão e excepcionalidade consagradas no artº 121" do ECA. Sendo

^T Monografia de autoria de 2006" como requisito para conclusão da graduação em Enfermagem da Universidade Federal Integrada do Alto Araguaia e das Missões/A41" campus de Santo Antônio/4S)

Sarai6a D2002E" as medidas pri6ati6as de liberdade de6er6o ser aplicadas e@cepcionalmente em situa76es &ra6es" tanto para se&uranga social como para se&uranga do adolescente em con*lito com a lei" se *a+ ressaltar a import3ncia de obser6ar o que se aplica no incisos I a III do art0 122.

000a tratar%se de ato in*racional cometido mediante &ra6e amea7a ou 6iol7ncia 8
 pessoa `000aL
 000a por reitera76o no cometimento de outras in*ra76es &ra6es `000aL
 000a por descumprimento reiterado e in5usti*icK6el da medida anteriormente imposta
 000a DSA4AIFA" 2002" p0VCE0

As medidas s\$cio%educati6as pri6ati6as de liberdade de6em ser aplicas em locais adequados para este *im e o custeamento de6e ser *inanciado pelo (o6erno do 2stado" entretanto n6o se impedem a participa76o das a76es da comunidade" or&ani+a76es &o6ernamentais ou n6o)

A pol tica de atendimento de6e considerar os princ pios da Con6en76o Internacional sobre os Direitos da Crian7a" as 4e&ras ! nimas das Ha76es Anidas para a Administra76o da Justi7a" da In*3ncia e a Ju6entude , 4e&ras De ?ei5in&" As 4e&ras ! nimas das Ha76es unidas para a #rote76o de Jo6ens #ri6ados de Biberdade" a Constitui76o /ederal e o 2CA em seu art012\ D/ 244214AL CPAF2S" 2002E0

G ato in*racional cometido e embutido no processo de 6ida do adolescente n6o pode ser caracteri+ador de sua identidade" porquanto o adolescente n6o pode ser conceituado por um ato circunstancial

V0\ #4G (4A ! A D2 2W2CAXYG D2 ! 2DIDAS ShCIG%2DACATIFAS D2 IHT24HA%
 XYG 2 S2 ! IBI?24DAD2 DG 4IG (4AHD2 DG SAB , #2 ! S2IS

Ho 4io (rande do Sul as ! edidas S\$cio%2ducati6as s6o aplicadas desde o ano de 2002" atra69s do #ro&rama de 2@ecu76o de ! edidas S\$cio%2ducati6as de Interna76o e Semiliberdade % #2 ! S2IS" este *oi elaborado *ace 8 necessidade de ter princ pios norteadores dos atendimentos t9cnicos e institucionais a adolescentes pri6ados de liberdade0

Se&undo /erreira e C)a6es D2002E" os princ pios do #2 ! S2IS s6o. a unidade 9 um ambiente continente" que possibilita a a76o s\$cio%educati6a a partir de rela76es institucionais *undamentadas em proposta emancipat\$ria" com os papeis de adultos e de adolescentes bem de*inidos" mediados por um con5unto de re&ras claras" constru das participati6amente0

A ação s\$ocio%educati6a 9 um processo de constru7ão coletiva" coordenada pelos adultos" que considera a e@peri7ncia s\$ocio%cultural dos adolescentes e articula as e@peri7ncias proporcionadas pelo conte@to institucional)

G processo s\$ocio%educati6o 9 comprometido com a inclus7o social e com a trans*ormaç7o indi6idual e coletiva dos seus prota&onistas" da institui77o e da sociedade)

Todos os *uncionKrios da unidade" como a&entes institucionais na e@ecu77o da medida" t7m papel *undamental na e*eti6aç7o do pro&rama e s7o co%responsK6eis pelo planejamento" e@ecu77o e a6alia77o)

G atendimento 9 or&ani+ado atra69s de ati6idades terap7uticas e peda&\$&icas que contemplam o adolescente em suas dimens7es motoras" co&niti6as" relacionais" a*eti6as" 9ticas" simb\$licas" est9ticas e culturais)

A *am lia 9 co%participante do atendimento e de6e ser en6ol6ida no processo s\$ocio%educati6o para o res&ate da *un77o proteti6a e de re*er7ncia bKsica do adolescente" contribuindo par o e*eti6o cumprimento da medida)

As rela77es institucionais 6isam 8 constru77o coletiva de direitos e de6eres e norteia%se nos 6alores da solidariedade" da 7ustia social" da)onestidade" da n7o 6iol7ncia" da responsabilidade e do respeito 8 di6ersidade cultural" 9tnica" reli&iosa" de op77o se@ual e de &7nero)

A institui77o comp7e a rede de atendimento ao adolescente e" como tal" necessita buscar parcerias com outras institui77es &o6ernamentais e n7o%&o6ernamentais" a *im de reali+ar plenamente sua a77o s\$ocio%educati6a)

A *ormaç7o permanente dos a&entes institucionais 9 elemento *undamental para &arantir a qualidade social do atendimento)

G #ro&rama #eda&\$&ico%Terap7utico 9 desen6ol6ido a partir do plano indi6idual de atendimento do adolescente e de um con7unto de ati6idades que se articulam e se complementam)

A a6alia77o da prKtica s\$ocio%educati6a 9 sistemKtica e participati6a" en6ol6endo todos os a&entes do processo Dinternos e e@ternosE" com 6istas 8 mel)oria permanente da qualidade social do atendimento)

G #2 ! S2IS 9 conceituado como a li&a77o entre a proposta e@pressa no 2CA e as rotinas institucionais das mesmas) 2ste pro&rama 9 subdividido em dois se&mentos. #lano

Individual de Atendimento, #IA o qual é visto com enfoque principal devendo ser executado interdisciplinarmente e os planos coletivos de atendimentos. Devem estes constituir aspectos/ atividades pedagógicas e terapêuticas tendo por objetivos.

- O estabelecimento de princípios e diretrizes para a implementação das medidas socioeducativas de internação semiliberdade nas Anidades da Fundação
- A qualificação do trabalho institucional a fim de promover a inserção social dos adolescentes privados de liberdade
- A unificação dos conceitos básicos referentes ao trabalho institucional
- O desencadeamento de um processo participativo de discussão com vistas à padronização do atendimento prestado pela Fundação

O #2 ! S2IS está organizado em duas esferas. o processo de execução da medida socioeducativa de internação e o processo de execução da medida socioeducativa de semiliberdade

As medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes privados de liberdade podem ser efetuadas com possibilidade de executar atividades externas Internação com possibilidade de atividade externa % IC#A2E e sem possibilidade de efetuar atividades externas Internação sem possibilidade de atividade externa % IS#A2E) #ara tal determinação #a+se necess#rio que na sentença #udicial #ique determinado pelo #ui+ de #orma #ustic#kel # internação do adolescente sem a possibilidade de efetuar atividades externas

Consideram-se atividades externas aquelas executadas al#m das media#es da unidade sob os cuidados de pessoas aptas para tal #i#l#ncia" di#erem-se" portanto das a#es reali#adas em semiliberdade" pois estas s#o reali#adas sem monitoramento apenas # estabelecido um pro#rama onde se #i#am #or#rios" datas e metas a serem cumpridas DSA4AIFA" 2002E)

Os adolescentes que s#o beneficiados com IC#A2 s#o oportuni#ados de modo #radual a con#i#7ncia com a sociedade" sem a ruptura total com a institui##o o que propiciara o crescimento #radual do adolescente) As concreti#a#es das atividades externas de#eram ser de #orma pro#ressiva" con#orme os m#ritos conquistados pelos adolescentes) Os adolescentes em IS#A2 poder#o pro#redir sua medida para IC#A2" isto #eralmente acontece nas etapas #inais de sua medida de internação" por#m isto depender# de sua conduta institucional)

VOC CGHSTITAIHDG G #BAHG IHDIFIDAAB D2 AT2HDI ! 2HTG D#IAE

O processo sócio-educativo aplicado a adolescentes privados de liberdade abrange um programa que se inicia a partir da entrada do adolescente na unidade e a elaboração do Plano Individual de Atendimento (PIA) pela equipe técnica, sendo específico para cada profissional. No quadro a seguir apresenta o programa pedagógico-terapêutico conforme preconizado pelo SUS.

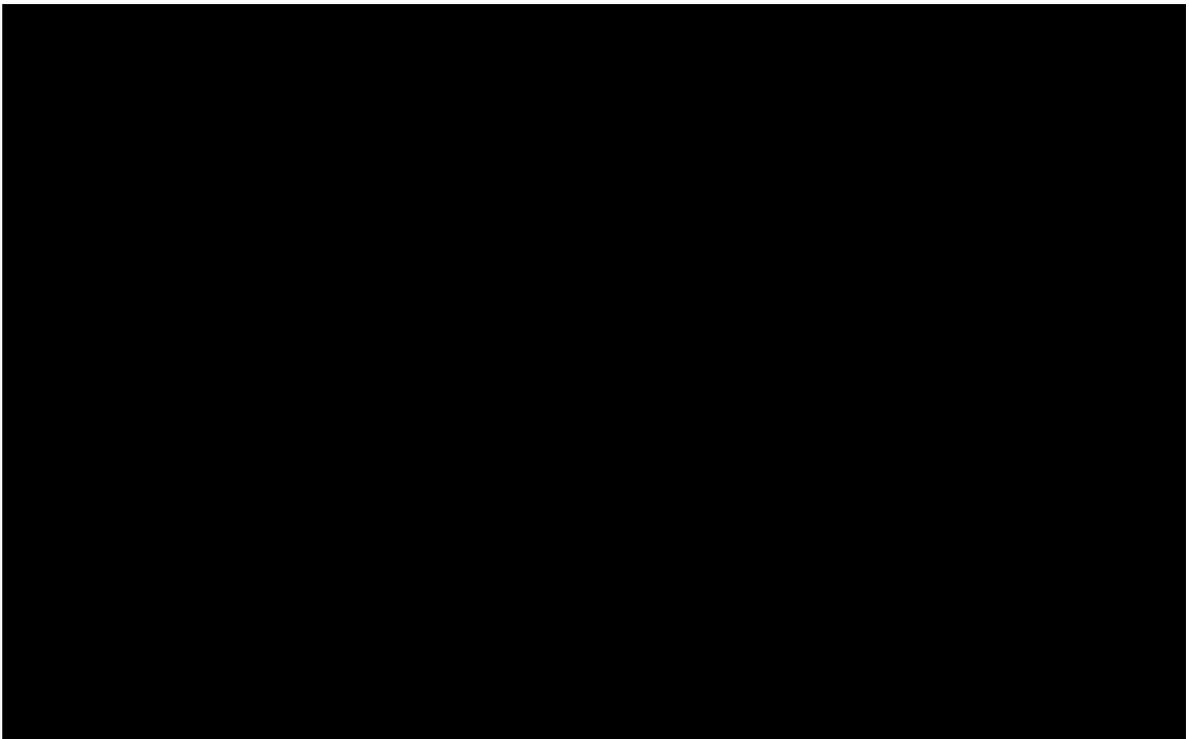


Figura 04 - Programa Pedagógico-Terapêutico de Atendimento

Fonte: PEMSEIS-FASE/RS (2002)

O objetivo do atendimento individual também é contribuir para o desenvolvimento da capacidade de respeitar as normas e regras da sociedade, auxiliar na elaboração de conflitos internos, promover a elevação de sua estima, da responsabilidade individual e coletiva, entre outros aspectos. Esta abordagem é caracterizada pela realização de encontros individuais com o adolescente, familiares, etc. É predominantemente dialógica, no sentido de promover a compreensão da dinâmica individual do adolescente e sua relação familiar. Trata-se de um momento importante para todos os agentes institucionais envolvidos no processo, pelo estabelecimento do vínculo inicial com os adolescentes e os familiares, no sentido de

contribuir para o crescimento" o mais integral possível

Os atendimentos técnicos devem ser realizados em consonância com as necessidades e reações observadas" buscando identificar o nível de gravidade do comportamento anti-social" distúrbios de personalidade ou patologia" se ela existir" at9 os recursos sociais que este adolescente tra+ consigo" isto 9" grau de escolaridade" de capacitação profissional" de inserção familiar" etc) Conforme detalhado anteriormente para a elaboração do #IAE) A sistematização e o registro destas intervenções ficam a cargo dos técnicos" iniciando a abertura do #IA e dando continuidade ao acompanhamento e orientações aos demais agentes institucionais)

O #IA deve abranger as seguintes questões. educação formal" profissionalização" cultura" lazer" esporte" espiritualidade" saúde" relações familiares" relações afetivas" relações sociais" relações comunitárias e surtidas)

O plano de atendimento deve ser reavaliado e reestruturado continuamente por ser um instrumento dinâmico) Os profissionais responsáveis pela elaboração e execução devem organizar momentos para verificação dos objetivos e metas alcançadas" pois estes dados servirão de subsídio na construção dos relatórios encaminhados ao usuário bem como para as ações de continuidade após o desligamento)

O processo de trabalho em equipe" está fundamentado numa inter-relação pessoal forte onde os conflitos também estão presentes no dia-a-dia da equipe) Deve-se considerar ainda que uma equipe 9 composta por pessoas que tra+em especificidades próprias como. gênero" inserção social" tempo e vínculo de trabalho" experiências profissionais e de vida" formação e capacitação" visão de mundo" diferenças salariais e por fim" interesses próprios) Essas diferenças exercem influência sobre esse processo de trabalho" uma vez que" estão presentes no agir de cada profissional" mas não inabilitam o exercício da equipe)

A forma como as pessoas vivem seus problemas no interior dos serviços implica no estabelecimento de canais de interação) Para o desenvolvimento de ações éticas na perspectiva interdisciplinar" faz-se necessária uma aproximação integral entre os sujeitos que compõem a equipe) Torna-se essencial que os profissionais se relacionem em um ambiente livre de coações" para que juntos se comuniquem" estabelecendo interação" possibilitando assim a construção de um novo modelo de saúde)

Para tanto a interdisciplinaridade vem de alguma forma propor a organização desses momentos" questionando as relações" no sentido do interagir" do comunicar" do trocar" do agir comunicativo e da suspeita crítica" reafirmando a importância das diferenças" da

individualidade e especificidade nas relações profissional-cliente e interprofissional.

A equipe técnica além de lidar com questões técnicas termina por assumir a função de suporte técnico para seus membros: os adolescentes e suas famílias. A importância de um suporte também para estes profissionais que em seus cotidianos mediam conflitos e violências internos e externos. Neste sentido a discussão sobre a interdisciplinaridade permite que os problemas em instituições como a CAS2 não sejam restritos a isolados e departamentalizados em relatórios e estudos de caso.

O desligamento do adolescente do sistema CAS2 ocorre da mesma forma que o ingresso somente por determinação judicial. O adolescente ingressa com três tipos de CAS2 sendo o período máximo de 90 dias de detenção e o Deferimento ou Indeterminado que vai de 06 meses a três anos sendo este último o período máximo para cada internação e devendo o adolescente ser avaliado interdisciplinarmente a cada seis meses onde o relatório avaliativo deve ser encaminhado ao JIJ.

V06 A CGB2TA D2 DADGS

A coleta de dados ocorreu concomitante com leituras, discussão crítica com colegas e profissionais que atuam com o tema violências e a organização do texto que originou esta dissertação. Com uma população de mais de 60 jovens internos neste período a amostra de informantes para este estudo constituiu-se de 08 adolescentes internados no CAS2 no período de março a junho de 2006 com medida socioeducativa, CAS2 de internação Deferida ou Indeterminada 06 meses a 03 anos.

Como recurso metodológico utilizamos as seguintes técnicas e instrumentos modelados nos apêndices.

- Coleta documental com roteiro específico
- Observação participante com roteiro específico
- Entrevistas semi-estruturadas com roteiro específico

3.6.1 Análise Documental

A palavra documento tem uma conotação ampla abrangendo material escrito estatístico e iconográfico. Assim esclarece (odora DUUCE) o nome de materiais de natureza diversa que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados buscando-se novas formas e/ou interpretações complementares constitui o que estamos denominando pesquisa documental.

Este tipo de coleta de dados oferece vantagens como o estudo de pessoas e situações às quais não podemos acessar. O fato de se poder contar com uma fonte não reativa, uma vez que os dados não se alteram por um longo período de tempo e de possibilitar análises longitudinais através do estudo de longos períodos de tempo na identificação de tendências.

Para a coleta de material sob a forma de documentos escritos utilizamos um roteiro específico (Anexo 01) onde levantamos dados referentes a: cor, idade, naturalidade, procedência, religião, estado civil, responsabilidade, ingresso, reingresso, escolaridade do adolescente e do núcleo familiar, motivo da internação, documentação que possui e as que foram confeccionadas no período de internação, aspectos físicos (descrição de doenças/sintomas), uso de drogas, quais experiências pessoais e profissionais, além dos recursos comunitários utilizados. Os documentos analisados constituem o Plano Individual de Atendimento desenvolvido pela equipe técnica do CAS2 conforme modelo (Anexo 01 ao OCE). Para a utilização dos documentos assinamos um termo de compromisso de utilização dos dados (Anexo 02).

Esta etapa foi realizada antes da realização das entrevistas e da observação dos adolescentes em atividades individuais e coletivas pois os dados de identificação utilizados serviriam de complemento aos demais roteiros.

Após a definição de quais adolescentes aceitariam participar do estudo partimos para a leitura e coleta de informações nos prontuários individuais, gerando e separando os Planos Individuais de Atendimento a serem utilizados e providenciando as cópias dos documentos. Estes procedimentos foram realizados fora do horário de trabalho do pesquisador mediante autorização da direção da Anidade.

3.6.2 Observação participante

Bançou-se mão da observação participante" buscando sempre que possível uma interação com os adolescentes" percebendo suas reações" os diálogos com os funcionários ou entre eles próprios) procuramos utilizar este instrumento" em momentos de atividades coletivas ou individuais com os informantes" tentando intervir o menos possível em tais atividades" ou seja" foi evitada a presença do pesquisador em momentos "atípicos" por parte do corpo funcional e pelo comprometimento por parte dos internos" das atividades desenvolvidas) esses aspectos foram reestruturados" seguindo roteiro de observação específico)

Nesse sentido" observar" na pesquisa qualitativa" significa examinar com todos os sentidos um evento" um grupo de pessoas" um indivíduo dentro de um contexto" com o objetivo de descrever o DFÍCTG4A" 2000E)

Para esta segunda etapa" foram realizadas observações dos adolescentes selecionados em atividades individuais e coletivas no CAS2) este procedimento foi realizado mediante roteiro específico (Apêndice 02E" em momento de trabalho do pesquisador" mediante autorização da direção da Unidade sem fins para a Instituição) buscamos utilizar o espaço de atendimento individual e de atividades grupais (na Unidade) tais como os ambientes para os grupos de educação em saúde" jogos de leitura" jogos de "recreação" momento das reuniões (almooço e lanche da tarde) bem como atividades realizadas na comunidade com aqueles adolescentes que possuem autorização para a prática de atividades externas como espetáculo teatral e grupo de música para dependentes químicos)

3.6.3 Entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas realizadas foram do tipo semi-estruturadas com roteiro específico (Apêndice 03E" constituído de identificação e mais 04 questões" mediante o consentimento de cada informante" após os esclarecimentos sobre a participação dos mesmos na pesquisa (Apêndice 04E" este consentimento foi estabelecido pela assinatura de um termo elaborado a partir do modelo disponibilizado pela Comissão de Ética em Pesquisa da AHIFABI) Nessas entrevistas pediu-se que os informantes falassem sobre alguns aspectos das vidas deles que possam nos ajudar a sentir ou perceber os tipos de violências sofridas) este material reforça a análise documental) As entrevistas foram realizadas no ambulatório do CAS2" mais

especificamente na sala de procedimentos" por ser um local com menos ruídos e sem tele*one" o que contribuiu para as entrevistas não serem interrompidas. As entrevistas foram gravadas em fita cassete mediante consentimento verbal dos informantes" posteriormente transcritas e digitadas. Durante as entrevistas foram fornecidos dados de identificação constantes nesse roteiro foram complementados pelos dados de observação e coleta documental.

Para o processamento e interpretação dos resultados das entrevistas foram selecionadas as expressões e delas as ideias centrais e para análise delas adotamos o modelo do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (Lakoff / F 42 / B 2 / i F 42" 2004).

O DSC enquanto técnica de pesquisa qualitativa é um procedimento de tabulação de depoimentos verbais.

ou de um conjunto de depoimentos)

- As 2ª pressões (C) são pedaços "trechos ou transcrições literais do discurso" que devem ser sublinhados "iluminados" coloridos "pelo pesquisador" e que revelam a essência do depoimento ou a base que gerou o mesmo. A esta base denominamos de Ancora (DACE)
- O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) enquanto "técnica metodológica" é um discurso "em primeira pessoa do singular" sendo elaborado a partir das ideias centrais "pressões (C) e/ou ancoras" compondo a soma das ideias e da base contextual dos discursos elaborados)

O processo de construção do DSC iniciou-se com a realização das entrevistas e a identificação das "pressões (C)" uma "técnica metodológica" constituída por trechos selecionados no Instrumento de Análise 1 (DIAD 1E) separadamente para cada resposta relacionada a uma pergunta específica)

As ideias Centrais identificadas nos depoimentos de cada informante foram listadas conjuntamente para cada pergunta respondida" como parte do Instrumento de Análise 2 (DIAD 2E). As ideias centrais identificadas como equivalentes" foram instituídas como categorias que somaram respostas de diferentes informantes sob uma mesma denominação de modo a preservar a IC de cada um deles. Com isso foi possível chegar ao DSC em cada questão do roteiro de entrevistas)

"Ficou-se" na "verdade" através do DSC" o sentido ou sentidos produzidos pelas "palavras dos informantes" enquanto elementos recorrentes que possam oferecer indicações sobre as suas "vidas" seus projetos de vida após a "internação" o que pensam sobre estar em "privação de liberdade" observando com cautela a relação entre o que é dito e o que é escrito" ou seja" a "forma como o discurso é recebido por quem ouve ou lê suas palavras)

Dessa "forma os DSCs permitem reconstruir as representações como entidades qualitativas na medida em que estas aparecem como discursos. Tais discursos são qualidades porque são coisas que não existiam sob esta "forma antes da pesquisa. A representação social reconstruída pelo DSC é uma qualidade muito particular que poderíamos chamar de opinião ampliada)

VOM AS#2CTGS _TICGS DG 2STADG

Atendendo a resolução nº 1U6/U6" adotou-se algumas posturas éticas de proteção aos atores sociais.

- Permissão da instituição para realização da pesquisa (foto) de rosto
- Não citação dos nomes dos profissionais e adolescentes que fizeram parte da pesquisa
- Realização de uma análise rigorosa com o uso correto de técnicas e instrumentos metodológicos, garantindo a validação dos resultados obtidos
- Aprovação pelos Comitês de Ética da AHEFABI e da /AS2L
- Os adolescentes foram previamente orientados de que ao conceder a entrevista esta seria gravada e o "fizeram voluntariamente" não estando nem um constrangimento" ficando a eles reservada a possibilidade de não aceitar o convite ou desistir em qualquer etapa do procedimento. Também foram informados que o que falassem com o pesquisador era de caráter sigiloso" não sendo levado ao conhecimento do poder Judiciário seu conteúdo na íntegra ou parte deles. Além disso" foram cientificados que em qualquer situação interna ou externa do CAS2" não se fará referência a sua identidade.

4 VIOLÊNCIAS E ADOLESCÊNCIA: RESULTADOS E DISCUSSÃO DO ESTUDO REALIZADO

O processo de pesquisa realizado ao longo dos últimos dois anos foi um compromisso desafiador porque implicava a inserção do cotidiano de trabalho em um novo cotidiano em que se foi convidado a lançar um novo olhar no dia a dia como se fosse um conteúdo diferente e estranho. Neste caminho encontrei observar para descrever, explicar e interpretar. Menos que preocupam e que foram colocados como problemas de uma pesquisa científica. Realizar esta experiência portanto foi um dos principais desafios por que implicou pensar de forma antropológica observar acontecimentos corriqueiros e cotidianos e construir novas interpretações (GIBLIN, 2002).

Considerando esta trajetória este estudo teve algumas etapas bem definidas que vão da análise documental primária e secundária à observação e finalmente a organização dos discursos orais e escritos coletados. Com estes resultados elaboramos a discussão em tópicos. Estes tópicos foram subdivididos de acordo com os objetivos específicos definidos no projeto o qual passa-se a apresentar.

01 PISTH4ICG SGCIGCABTA4AB DGS ADGB2SC2HT2S IHT24HGS HG CAS2

Os adolescentes ao ingressarem no Centro de Atendimento Socioeducativo foram por uma determinação do Ministério da Infância e da Juventude. Nesse sentido percebeu-se que a adaptação de cada um pode se desenvolver de forma diferente seja em função do acolhimento das características pessoais do reconhecimento da prática institucional que praticou ou ainda porque encontra companheiros que reconece como iguais ou até de inimigos.

As impressões iniciais de cada jovem são importantes para todo o desenrolar cotidiano que passará a ter conosco naquele espaço e período em que está privado de liberdade. Inicialmente logo que chega ao CAS2 o adolescente passa no primeiro atendimento técnico com a coleta de informações necessárias para a organização de seu prontuário individual que resultará na construção de um plano de atendimento. Plano de Atendimento Individual, #IAE

em que o corpo técnico verificar quais necessidades e prioridades devem ser estabelecidas para melhor atuar junto a este jovem)

Ho momento inicial de pesquisa em que se fez um comparativo entre o informado no prontuário e o observado notaram-se alguns aspectos interessantes de análise que demonstram que o que se informa às vezes não se refere exatamente à realidade assim como pode também significar uma mudança de comportamento em função da realidade vivida. pouco contato com a família isolamento social com o mundo externo entre outras possibilidades)

Ho primeiro quadro apresenta-se como exemplo uma situação baseada no que se registrou no prontuário e a observação de momentos do cotidiano de um adolescente no CAS2 em atividades individuais atendimento técnico individual e coletivas participação em grupo de música ajuda na comunidade para dependentes químicos visita familiar na cidade espetáculo teatral na comunidade)

Quadro 1 – Relatos documentais X comportamento observado

<i>Relatos Documentais</i>	<i>Observação em Atividades Coletivas e Individual</i>
<i>Jovem: A.M.C / 14 anos Ato Infracional: Furto e roubos, descumprimento de Prestação de Serviço à Comunidade – PSC</i>	<i>Grupos de mútua ajuda na comunidade Futebol Espetáculo Teatral</i>
10 Adequadas condições de higiene 20 2ª pressão emocionada quando fala do momento atual do falecimento do pai e do novo companheiro da mãe V0 Traços visíveis iniciais baixa tolerância à frustração mas responde bem quando cobrado V0 Histórico de evasão escolar. Zangado muito no colégio a mãe que insiste para eu estudar a mãe a irmã não age diretamente com o filho tem acompanhamento psicológico com o uso de psicofármacos	10 2ª usando roupas novas que ganhou da mãe na semana anterior 20 Sorriso discreto olhos brilhantes e atentos V0 2ª esqueceu o livro a ser usado na atividade ao ser questionado foi imediatamente buscado no livro realçado educado quando fez uma desculpa mais acessível pede desculpas e chama os colegas para o livro V0 Ao receber visita da mãe abraça-a carinhosamente convida-a para que sente primeiro ao grupo que assiste um espetáculo música de mãos dadas com ela (cozinha) sorri está bem com a vontade

Fonte: autora (2006)

As iniciais do nome são fictícias para não ser identificado

Considerando esta Zima do cotidiano deste jovem o que está escrito no prontuário e que possivelmente pode ser a sua realidade ora do CAS2 percebeu-se que suas condutas e valores são a influência das construções que com certeza tem que construir ao longo dos poucos anos que tem de vida. Há antropologia poder-se-ia afirmar que este jovem tem várias identidades. a de ser jovem de 14 anos a de ser adolescente dum estágio do ciclo de vida a de ser menino de 7 anos a de ser pobre de classe social ser irmão perdeu o pai e finalmente a de ser um infrator de roubo / arrombamento. Guiseia como a irmã Tadeu da

Silva (2000) todos estes papéis são as marcas do que ele é enquanto ser humano. Algumas destas marcas são discriminadoras e podem não ser determinantes na aceitação social que terá na sociedade. Estas são as identidades que podem ou não acompanhar em toda a sua trajetória implicando em torná-lo um cidadão respeitado ou um marginal / bandido em uma escala de crimes sem limites.

Estas identidades trazem também a diferença em sua vida com vários atores de interação biológicos e socioculturais capazes de influenciar direta ou indiretamente com a sua inclusão na família e na comunidade (D'Almeida, 2004).

Diante deste contexto várias ações foram implementadas com o jovem em questão considerando a realidade e os projetos brasileiros de educação sociocultural de adolescentes com privação da liberdade que incluem: workshops, educação básica, terapia de ajuda para a reaproximação dos familiares, acompanhamento psicológico com medicação com psicofármacos, caso necessário e outras atividades.

A grande questão é como lidar com a realidade deste jovem e como prepará-lo realmente para a saída do CAS? Como fazer um trabalho sociocultural em que a base é o uso de psicofármacos? Não teremos outras opções para este jovem? Como trabalhar com ele os sons que não se realçam, a presença do pai, uma estrutura familiar com condições financeiras que não levassem a necessidade de roubar?

É importante lembrar que em outras realidades prisionais a boa obediência implica como prêmio antes de tudo em se ter uma boa autoridade e está repleta de muitas violências estruturais. Falta de recursos material e humano, corpo técnico que não acredita na educação como fator de reabilitação, descaso do setor jurídico com a realidade e o contexto familiar do jovem assistido e muitas outras possibilidades que nos mostram como é difícil atuar em uma área que envolve ações como as do CAS?

Além das dificuldades inerentes a todas as questões que envolvem a socioeducação do menor infrator, ainda se lida com algo que para muitos é um problema que é o estresse de ser adolescente. Calliari (2000) aponta cinco áreas importantes na vida do adolescente, entre as quais destaca a do adolescente delinqüente que na sua concepção tem inúmeros comportamentos. Grande banalidade dos desejos que ocorre em função do silêncio dos adultos. Deste silêncio pode representar o excesso de liberdade, a não repressão aos erros, o não se importar com a conduta do jovem ou ainda a violência física, a fome, a pobreza, as perdas etc. Para compensar os desejos não realizados, os jovens passam a lutar a esmo, a se drogar, em fim, têm uma conduta de rebeldia indignação com a sociedade em que vivem.

Ho quadro a seguir os dados constantes no #IA referente aos atendimentos técnicos individuais e também a observação de um atendimento técnico que se realizou após o adolescente ter participado de uma audiência no Juizado da Infância e Juventude de Santo Gonçalo. Heste quadro outro exemplo da representação desta marginalidade que também se revela na forma de dor aldo tão forte que se pode amenizar mas não se pode mudar.

Quadro 2 – Relato Documental x Comportamento Observado

Relatos Documentais	Observação em Atividade Coletiva e Individual
<p><i>Jovem: V.J. / 14 anos</i> <i>Ato Infracional: Furtos e a Não Realização da Prestação de Serviço Comunitário – PSC</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sala de Aula ▪ Jogos ▪ Ação Terapêutica
<p>10 Senta na cadeira cruza os braços e encosta a cabeça em direção ao interlocutor.</p> <p>20 ! ora com os pais e irmãos mais novos atualmente o pai está desempregado e a mãe não do lar.</p> <p>V0 2 impulsões das escolas que requerem.</p> <p>\0 ?astante influenciado.</p> <p>C0 2statura pequena lembra uma criança de menos idade quando está irritada.</p> <p>60 /razibilidade social.</p> <p>M0 4esistente a interações e participação nas atividades coletivas.</p>	<p>10 Distante está alçado com as mãos para trás olha pela janela e neste momento não responde ao interlocutor quando é questionado.</p> <p>20 2m alguns momentos caminha de um lado a outro. Lágrimas escorrem pelo seu rosto.</p> <p>V0 2m alguns momentos olha para o lado quando ele dirige a palavra para em seguida ficar em pé e de costas.</p>

Fonte: autora (2006)

As iniciais do nome são fictícias para não ser identificado

Com relação a este adolescente em sua terceira internação por atos infracionais a dor se revela na sua postura que facilita entre se e interação com o técnico do CAS2 e simplesmente assumir uma postura distante como se os acontecimentos não ossem com ele. /icar com os braços cruzados ou olhar em direção oposta e ficar de costas ao mesmo tempo que se traduzem como posturas de desaios demonstram sua fragilidade vulnerabilidade e deslocamento do ambiente e das pessoas com que tem que se relacionar neste momento de sua vida. Suas perdas conforme os valores que acredita podem ser significativas para a entrada na vida marginal. Ainda que encontremos pessoas que não sustentam a marginalidade em função das perdas não é como não retirar considerando que o desemprego do pai pode ter sido o elemento desencadeador deste processo.

Sarti (2006) afirma que quando na família o marido não pode mais assumir a responsabilidade econômica passa a existir uma desmoralização do homem abalando sua autoridade que o papel de provedor lhe atribui. A partir deste quadro na maioria das vezes as mulheres passam a fazer trabalhos fora de casa. Subemprego o marido pode em algumas

situações tornar-se a "ressião" consumir bebidas alcoólicas e "ficar em casa" dormitando[pelos cantos ou muito tempo "fora de casa". As crianças "sobreviventes" e "vítimas" desta realidade são os elos mais "riscos" podendo simplesmente "ficar ao abandono" ou se "larando" em "aventuras" em que se inclui a "saída da escola", "depressão" ou abandono simplesmente e a "entrada na marginalidade".

Embora "como a "irmã" / "onsecra" "as "famílias" pobres se constituam em uma rede de "relações" esta rede de "obediências" de "proteção" e "família" em que as crianças são apontadas como importantes para a "existência" de um "casamento" não conseguem "proteger" neste processo de "desestabilização" "familiar". Hesse "prisma" os "filhos" são considerados "bênçãos" mas ao mesmo tempo são "vistas" como "seuidores" da "autoridade" dos pais, não podendo "reclamar" "Zapanando" ou tendo desde muito cedo "atribuições" de "adultos" (DAAST24" 1UU2E)

Na "escola" o "adolescente" sente mais ainda este processo quando passa a "comparar" o "quadro" de sua "vida" "familiar" com o "quadro" que "imagina" da "vida" de seus "colegas". Este "espaço" que deveria ser "educativo" e "at9" um "ambiente" de "apoio" e "consolo" da "realidade" dura de suas "vidas" passa a ser então um "ambiente" que "repassa" "conhecimentos" que não "atenuam" seus "problemas" muitas "vezes" mostrando "escancaradamente" o quanto este "adolescente" que ali está "diferente". Como para o "adolescente" a "diferença" é "vista" como um "valor" "condenável" e uma "demonstração" da "alta" de "perspectiva" "econômica" "principalmente" que "dá" a "escola" passa a ser um "ambiente" "hostil" "e" o "adolescente" é "constantemente" "repreendido" com "práticas" "educativas" que não têm "valor" porque não o "auxiliam" "imediatamente" a "sair" da "pobreza" da "humilhação" e de outras "violências" de "caráter" "estrutural" (L4GAW" P0L ! CBA42H" #0" 1UUVE)

Em "meio" a toda esta "violação" os "bens" são "vistas" como parte da "cultura" "material" e uma "necessidade" das "pessoas" que em "cima" de suas "preferências" "escolhem" "objetos" para "alcançar" "determinados" "fins". Estes "objetos" são "valorizados" "segundo" os "significados" "simbólicos" que possuem em uma "dada" "sociedade" podem ser um "tênis" um "boné" uma "calça" de "rê" ou um "CD" de "músicas" do "momento". Para o "adolescente" a "demonstração" de "poder" e "inclusão" muitas "vezes" está "representada" pela "posse" destes "objetos" e como bem a "irmã" Douglas e "Lerner" (2000) estes "objetos" são "bens" usados para "marcar" a "diferença" entre as "pessoas" tem seu "valor" enquanto "demonstração" de uma "posição" "social". Embora "também" possam ser a "construção" de uma "necessidade" "quando" o "surto" é para "comprar" "alimentos" "medicamentos" ou "conseguir" um "transporte" para "levar" um "doente" a um "serviço" de "saúde".

¹ Zapanar[é um termo semelhante a "Zurra" e tem por significado a aplicação de "violências" "físicas" na "forma" de "tapas" "murros" ou "palmas". Esta "última" "categoria" se aplica às crianças antes dos 5 anos de idade e as duas primeiras "podem" ocorrer por volta dos 6 "meses" anos (DAAST24" 1UU2E)

Estes argumentos acima" mostram o dilema dos "órfãos" que podem se tornar infratores pelo furto de bens de terceiros por: necessidade de emprego" dependência que implica compra de drogas" abuso de mendicância influenciada por um adulto" abandono de lar" pais ou pessoas que o auxiliem nas suas necessidades básicas e uma visão de mundo deturpada e cora do contexto que vive.

Existem muitos modelos de famílias e nestes modelos" cada filho vai sendo moldado de acordo com a cultura familiar" podendo perceber-se que não é apenas a pobreza que pode levar o órfão ao CAS. Existem vários contextos diferenciados em todas as classes sociais" uma vez que o furto" o uso de drogas" o abandono e o abuso de crianças e órfãos adolescentes ocorrem em todas as sociedades entre ricos e pobres. Embora o ideal de família seja vista como aquela que vai ser o núcleo de formação das pessoas" visando bem estar" saúde e felicidade" na vida real" em meio aos muitos tipos de famílias" este ambiente nem sempre é saudável e sem riscos.

As famílias destes dois adolescentes (quadro 1 e 2) apresentados como exemplos" assim como as famílias dos demais informantes que estaremos apresentando no quadro abaixo representam o perfil da grande maioria das famílias dos adolescentes internados no CAS.

No quadro a seguir nos dedicaremos a traçar o perfil sócio-familiar de cada família dos informantes" com base nas entrevistas e nos prontuários individuais construídos pela equipe técnica do CAS. Atilamos a palavra informante de 01 a 06 para identificar os sujeitos participantes desse estudo.

Quadro 03 – Perfil sócio-familiar dos informantes

Infor-	Idade	Inter-	Estado	Composi-	Moradia	Renda	Escolari-	Ato
--------	-------	--------	--------	----------	---------	-------	-----------	-----

mante		nações	Civil	ção Familiar		Familiar *	dade	Infra-cional
01	16	0V	Solteiro	06 pessoas	#r\$pria	0V	Cj s9rie 2 /	/urto" roubo
02	1T	01	Solteiro	0C pessoas	Cedida	02 k	Cj s9rie 2 /	Batroc nio
0V	1\	0V	Solteiro	0C pessoas	alu&ada	0V	Cj s9rie 2 /	/urto" roubo
0\	1T	0V	Solteiro	0\ pessoas	#r\$pria	02 k	1d ano 2 !	Pomic dio
0C	1V	0V	Solteiro	0T pessoas	alu&ada	1	Cj s9rie 2 /	/urto
06	1M	01	Casado	02 pessoas	#r\$pria	1	Cj s9rie 2 /	Assalto
0M	1\	01	Solteiro	0C pessoas	Cedida	sem renda	Vj s9rie 2 /	Assalto

Fonte: autora (2006)

Legenda:

- Referência da renda familiar – salário mínimo
- @ Renda proveniente de pensão ou aposentadoria dos avós
- casa cedida por parentes
- escolaridade: EF- Ensino Fundamental e EM -Ensino Médio

Os pais do informante 01" tiveram 0\ filhos e mantin)am um relacionamento com a mãe. A residência é própria" de alvenaria" constituída de 0V quartos" sala co+in)a e banheiro" provida de energia elétrica e água. Os pais trabalham e a renda familiar era de 0V salários mínimos. O informante frequenta a Cj s9rie do 2 / e a escolaridade dos demais membros da família era do 2nsino /undamental Incompleto.

O informante 02" residia com a mãe e irmã. De outro relacionamento da mãe, na casa dos avós maternos. A casa onde moravam era de propriedade dos avós" com 0C quartos" sala co+in)a e banheiro" provida de energia elétrica e água. A renda familiar era de 02 salários mínimos" proveniente da aposentadoria dos avós. A mãe era do lar. O informante frequenta a Cj s9rie do 2 / e a escolaridade dos demais membros da família era do 2nsino /undamental Incompleto.

Quanto ao Informante 0V. Os pais tiveram 0V filhos em comum. Era filho de pai. A mãe recebia pensão pela morte do primeiro marido" no período da pesquisa tinha um relacionamento afetivo e trabalhava como doméstica. O companheiro aqui apresentado como padrasto, trabalhava em serviços gerais. A casa onde a família residia era alugada" em madeira" com 0V quartos" sala co+in)a e banheiro" abastecida de energia elétrica e água. A renda familiar era de três salários mínimos e estava incluída no programa Bolsa Escola. O informante frequenta a Cj s9rie do 2 / e a escolaridade dos demais membros da família era do 2nsino /undamental Incompleto.

A família do informante 0\ " era constituída de 0C membros. Era filho de pai. Tinha como principal fonte de renda a pensão que a mãe recebia pela morte do marido. A mãe era

do lar. A família estava incluída no programa "Alfabetização em família". A casa onde residiam era de madeira própria constituída de 02 quartos, sala, cozinha e banheiro. Próxima de energia elétrica e água. O responsável pela família era o pai e a escolaridade dos demais membros da família era de ensino fundamental incompleto.

A família do responsável OC era formada por 07 membros com seis filhos em comum. O pai trabalhava em serviços gerais sem renda própria. A mãe era do lar. A renda familiar era em média meio salário mínimo. A família estava incluída no programa "Alfabetização em família". A casa própria foi construída em madeira com 02 quartos e cozinha, banheiro e sala localizada na parte externa da residência. Era próxima de energia elétrica e água. O responsável pela família era o pai e a escolaridade dos demais membros da família era de ensino fundamental incompleto.

O responsável OC era casado e morava com a esposa em casa própria constituída de um cômodo com água e energia elétrica, banheiro e sala localizada na parte externa da residência. A renda familiar era proveniente do trabalho da esposa e de serviços esporádicos do responsável. A escolaridade da esposa era de ensino fundamental incompleto.

A família do responsável OM era constituída de 06 membros e morava em casa cedida pelos tios maternos composta de dois cômodos com água e energia elétrica, banheiro e sala localizada na parte externa da residência. A família não tinha renda própria. A mãe era do lar. O responsável pela família era o pai e a escolaridade dos demais membros não possuía idade de frequentar a escola.

As famílias dos adolescentes acima são a marca da maioria da população brasileira no que se refere à renda e a diminuição dos membros da família que até a década de 1960 e 1970 tinha a característica de possuir uma composição familiar com mais de oito pessoas. Ainda assim, como as necessidades coletivas e individuais aumentaram principalmente neste século e os salários e mercado de trabalho não aumentaram na mesma proporção que temos hoje nas famílias, um contexto de pobreza com uma renda nem sempre suficiente para a manutenção de subsistência (pensões ou aposentadorias).

Essas famílias adolescentes como os que estão no CAS também vivem sem acompanhamento fora da escola e praticando desde pequenos alguns vícios que são aceitos pelos pais como normal em função de suas necessidades. Depois quando o vício passa a ser social e vem o aumento do sistema judiciário este vício passa a ser a geradora da

*am lia" embora" como a*irma Da !atta D2001E" não se descarte nestas *am lias De esta a*irmação 6ale não apenas para as *am lias destes adolescentesE" o *amoso Z5eitino)[brasileiro para tirar 6anta&em em tudo0 2sse Z5eitino)[incluiu esconder ou sone&ar in*ormaçIes" mentir e roubar" se a pessoa considerar que a outra de quem se estK tirando al&o" tem muito mais do que a outra que pratica o Z5eitino)[0

Considerando esta realidade" o adolescente pode iniciar sua 6ida de *urtos a partir desta perspecti6a do Z5eitino)[8 medida que inclui *urtos mais 6aliosos inclusi6e se&uidos de 6iol7ncias" dei@a de ser o Z5eitino)[&o+ador para ser uma in*raçãõ com riscos de penas 5ur dicas0 #ortanto" quando o adolescente c)e&a ao CAS2" ele pode de acordo com sua idade estar impre&nado do Z5eitino)[que inclusi6e 6eicula a id9ia de impunidade" comum nos discursos dos 5o6ens atendidos na instituiçãõ" como na *ala do in*ormante OV" que consta nos re&istros documentais do #IA" que di+.

“Estou aqui pela terceira vez, nas outras duas saí logo. Agora também vou sair”

As questIes que se tem são muitas e se *ica" 8s 6e+es" paralisado diante das *ra&ilidades institucionais" que)o5e" não apenas no CAS2" mas tamb9m em instituiçIes semel)antes" não conse&uem responder as inda&açIes a se&uir.

- G que *a+er diante de a*irmaçIes como esta^
- Como o corpo t9cnico do CAS2 de6eria a&ir^
- 2m que momento pode%se ser mais ati6o e trans*ormador desta realidade^

_ sabido que a orientaçãõ e o apoio s5cio%amiliãr de6eriam ser tãõ importantes" quanto" outras medidas que se tem na instituiçãõ" mas no momento" este tipo de atendimento 9 o menos praticado0 2stas orientaçIes de6eriam ser de carKter psicossocial" 5ur dico e at9 econJmico" considerando que a *ome" a *alta de perspecti6as *inanceiras ainda 9 o principal moti6o das in*raçIes cometidas por muitos adolescentes DSIBFA" 2001E0 G que resulta da *alta de apoio 9 a banali+açãõ das 6iol7ncias praticadas pelos adolescentes" que passam a ser 6istos como anomalias sociais" pessoas que não t7m perspecti6a de 6i6erem de *orma normal o e@erc cio da cidadania0 Isto implica em se ter mais abri&os" muitas internaçIes e a construçãõ de uma identidade mar&inal que cresce sem medidas" c)e&ando a Zbandida&em[pro*issional0 Heste ponto somente a morte *ec)a o ciclo deste persona&em" embora ele pr\$prio" se 5K ti6er seus pr\$pios *il)os" dei@e como)erança outros adolescentes em situaçãõ

semelhante ou pior que a sua)

Alinhando os documentos que auxiliaram neste estudo observando e acompanhando os adolescentes percebeu-se que a sociedade representada pela "amélia" escola e o CAS2 "al) na interseção porque não conseguem parar o ciclo da marginalidade juvenil. Ainda que alguns dos jovens que estão no CAS2 tenham conseguido cursar o ensino fundamental e poucos estarem no ensino médio não existe entre eles uma compreensão positiva do uso das informações repassadas pelas escolas. É mesmo que o I? (2007) tenha registro do aumento da escolaridade no país sabe-se que se a escola não se adequar ao contexto sociocultural do aluno incluindo aqui os considerados "ratos" este ensino não representa o comprometimento crítico e reflexivo sonhado por Paulo Freire (CABDA4T" 1990).

Programas como o CAS2 e outros que têm por objetivo o atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco deveriam ter meios para propiciar um atendimento que priorizasse uma educação baseada nos direitos das pessoas com recursos que tornassem possíveis a prevenção de atos irracionais de qualquer natureza. A educação da criança e sua "amélia" a elaboração de programas participativos proativos de recuperação econômica de não os programas assistenciais de bolsa, alimentação etc. Assim como ambientes solidários de construção de novas identidades culturais que não incluam valores semelhantes ao Zeitino brasileiro de tentar resolver os problemas deveriam fazer parte destes programas.

2 GS CGHT2WTGS D2 FIGBHCIAS HGS DISCA4SGS DGS JGF2HS DG CAS2

Apresentamos neste tópico uma discussão sobre os dados coletados através dos discursos orais dos informantes obtidos a partir das entrevistas que após serem metodologicamente categorizados no modelo do Discurso do Sujeito Coletivo % DSC foram analisados procurando atender ao segundo objetivo desse estudo.

Podemos dizer que os informantes mostraram-se disponíveis para participar desta pesquisa não se incomodando com o fato da entrevistada ser "raçada".

As estatísticas mundiais mostram que as desigualdades estruturais referentes à distribuição de riquezas estão se reforçando e intensificando ainda que os discursos dos governantes afirmem que houve melhoria nos processos e oportunidades para a maioria da população da terra (P2S#AHPA" 2002) em um modelo social que produz mais desemprego

ou subemprego" observa-se a cada momento o aumento da insegurança frente aos riscos sociais que se instalam no mundo)

Gravamento do risco social no Brasil atinge proporções "antescas" quando o PDI

não estar s\$ na *am lia0 #or9m" como a mesma não o*erece suportes para sedu+ir o 5o6em a *icar em casa ou a procurar &rupos não 6iolentos" este termina em seu processo de socializaçã" buscando uma interação social com &rupos como o do e@emplo apresentado0

Al9m da 6iol7ncia contra si e os outros" nestes &rupos a iniciação prematura da se@ualidade" assim como a disputa em 5o&os * sicos para pro6ar a masculinidade terminam por &erar situaçIes em que outras *ormas de 6iol7ncias são acrescentadas as citadas no quadro quatro0 Ho pr\$@imo quadro serK obser6ado outro e@emplo que rati*ica este posicionamento0

Quadro 5 – Modelo e referência dos comportamentos assumidos para permanecer no grupo escolhido para sua socialização

Expressões Chaves	Idéias Centrais
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Com meus amigos comecei a fumar cigarro e a bebê com 12 anos;</i> ▪ <i>Lá pelos 12 anos usei maconha, depois cola, cocaína... mas não sempre;</i> ▪ <i>No final de semana exagerava na bebida, fumava e cherava;</i> ▪ <i>Eu não quiria fumar, mais aí fumamo a primeira vez e não parava de dá risada...fiqueo loção;</i> ▪ <i>O cara ficava com o oio vermeio...dava uma fome danada;</i> ▪ <i>Eu dizia que ia ao colégio e ficava no mato;</i> ▪ <i>Comecei a robá pra sustentar o vício.</i> 	<p>10 Gs ami&os são iniciadores no 6 cio do *umo" bebida alco\$lica" coca na" cola e c)eirin)ol</p> <p>20 Ho in cio não quer usar a dro&a" mas a *orça do &rupu imple a necessidade de se Ziniciar[para poder continuar como inte&rantel</p> <p>V0 G roubo 9 a *orma encontrada para pa&ar os 6 cios incorporadosl</p> <p>\0 A escola 9 a desculpa para ir ao encontro dos ami&os" sua import3ncia estK restrita ao Klibi para continuar ocultando da *am lia a 6ida paralela que tem0</p>

Fonte: autora (2006)

Heste conte@to apresentado pelo adolescente" o uso e a depend7ncia 8s dro&as representam uma auto%6iol7ncia * sica que produ+ o Z6 cio[" mas tamb9m tra+ ale&ria e pra+er0 Tal6e+ esta ale&ria não consi&a ser sentida em casa com uma mãe cansada por um dia de *a@ina e@tenuante" um pai desempre&ado que pode colocar em suas *alas sua desesperança e triste+a" ou ainda uma relação de abuso associada com a *ome de amor e de alimentos0

A escola aqui" tal6e+ a 'ltima esperança da mãe ou do pai" 9 usada como subter*' &io para a *u&a com o &rupu para o mato0 Isto pode si&ni*icar que o espaço escolar com os pro*essores e outros alunos" não conse&ue desempen)ar um papel importante capa+ de substituir o Z&rupu[0 Com o passar do tempo" estes 5o6ens *arão pro6a6elmente os se&uintes camin)os Dcon*irmados na anKlise documental com o)ist\$rico dos mesmosE. o abandono da escola ou a e@pulsão em *unção das 6iol7ncias praticadas contra os bens materiais e / ou

contra professores e colegas)

Embora entre os professores existam pessoas capazes de identificar sinais de "violências" somente a partir da década de 70 do século XX que no Brasil as "violências" começaram a serem vistas como um problema de saúde pública. Nesta perspectiva se criaram leis instituídas para capacitar pessoas na identificação, prevenção e assistência às "violências" bem como uma discussão crítica em toda a sociedade sobre a aceitação e a banalização de atos violentos. (IHA=G" 1UUUE)

Este novo paradigma e olhar sobre a "violência" abriram caminhos para a identificação de várias situações que mesmo no século XX eram vistas como algo normal.

Hoje, no quadro baixo as expressões citadas e as ideias centrais que categorizam e classificam as muitas formas de "violências" contra jovens adolescentes.

Quadro 06 – Violências Intrafamiliares

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias de Violências)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Eu lembro só de coisa ruim;</i> ▪ <i>Meu padrasto me batia, me botava pra fora de casa, não gostava de mim né;</i> ▪ <i>Fui mora com meus amigos, cada dia na casa dum;</i> <p><i>na escola;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Meus amigos me davam comida, eu brincava e ia</i> ▪ <i>Sai de casa, acho que tinha uns 10 anos;</i> ▪ <i>A mãe ajudava quando eu precisava...ela preferia ficar com meu padrasto;</i> ▪ <i>Iam me levá pro lar... se eu continuasse aprontando.</i> 	<p><u>Abandono</u></p> <p>10 G padrasto batia e colocava fora de casa.</p> <p>20 Saída de casa com 10 anos.</p> <p>V0 Escolha do padrasto em lugar do pai.</p> <p>\0 Abandono do lar para evitar o confronto e a revolta do padrasto.</p> <p><u>Escolha de Hoje /am lia</u></p> <p>10 Os amigos alimentam e oferecem o que não existe em casa.</p> <p>20 Conseguem brincar e ir a escola por um tempo quando estão com os amigos.</p>

Fonte: autora (2006)

A "violência" doméstica é um problema que atinge milhares de crianças e adolescentes seja na família nuclear intacta composta pelo pai, mãe e os filhos nascidos de sua união, seja na família reconstituída, seja nas outras classes de arranjos familiares. Os processos de abandono e escolha do grupo de amigos como nova família descritos pelos adolescentes ocorrem tanto hoje quanto ocorriam na família de 70 anos atrás. As transformações sociais apenas deram maior abertura para questões que existiam no passado, flexibilizando os relacionamentos e imprimindo maior tolerância às uniões. Autores como Berlin (2001) ressaltam que os casais contemporâneos formados neste contexto recebem mensagens contraditórias da sociedade.

#or um lado" so*rem pressão para manterem 6alores e padrIes morais tradicionais" como casar" ter *il)os" 6alori+ar o meio *amiliar e adotar modelos r &idos de se@ualidade e de di6isãõ de pap9is entre)omens e mul)eres) #or outro" encontram%se obri&ados a adequarem%se 8s trans*ormaçIes nas tend7ncias sociais" com a multiplicidade de pap9is e@i&idos no mercado de trabal)õ" 6alori+açãõ do crescimento indi6idual e da 6i67ncia plena da se@ualidade) Como se não bastassem esses dois conjuntos de *atores" as tensIes das *ormas *amiliares e suas trans*ormaçIes sãõ muito mais pro*undas e o sistema de se&urança estabelecido 9 rompido" pelo desemprego" sendo percebidas e 6i6enciadas as questIes a&ressivas do cotidiano" intensificando%se as bri&as entre pai e mãe" entre este e o compan)eiro" bri&as entre pais/padrastos e *il)os)

A e*emeridade dos relacionamentos estK *a+endo" com que tanto os pais quanto os *il)os percam os rumos das re&ras e da liderança *amiliar)

As no6as uniIes se *i@am na super*icialidade dos sentimentos) G pra+er não estK de *orma al&uma li&ado ao 6 nculo) A lei 9 do pra+er imediato) A reaçãõ da criançã aos no6os relacionamentos da mãe ou do pai" pode ser impre6is 6el e" as conseq<7ncias sãõ incertas) Gs *il)os so*rem com a ruptura do 6 nculo a*eti6o e" quando não 9 bem aceito pelo padrasto pode so*rer)umil)açIes" como @in&amentos e a&ressIes) A mãe" em al&uns casos" pressionada entre escol)er o compan)eiro ou o *il)o" em outros" indi*erente" em atitude de desamor 8 prole" pre*ere 67%lo lon&e e o abandona 8 pr\$pria sorte" pre6alecendo o indi6idualismo

Tolra e Qarnier DIUUME c)amam a atençãõ para o *ato da *am lia ser instrumento pri6ile&iado do condicionamento sociocultural) 2m todo mundo" os sistemas *amiliares encontram%se em plena e6oluçãõ) A Constituiçãõ /ederal de 1UTT operou a constitucionalizaçãõ do Direito de /am lia" mas ao mesmo tempo em que pIe *im 8)ierarquia *amiliar" i&ualiza+ando os pap9is dos cJn5u&es" desle&itimou os *il)os" admitindo uma maior *le@ibilidade na de*iniçãõ de entidade *amiliar" a&ora em sentido amplo" alcançando" por e@emplo" as uniIes)omoa*eti6as) 2ste *ato" tamb9m pode ter conseq<7ncia incerta para a criançã" com o decr9scimo e mesmo o desaparecimento da *i&ura paterna)

Al9m desses *atores" a trans*ormaçãõ dos re&imes de bens adotados no casamento" tamb9m *a6orece a ascensãõ do indi6idualismo) A co%e@ist7ncia na *am lia dos dois c\$di&os" o relacional e o indi6idualista atra6essam toda a sociedade e" a preemin7ncia de um ou outro c\$di&o 6aria de acordo com as posiçIes e situaçIes de classe) 2mbora mais percebido na classe m9dia" o indi6idualismo tamb9m se supIe presente na maior parte das camadas

populares que são a maioria da população (ACPADG, 2001).

De acordo com Tannen e Aschmann (2002), as pessoas em culturas individualistas não têm um forte desejo de manter relações harmoniosas com outros membros, são motivadas a atingir relações íntimas com poucas pessoas selecionadas e estão dispostas a expressar claramente emoções negativas diante dos outros. Enquanto nas culturas coletivistas as pessoas valorizam as relações entre pais e filhos, entre irmãos e entre os membros da família, parentes de sangue e cultivam relações íntimas, sobretudo dentro de seu grupo.

Dessen e Costa Junior (2006) pensam a agressão como um fator do desenvolvimento que vem sendo estudado sob o enfoque cultural. O ideal de conformidade parece favorecer o aparecimento de comportamentos parentais autoritários que podem constituir a origem da agressividade dos filhos (Cohen et al., 2002). É provável que a agressividade se apresente nestes contextos como um problema mais sério do que em culturas individualistas. As crianças agressivas são as que não se ajustam às demandas coletivas.

A família contribui para a violência e o abandono do lar quando não há o diálogo e o diálogo entre seus membros; Aloufian (2006) ao tratar do conflito familiar refere que o silêncio nem sempre significa paz e liberdade. Quando um conflito é solucionado pelo silenciamento da parte mais fraca remete a ressentimentos latentes e o modo de expressão revela a barreira para o diálogo.

Para os que maltratam seus filhos muitas vezes foram maltratados na infância. A mãe que não dá carinho e não dialoga com o filho era carência afetiva. A criança que cresce em meio a brigas, maus tratos, agressões e emoções negativas busca no grupo de amigos suprir as carências naquilo que lhe é negado em casa. Dos companheiros recebe apoio, alimentos, um lugar para morar e proteção. Por certo tempo consegue brincar e ir à escola, mas rompido o vínculo familiar se desliga também da escola que além de desmotivadora não oferece uma razão forte para que ali permaneça. Então para andar na consciência de seus iguais e manter o que satisfaz os companheiros, sendo dessa forma presa ao uso de drogas, da prática de pequenos delitos até encontrar-se totalmente envolvido em atos de violência e na criminalidade.

Quadro 07 – Abandono/evasão/expulsão escolar

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<p>me trocaram e eu continuei gazeando, daí abandonei de vez esta escola...gazeava aula e repetia de ano;</p> <p>▪...fui expulso duas vezes. Agora eu tava matriculado, mas fui uma vez só, não fui mais.</p> <p>▪Eu quíria i notro colégio, onde ninguém me conhece... lá ia se diferente.</p> <p>▪...Então, voltei a estudar de noite no EJA, trabalhava como servente de pedreiro e, chegava muito cansado em casa, novamente larguei os estudos.</p>	<p>O espaço escolar</p> <p>10 A escola não atende as expectativas das crianças e jovens.</p> <p>20 Desmotivação e "alta de interesse" são causas da ineficiência e repetência.</p> <p>V0 "Alta de interesse" da escola por ultrapassar limites.</p> <p>Discriminação e exclusão</p> <p>10 "Falta de escola" mas tudo permanece igual.</p> <p>20 Com autoestima baixa se sente discriminado.</p> <p>V0 Trabalhar e estudar de noite pesa muito.</p> <p>\0 "Cansado" abandona os estudos.</p>

Fonte: autora (2006)

A velocidade das transformações sociais e das inovações tecnológicas é determinante da mudança de comportamentos e das relações interpessoais.

Os educandos modernos e realistas estão atentos e interessados pelo trabalho educacional. São participativos, brincam, são criativos e são curiosos. Interações são feitas de forma estruturada e vão deixando marcas na sua identidade. Desde que nasce a relação de afetividade e o aluno possa desenvolver gradativamente suas aptidões e potencialidades. Mas a escola de hoje parece não atender mais as expectativas das crianças e jovens /alta entusiasmo, inovação e sabedoria por parte dos professores.

Os alunos se sentem desmotivados, desmotivação nas escolas onde o computador foi introduzido na sala de aula e este "alta de interesse" ineficiência e repetência. Os jovens estão mais agressivos e com ineficiência apelam para a violência /alta aos estudantes de hoje o sentido de utilidade da educação a percepção do Zinedine Zidane mais além das situações limites e geradoras de suas necessidades. Não há como ultrapassar a sua experiência existencial "ocultada" da timidez da "amélia desestruturada" da "alta de emprego" dos apelos televisivos e do grupo de companheiros.

Aqueles com baixa autoestima que não conseguem interagir no grupo de iguais acabam atrapalhando o trabalho de outros alunos. Desmotivam e ultrapassam as condições disciplinares e são excluídos da escola.

Portanto entende-se que a autoestima decorre dos motivos predominantes que são colocados na própria cultura. Estes motivos por sua vez criam um ambiente de estímulos

e de desastio. A afirmação do professor é fundamental no desenvolvimento da autoestima das crianças e jovens pois todas as mensagens passadas em sala de aula verbais ou não ficarão reestruturadas como lembranças boas ou ruins influenciando na forma como o sujeito constrói a percepção de si mesmo e das pessoas que o cercam.

Uma característica do comportamento é a variação. De A4; 24 (U6TE0) osqueira (2001) entende que nessa variação estão envolvidas inteligência, emoções, energia e ansiedade. A variação do comportamento humano se ilustra através das experiências que os indivíduos têm a respeito nas interações as quais por sua vez criam um ambiente transformador da ecologia psíquica.

A exclusão é produto do funcionamento do sistema. A dialética inclusão/exclusão destas subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou rejeitado. Não são apenas as determinações econômicas que explicam emergência dessas subjetividades. Os indivíduos nas classes mais pobres sofrem mediações de diferentes ordens capazes de gerar sentimentos de culpa pela exclusão até a rejeição. É manifestada no cotidiano escolar como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência (SAQUAIA 2006). A agressividade pode deslizar com frequência em alunos com autoestima baixa no sentir-se discriminado no isolamento ou em agressões verbais e físicas.

A volta à escola para aqueles alunos que se sentem discriminados e excluídos pelo professor e pelos colegas nem sempre devolve a autoconfiança e a confiança nos outros porque a escola alia as diferenças permanece em tudo igual rotula os alunos pela aparência não dá espaço e liberdade não inova operando a matança de talentos principalmente se pertencentes às classes menos privilegiadas. Os professores não estão preparados para lidar com o subjetivo de seus alunos e descobrir os problemas familiares que muitas crianças e adolescentes vivem. Até os pais curiosos ou reclamantes que participam dos Conselhos da Escola desistem e acabam se afastando (ATAHXA 2002).

Problemas como a falta de comunicação entre pais e filhos vítimas de violência sexual e psicológica ocorrida na família ou cometida por pessoas significativas para criança ou adolescentes são vistos por Assis et al (2001) como fatores que interferem na construção da autoconfiança e da confiança nos outros. A violência cometida por pessoas de quem a criança ou adolescente espera amor, respeito e compreensão considerado um importante fator de risco que afeta o desenvolvimento da autoestima, da competência social e da capacidade de estabelecer relações interpessoais (A4; 24 IHG et al (1996) potencializando a criação de

um autoconceito negativo e uma visão pessimista do mundo (D'A>2 F 2 DG" 1 UTUE)

Quadro 08 – Escola como lugar bom

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<i>Eu era mimado pela minha família né, eu era bem educado até, eu ia na creche nessa época... era mimado pela professoras da creche.</i>	1) Começa a estudar com 6 anos" era tímido e superprotegido em casa e na escola.
<i>Com 06 anos fui pra escola, eu era meio tímido. Minhas notas eram boas, fiquei nessa escola até a quarta série, estudei lá porque era melhor.</i>	2) Estudou na melhor escola do bairro até a quarta série e tirou boas notas.
<i>Eu era um bom aluno, dentro da sala de aula, fazia as tarefas...</i>	3) Era bom aluno" cumpridor das tarefas" a escola que não era boa.

Fonte: autora (2006)

As crianças percebem que estas crianças começam cedo a ir à escola e podem ser tímidas e superprotegidas em casa e na escola. Estudam desde cedo em boas escolas e geralmente até a quarta série do ensino básico e tiram boas notas.

Conhecimento é uma ação que estimula o saber coletivo" despertando nas pessoas o interesse e a vontade de compartilhar o que sabem. Há formação de espíritos capazes de identificar e organizar seus próprios pensamentos favorece a aptidão natural do ser humano de contextualizar e situar-se espacial e temporariamente" relacionando o que aprende com o mundo" interpretando-o e dando um significado que motiva a si mesmo e o movimento em direção aos valores que acredita (CASTRO" 2002).

Neste sentido" o professor exerce papel complementar à educação familiar e utiliza técnicas que favorecem a aquisição de conhecimentos compatíveis com as diversas atividades da escolarização" transmitindo conhecimentos e valores essenciais a uma vida em sociedade e acompanhando o desenvolvimento do educando nos aspectos biológicos" psicológicos" afetivos e ambientais.

Embora a escola possa garantir uma formação generalista" os profissionais podem ir além da proposta pedagógica da escola" contribuindo para que a aquisição de conhecimentos dos alunos não seja simplesmente um ato de transferência do educador para com o aprendiz" mas um ato único e criativo de ensino e aprendizagem. O ensino pressupõe uma reflexão

sistemática sobre a prática" isto é um esforço de construção através de uma atividade que é simultaneamente teórica e prática" individual e coletiva)

Gratuito ajuda muito nas séries iniciais) Se o relacionamento pessoal entre a criança e o professor "ou bom" pouca importância ter se o método didático corresponde ou não às necessidades mais modernas" dizia Carl Jung / ADI ! AHL / 4A (24" 1UT6E) Gr aprender torna-se um processo pessoal inserido no coletivo) Trata-se então" de conceber a escola como um espaço prazeroso e de interação" algo que não é percebido nas salas de nossos informantes quando perambulamos de escola)

Quadro 09 – Escola como lugar ruim

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ [...] mentia que ia pra aula e voltava só pra pega o transporte de novo sabe... ▪ eu não fazia as coisa que a professora pedia; ▪ [...] tô legal de escola e de projeto; ▪ só que na hora do recreio eu mudava totalmente, mudava demais. ... ▪ Aí, minha mãe ficava braba, ela tinha que ir no colégio conversá. 	<p>Escola perde seu significado</p> <p>10 A escola oprime" o aluno perde o interesse" alta 8 aula" mental.</p> <p>20 Não aceita as práticas escolares" não precisa da escola" tem um projeto próprio de vida.</p> <p>V0 No recreio as mudanças de comportamento" aloram impulsos" condicionamentos" a mãe quando informada" cobra do filho)</p>

Fonte: autora (2006)

A escola mesmo constituindo uma das referências básicas para os jovens" pela expectativa de ingressar no mercado de trabalho" pelas relações com os colegas" a sociabilidade de pares" e com os professores" perde seu significado" porque assentada na desigualdade" tenta igualar as diferenças" mas continua desinculcando o ensino da realidade)

As contradições são percebidas quando alunos como os informantes não conseguem relacionar o que aprendem na escola com o cotidiano de suas vidas) A escola" para eles" serve para oprimir e excluir" tornando-se um mecanismo impotente na cotidianidade dos mesmos)

Isso será que os informantes sentem estas contradições em qualquer escola? As melhores escolas" as mais eficazes na promoção do desenvolvimento "ético" social e cognitivo dos alunos" apresentam em essência características similares) Dentre estas características" Coll DUUE destaca. são escolas com um "modelo educativo" nas quais os professores planejam sua tarefa docente em conjunto e tomam decisões em comum acordo na perspectiva de experimentar "avaliações e revisões constantes) Não supõe a submissão a

prescrições e@ternas r &idas" mas)K uma or&ani+ação e um *uncionamento K&il e nas quais o planejamento e a tomada de decisIes coletivas coe@istem sem di*iculdades com a liderança de determinados membros do &rupos de pro*essores no que consiste 8s tare*as de liderança" ino6ação" a6aliação e controle)

Hessas escolas e@iste uma estabilidade de pro*essores e" os mesmos t7m oportunidades para mel)orar sua *ormação" conforme as necessidades da escola e@istem nas mesmas um trabalho sistem&tico e ri&oroso de planejamento e coordenação curricular entre os pro*essores" incluindo os procedimentos para uma a6aliação continua dos alunos) PK um alto n 6el de en6ol6imento dos pais" certa comunidade de 6alores compartilh)ados" uma utili+ação racional

Quadro 10 – Irresponsabilidade “não dá nada”

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Daí eu tinha um serviço comunitário (PSC) pra pagá..</i> ▪ <i>cumpri serviço comunitário em alguns, outros não terminei.</i> ▪ <i>..eles piraram comigo né, ganhava tudo deles e aprontei essa de novo.</i> 	<p>1) Adolescente in*rtator" em cumprimento de ! edida S\$cio%2ducati6al.</p> <p>2) Bu&ar bom" &an)a tudo" mas procura *urtar%se da responsabilidade atribu dal.</p> <p>V) In*luenciado por *atores intr nsecos e e@tr nsecos resiste aos e*eitos moderadores do sistema" reincide!</p>

Fonte: autora (2006)

Am dos principais desa*ios a en*rentar no campo da 6iol7ncia 5u6enil 9 a identi*icaçã das causas adequada dos *atores como desinteresse pelo estudo" in*req<7ncia" *racasso nos estudos" abandono da escola" uso de dro&as" proteção do &rupo de ami&os!

#ara ! osquera D1UT\E" os condicionamentos mais importantes no desen6ol6imento de uma personalidade estão estruturados a partir da relação que o indi6 duo mant9m com seu meio ambiente ou comportamento em ação no ambiente! Dentre as *orças que in*luenciam o desempen)o do)omem e o seu desen6ol6imento como pessoa" as *orças * sicas ou arran5os que pro6ocam padrIes de comportamento podem ser re*ormulados e controlados! Gs ambientes *amiliares e escolares podem")abilmente ser mane5ados" proporcionando modi*icação no comportamento!

As *orças sociais que se mani*estam *ortemente atra69s do processo educacional" podem in*luenciar para a sociali+açã" desen6ol6endo nas crianças ou adolescentes o desen6ol6imento das necessidades pessoais" das percepçIes e sentimentos" atra69s de modelos que representem o ambiente social no qual o indi6 duo 6i6e! A aprendi+a&em 9 um processo de &rande 6alia para o desen6ol6imento da personalidade" pois atra69s dela o ser)umano altera padrIes de comportamentos e pode *ormar uma auto%ima&em atra69s do relacionamento com os outros!

Dentre as di6ersas cate&orias de *orças" a seleção por comportamentos induti6os" 9 apontada como o de maior 6alia" dentre as analisadas por ! osquera D1UT\E" porque dentre os 6Krios comportamentos alternati6os" o indi6 duo pode escol)er aquele que mais l)e con6ier e" dessa *orma" apresentar uma coer7ncia internali+ada" radicada na concepção de mundo que desen6ol6eu e no mane5o que estabeleceu com o ambiente pr\$@imo!

G que queremos mostrar 9 que parece que a escola não tem cumprido a sua *unção social. transmitir con)ecimentos *actuais")abilidades e 6alores" como" por e@emplo" lealdade"

agir cooperativamente. Há medida em que a visão pedagógica também uma visão ideológica" crianças ou adolescentes continuarão internalizando a imagem do "fracasso ou do sucesso". Aqueles que são mais valorizados pela escola tendem a melhor se adaptar e alcançar relação "sucesso" seguindo dentro dos padrões considerados pela sociedade" ao passo que aquelas outras" que são a maioria" acaba sendo eliminadas brutalmente desta escola" dela nada conseguindo. Assim" ao invés de se escolarizarem" se desescolarizam" o que mais cedo ou mais tarde acaba tornando com que sejam excluídas" eliminadas do conteúdo da escola (DBI? gH2G" 2001).

Significa que frequentemente a raiz do comportamento antissocial" a expressão das crianças ou adolescentes está na maneira como a família" a escola e a sociedade tratam os mesmos.

O modelo econômico capitalista extremamente excludente" caracterizado por uma grande concentração de renda" se constitui em um dos principais fatores da desigualdade e da violência. Enquanto 20% da renda do país ficam nas mãos de 10% da população" os 20% da população mais pobre detêm apenas 2% dessa renda (HADDAD" 1998). A sociedade do mundo capitalista" valorizando essencialmente o consumo" as coisas materiais" a aparência em detrimento da essência da pessoa humana" desvirtua o significado de ser humano" empurra crianças e jovens" cada vez mais" à violência que permeia as diferentes relações sociais e que aparecem de forma explícita nos meios de comunicação de massa" principalmente na mídia televisiva.

Esses jovens cumprindo medidas socioeducativas" em seus depoimentos" mostram que são seres carentes" acam a instituição de passagem, CAS2, um lugar bom" principalmente porque é um lugar de tudo. Mas mesmo assim" sempre que podem procuram fugir de suas responsabilidades. Por que ocorre assim? Porque esta instituição guarda em si o retrato do mundo como se lhe apresentou fora dali. Sob o peso de fatores internos e externos resistem às lições e reformatórios do sistema" acabando menos dia mais dia por reincidirem. O que falta a esses jovens? Uma boa educação. Uma educação com valores" que ensine o respeito a si e ao próximo.

Os adolescentes que cometem infrações vivem os reflexos daquilo que internalizaram" do que a sociedade lhes ofereceu até aquele momento. Mudar" não é fácil" quando direitos são violados" principalmente quando não se tem o amparo de valores positivos" para valorizarem o bom e o certo.

Entende-se que a exclusão está relacionada à dimensão mais subjetiva da pobreza ou seja a desigualdade de renda e de acesso aos serviços. Todavia a mesma não atinge apenas as populações mais carentes mas constitui um processo em curso que atinge cada vez mais todas as camadas sociais. (DQ AHD24B2=" 1UUUE)

A situação de adolescentes e jovens pobres no mercado de trabalho é principalmente em contextos urbanos e amplifica o ciclo de reprodução da pobreza da interação entre circunstâncias desfavoráveis e dimensões de exclusão. Os adolescentes e jovens das classes populares se vêem obrigados a uma inserção precoce no mercado de trabalho devido a suas baixas qualificações e escolaridade pois abandonaram a escola sem concluir o ensino fundamental ou o ensino médio e sua pouca ou nenhuma experiência têm dificultado o acesso a postos de trabalho mais qualificados e com melhores salários. Estes jovens ficam muito tempo esperando por promessas que não se realizam e quando conseguem um emprego são geralmente os piores mal remunerados em condições precárias e com uma jornada de trabalho mais intensa. Isso também é causa do abandono precoce da esperança por uma vida melhor.

Além de uma análise da irresponsabilidade dos adolescentes infratores do CAS é necessário considerar também a vulnerabilidade destes jovens e a situação de risco dos mesmos. Para estas crianças e adolescentes muitas vezes dependentes e sem o poder ou a maturidade suficientes para refletir sobre os atos que praticam porque geralmente são elas mesmas vítimas no lar na escola ou na rua do desrespeito e agressões.

Este cotidiano de violência na família e desestruturação familiar é situação de risco requerentes na infância e adolescência. Distúrbios afetivos e de conduta de personalidade e de pensamento uso de drogas abandono maus tratos traumas violência física provocam conflitos inconscientes e eram estados de tensão e excitação ou depressão que podem levar à compulsão ou desvio. (D2IS2HST2IHL SGA>A" 1UUVE)

Quadro 11 – Passando pelo não dito

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>A mãe falava e eu não escutava, daí quando ela se acalmava eu voltava pra casa;</i> ▪ <i>A quando ela incomodava eu saí de noôl.</i> ▪ <i>Aí, ela não deixava eu brincar;</i> ▪ <i>A mãe ia no conselho tutelar e eles ia lá em casa quase todo dia[..].</i> 	<p>Falta de integração familiar</p> <p>10 As mães são vistas como pessoas intolerantes que "alam demais" que se estressam com tudo e incomodam.</p> <p>20 A mãe é mostrada como aquela que "astata o (il) o de casal.</p> <p>V0 A mãe é vista como "Zr &ida[/ opressora.</p> <p>\0 G Conselho Tutelar assumindo o papel de Zsuperôisor[e Zcontrolador[do cotidiano do (o6em0</p>

Fonte: autora (2006)

A falta de integração e harmonia familiar é uma das causas do aumento da violência entre adolescentes. Pesquisas da Abrapia DIUUME relacionam muitas causas da violência doméstica contra crianças e adolescentes tais como as questões sociais, culturais, econômicas, religiosas, psicológicas e psiquiátricas. Entretanto, alguns fatores desencadeantes da violência doméstica são reconhecidos mundialmente. O abuso do poder do mais forte sobre o mais fraco, a reprodução da violência sofrida pelos pais, a situação de pobreza e miséria da família, a imaturidade de mães e pais para resolver problemas crônicos da família atual, que têm suas origens nas famílias que os geraram e/ou criaram.

Como na análise empreendida, os adolescentes se queixam de que as mães não sabem como lidar com eles e que não os escutam. PK casos de mães que são citadas como intolerantes, que estressam e "astam os (o6ens de casa. Estas mães representam a "ride+ familiar", o autoritarismo e a falta de compreensão. Estes (o6ens querem "i6er em ambientes "ares" que não inter"iram em seus pensamentos e ações. Quando isso ocorre, "em com rep' dio e intolerância", desen"ol6endo sentimentos negativos em relação à família, sendo at9 capazes de bater nos pais. Estes "orem e "6idam" porque incapazes de compreend7%los, não sabem onde erraram, não encontrando o caminho dos limites, se desesperam e querem "er os (il)os lon&e do lar.

Para ?los DIUUTE o ambiente da criança é sempre em toda parte, representado pelas "ar10 práticas e atitudes específicas com as quais as pessoas si&nicativas satisfazem suas necessidades físicas e emocionais. Inicialmente o mundo exterior é modelado em consonância com o esquema corporal, cuja representação mental constitui o "o corporal. A realidade é formada pelas representações mentais do ambiente" dnidDe07DpDeD.YDrGDa

ao ambiente são apenas reações. Com o desenvolvimento da memória não se estabelecendo traços distintos entre o mundo interior e o exterior, o eu e o não-eu. Entretanto, como nem sempre a realidade externa é aquela identificável nos sonhos, a fantasia diferencia as emoções associadas e o conteúdo psíquico, bem como suas variações e manifestações. Quando o ambiente social não está de acordo com o esperado pela criança, falta a interação entre ambos para apoiar e dirigir a maturação e o desenvolvimento, se tornando insatisfeitas e mostrando evidências de neuroses.

Como a padronização cultural está ancorada nas reações emocionais, nas atitudes coerentes e sentido de valor do ambiente, se as forças pulsionais infantis não foram transformadas em crenças e costumes sociais, o que começou na modelação da pulsão instintual através das experiências de prazer e dor, logo estendido ao sistema do ego e superego, quando não há uma progressão de

Estados" produzindo o controle social penal" repressão" onde aparecem o discricionarismo e a violência policial" a produção social do sentimento de insegurança" o programa de tolerância zero e o encarceramento dos consumidores marginalizados, moradores pobres de rua ou das áreas urbanas proibidas, promovendo a subsistência da indústria carcerária" formada por policiais adidos e fornecedores de equipamentos carcerários. Esse estado de controle social penal caracterizado por uma política repressiva" o Judiciário penalmente a privatização do controle social" e o crescimento do número das polícias privadas e das prisões privadas. As lutas sociais contra a violência e oprimir as possibilidades de uma governamentalidade" fundada na sociedade civil e na construção social da cidadania" buscando-se a reconstrução das relações de sociabilidade mediante outras bases da solidariedade social. Assim" multiplicaram-se os projetos para prevenir as violências e reduzir a criminalidade violenta" neste nascente século XXI" em busca de um outro mundo possível. No século XX" muito se discutiu e se discute ainda sobre a violência" em particular a violência doméstica e a violência contra os jovens" mas o debate sobre questões de segurança tem sido escasso" face aos acontecimentos violentos no Brasil e no mundo.

Se por um lado em âmbito da sociedade civil mundial" vista como o novo palco da história" que os indivíduos e as coletividades" as classes e os grupos" os gêneros e as etnias" as línguas e as religiões adquirem outros e novos significados" envolvendo movimentos de interação e transformação" acomodação e contradição" reforma e revolução" como expressão da luta pela reinvenção das formas de solidariedade" a redefinição do trabalho" em múltiplas relações sociais" no espaço rural e no urbano" a prevenção e erradicação das formas de violência social e a construção de um outro tipo de trabalho policial" a emergência de uma noção de segurança cidadã" na perspectiva da mundialização (SANTOS" 2000).

A construção do controle social democrático supõe que tanto as instituições de socialização como a família" a escola" as associações locais e os meios de comunicação" quanto os mecanismos do controle social formal" tais como as polícias" o sistema judiciário" as instituições prisionais" reconstruam o objetivo de uma governamentalidade preocupada com as práticas de si" emancipatórias" dos conjuntos de cidadãos e cidadãs em suas vidas cotidianas" em suas trajetórias sociais e em seus sentidos de sociedade.

Essas considerações evidenciam que a violência não é apenas uma questão de inclusão social. Deve-se procurar saber onde outros elementos e a sociedade se encontram e identificar o determinante mais forte das ações individuais" saber como estes elementos atuam e a sua influência no comportamento individual e coletivo das pessoas.

Entre os muitos elementos influenciadores das construções violentas em nossas sociedades" quem aposta na "ética"

pesquisas baseadas em estudos realizados por "runner et al" (1998) "Cases et al" (1999) e mais recentemente por Caspi et al" (2002) relacionaram a influência de causas "éticas" na determinação de nossas ações. Apontaram como "fritas" as interações que prejudicam o necessário equilíbrio dos neurotransmissores cerebrais" (geralmente o "cérebro sozinho" conta de muitas "tarefas" disponibilizando equilibradamente os neurotransmissores" mas ocasionalmente o produto de um "gene" pode "afetar" a disponibilidade da serotonina no "cérebro" ocasionando "efeitos" palpáveis no seu "funcionamento". A "deficiência" de serotonina está "ligada" à depressão e "alta" de "motivação" "seu" "excesso" leva à "agressividade". A "deficiência" em monoamina oxidase (MAO) "uma" "enzima" que "regula" a quantidade de serotonina disponível no "cérebro" "eleva" o nível de serotonina no "cérebro". Estes estudos indicam que "maus tratos" na infância são "fatores de risco" mas não "sinalizam" de "violência futura" embora o "índice" de criminalidade adulta aumente em "50%" entre "crianças maltratadas" a maioria delas não se tornam adultos delinquentes ou criminosos. A "diferença" está na "ética" de cada um.

Caspi et al" (2002) estudaram as "tendências" de "homens" à "violência" usando "índices" diferentes como "sintomas" de "distúrbio anti-social" e "indiciamentos" por crimes violentos. Analisaram desde o "registro" de "maus tratos" na infância quanto a "variante" da "enzima" MAO "produzido" por cada "voluntário" constataram que "homens" maltratados na infância "tinham" uma "probabilidade" de "60%" maior que os demais de cometerem crimes violentos" desde que eles "além" de terem "sofrido" "maus tratos" "se" "possuem" uma "forma" "atípica" da "enzima" que "permite" níveis "elevados" de serotonina no "cérebro". "Investigaram" que a "predisposição" à "violência" está "protegelmente" nas estruturas do "cérebro" como a "amígdala" que controlam o medo. "uma" "alteração" permanente no equilíbrio da serotonina" causada pela "conjunção" entre "maus tratos" e "baixa" "enzima" pode "afetar" com que a "amígdala" se torne "permanentemente" "hiperreativa" "reagindo" desmesuradamente a um estímulo de que de outra "forma" não "evocaria" uma "reação" violenta. A "propensão" à "violência" requer a "conjunção" no "cérebro" entre a "violência" e o "ambiente" sendo "exemplo" os "maus tratos" na infância.

Como o "gene" da "enzima" MAO "está" no "cromossomo" W" presente "duas" "cópias" nas "mulheres" e apenas uma "cópia" nos "homens" os "geneticistas" lembram que o "mais" "forte" "marcador" "ético" para a "violência" ainda "é" a "presença" de um "cromossomo" X. Isso pode ser o "marcador" dos maiores "episódios" de "violência" dentro e "fora" do "microsistema" "familiar" "recair" sobre "indivíduos" do "sexo" masculino.

Pois um pai ou uma mãe intolerante que briga e agrides seus filhos não sabem que irão desencadear a violência futura dos mesmos. Por outro lado o discurso da família sempre sublinhado na sua própria fala enquanto sua porção aente aparece no discurso da mãe o tempo todo. Segundo Bordelo et al (2002) a única parte da fala de uma criança que pode estar relacionada ao ato dele ser bastante agressivo é quando ele se descreve como muito nervoso.

Para os autores/pesquisadores que estudam a relação entre a genética e a violência os pais não alteram suas condutas não se preparam não possuem um ambiente que diminua ou não gere em face dessa ausência de conhecimento familiar da natureza genética da criança resultar num dado comportamento violento e/ou que propicia a violência. Por outro um adolescente que lida com este contexto através de estratégias singulares constrói um personagem de certa forma coerente com esses contextos evidenciados na família na escola e na comunidade. Daí se dizer que comportamentos anti-sociais e pró-sociais são culturalmente construídos e em certo ponto definem-se mutuamente (FABSIH 24, 1 UUTE).

Neste contexto de pensamento uma compreensão adequada da trajetória do adolescente inator deve levar em conta os significados em torno da violência prevalente no seu grupo cultural de referência o qual inclui polaridades como as que definem o lugar dos pais seu lugar e o lugar dos irmãos na família. A inserção de cada um dos filhos como membro da família por sua vez interage com a trajetória dessa família matricial em contexto socialmente adverso marcado por condições como pobreza violência e suporte social precário ausência paterna sobrecarga materna (BORGES et al 2002).

Portanto lembra-se neste estudo que as condições do contexto seja ele doméstico ou urbano afetam parte da ecologia propiciadora de atos violentos. São nesses contextos que crianças e adolescentes vêm construindo sua identidade de modo tão intimamente ligado à violência afetando deles agentes famílias ou ambas as coisas.

\\V 42#42S2HTAXYG DA #4IFAXYG D2 BI ? 24DAD2 HGS DISCA4SGS DGS
IHT24HGS DG CAS2

Os dados apresentados neste tópico foram coletados em entrevistas individuais. Dessa forma permitiram identificar o que os jovens pensam sobre estarem privados de liberdade.

© Centro de Atendimento Socioeducativo 4 Regional de Santo Antônio, CAS2 como

e@plicado em outros t\$picos deste te@to" destina%se 8 internação de adolescentes e 5o6ens adultos" sob a 5urisdição do Jui+ado 4e&ional da In*3ncia e da Ju6entude de Santo gn&elo/4S0

A demanda constitu da de adolescentes pri6ados de liberdade com direito de receber escolarizaçã e a or&ani+açã das ati6idades s\$cio%educati6as e de ensino" em tempo inte&ral" de modo a não permitir a ociosidade" 6isam atender aos ob\$eti6os do per odo de internação0 Gs adolescentes in*ratore nã se adaptam ao sistema do CAS2 porque acostumados ao sedentarismo e a um contato mais prolongado entre indi6 duos do &rupu" *acilitado por uma con*ormaço 8s *orças co%relacionais" *ora de um campo de limites que de6eriam ser impostos no lar e na escola0

Quadro 12 – Lugar Ruim

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Não tem como explicá, está preso é ruim, não se pode fazê nada, nada pode né;</i> ▪ <i>Bá, representa mau né;</i> ▪ <i>Acho que tenho que pagá pelo que eu fiz de errado, senão, eu vô ta voltando sempre pra esse lugar.</i> 	<p>CASE</p> <p>10 G CAS2 9 o que pri6a da liberdade" 9 o que 9 Zmau[L</p> <p>20 G CAS2 9 6isto como espaço da punição0</p>

Fonte: autora (2006)

Se&undo /aleiros D200CE" as relaçaIes sociais" são mediadas por determinaçIes concretas e reais e que as constituem" como a relação e@istente entre pai/*il)o0 Assim" como a relação pai/*il)o pode estar determinada pelas mediaçIes da re\$eição" da superproteção" da aus7ncia" as relaçaIes nos &rupos de ami&os tamb9m encerram uma correlação de *orças0 Hos processos contradit\$rios de en*rentamentos e lutas" de di*erentes ordens" as *orças se constituem nas mediaçIes de poder e@istente nas relaçaIes0 A inter6enção pro*issional condensa as *orças sociais e mediaçIes comple@as" podendo ser mais ou menos autJnoma nessa correlação0 Atra69s de inter6enção indi6idual e coletiva busca%se le6ar o adolescente 8 compreensão dos atos que o le6aram a estar ali" ou6indo%o e *ornecendo subs dios para o questionamento0

Assim 6ão se construindo mediaçIes e redes que podem ser e@pressas num mapa das redes dos su\$eitos" se6am indi6 duos" se6am coleti6os" que represente a trama em que se *oi tecendo suas 6idas em seu cotidiano" articulando%se)istoricidade e cotidianidade D?24TAAW%QIA !2" 1UTVE0 ! esmo que essas transaçIes e arran5os" se multipliquem" podem não eliminar as tensIes" pois os adolescentes podem estar atra6essados pelo

antagonismo entre exclusão e inserção) /aleiros) entende que as mediações dão resultado quando a relação sai da dualidade para se tornar múltipla) 2ª construção do vínculo social se dá no cotidiano e no âmbito local)

De acordo com o paradigma da correlação de forças" as mediações de poder e portanto" de opressão" subordinação" criminalização" vitimização" racialização" dentre outras" devem implicar o fortalecimento do eu" a criticidade e o uso de recursos) o desenvolvimento do sentido do eu mais positivo" a construção de uma capacidade de compreensão mais crítica da rede de realidades sociais e políticas e do meio) e quando o sujeito não consegue situar suas relações no cotidiano e na história" tornando com que ao mesmo tempo" sua trajetória seja compreendida e situada" ele sentirá as pressões das pressões" e nas condições em que se encontra" destacam-se os diferentes patrimônios que foram ganhos ou perdidos em momentos de ruptura" de continuidade e de reorganização das relações" num processo constante de arranjo dos conflitos e consensos" na descoberta de oposições e alianças nessas relações) (AB214GS" 200CE)

Assim" pode-se explicar o porquê do adolescente que está no CAS2 considera-lo um lugar ruim) 2ª sua trajetória cotidiana ele não foi sujeito da dignidade irrepetível de que cada pessoa é merecedora e de uma educação adequada às suas circunstâncias específicas) A pessoa é um ser completo" nas suas dimensões física" intelectual" afetiva" estética" social" moral" ética" espiritual e religiosa" por isso" exige-se uma cuidadosa atenção ao desenvolvimento equilibrado de todas estas vertentes)

É importante promover todos os valores) Os valores físicos conduzem a uma vida sadia) É estímulos aos valores estéticos" é um caminho excelente de educação da sensibilidade) Os valores éticos e morais dão à pessoa uma estrutura interior autônoma" quer pelo exercício da inteligência e pelo treino da vontade" quer pelo domínio dos impulsos" reforçando os positivos e corrigindo os negativos) #ela educação da afetividade" desenvolve-se a maturidade humana e conquista-se a pouco e pouco" a consciência da responsabilidade" a prática da liberdade" o âmbito da corresponsabilidade e da participação gratuita)

Se o adolescente não recebeu esse saber" não viveu a sua prática) ao encontrar-se privado da liberdade" devendo seguir normas e submeter-se a ordens" vivendo em tempo integral sob a pressão do controle institucional e" ainda" no breve tempo que ali está não conseguiu superar seus conflitos" certamente acará o lugar ruim)

! mesmo já tendo adquirido a consciência de que está errado e tem que ser punido por

seu comportamento" no seu imaginário" a instituição CAS2" não constitui uma categoria boa para pensar. Além disso" como expressa Marina Ro et al (2004)" os valores da sociedade atual associam juventude a divertimento" lazer" alegria" beleza" valorizando uma visão hedonista do estilo que vive. Direitos" deveres e responsabilidade" também se apresentam como associações importantes" dando relevo à liberdade. Associa a liberdade individual à conquista de autonomia" atribuindo grande relevância às expectativas

2 Sem liberdade" sem direitos , A privação de liberdade na percepção do adolescente[" lançada em 2002" pela AHC2/" mostra que 2V"6T f dos adolescentes entrevistados consideravam os ambientes em que cumpriam as medidas apertadas" su*ocantes" escuros e depressivos. Diante dessa constatação" que tipo de recuperação se pode esperar quando direitos mínimos" de espaço" limpeza e respeito à individualidade não são respeitados^ DA C4IAHXA000" 200\E0

2 O adolescente in*ator s\$ pode ac)ar ruim um lugar assim. 2 Ele sabe que terá que mudar seu comportamento" sob pena de reincidir e" novamente ser privado em sua liberdade.

2 A manutenção de adolescentes in*atores adequadamente assistidos" comprometendo% se a sociedade com esses programas" alcançarK sucesso na medida em que não se *aça da medida de liberdade Assistida um simulacro de atendimento" como muitas vezes se *a+ em relação aos imputK6eis colocados em sursis DSA4AIFA" 2002E0

#ara Folpi D2001E a e@peri7ncia de privação de liberdade" quando observada pela percepção de quem a so*reu" revela toda a sua ambi&<idade e contradição" constituindo%se num misto de bem e mal" casti&o e oportunidade" alienação e re*le@ão" cujo balanço *inal está longe de ser alcançado. Uma vez que" as contradições da sociedade nunca serão isoladas no interior de qualquer sistema" por mais ass9ptico que ele seja.

2 Ismo com adoção das medidas s\$ocio%educativas previstas pelo 2CA" os índices de criminalidade entre os adolescentes" assim como em outras *ai@as etKrias crescem com os números do desemprego. Sem acesso a uma educação que garanta a entrada no mercado de trabalho" boa parte dos adolescentes das periferias das grandes cidades" se enól6e com atividades como o tráfico de drogas. Nas cidades de porte médio e pequeno" a criminalidade entre os adolescentes também tem crescido sobremaneira. 2 ntre os adolescentes que cumpriram medidas s\$ocio%educativas" mais de 60% nunca receberam nenhum tipo de instrução normal DA C4IAHXA000" 200\E0

2sta seria uma solução^ Como os jovens encaram esta possibilidade quando eles mesmos nos colocam que a escola é ruim^ Há uma contradição^ No quadro a seguir vamos discutir um pouco esta questão.

Quadro 13 – Pensar no futuro

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Agora eu penso que tem que estudar pra pega um serviço bom, ajuda a mãe em casa.</i> ▪ <i>Hoje eu penso diferente, ..., eu to estudando prum concurso. Se estivesse lá fora, acho que não tinha me interessado, não tinha nem ficado sabendo...</i> ▪ <i>Tá preso vai servi pra quando pensa numa coisa errada e não fazê.</i> 	<p>10 2studar" ter um bom trabal)o" audar 8 *am lia" 9 o pensamento de muitos adolescentes in*ratores.</p> <p>20 A e@peri7ncia 6i6ida com o pro&rama de atendimento s\$cio%educati6o pode *a+er o adolescente repensar seu comportamento e plane&ar o *uturo.</p> <p>V0 A institucionaliza&o do adolescente in*ator atua sobre as percep&es" podendo despertar os bons sentimentos e o interesse por reali+aqes posi&ivas" lon&e do crime.</p>

Fonte: autora (2006)

Apesar da contradi&o com os depoimentos anteriores sobre a escola" obser&a%se que a Zinstitui&o[CAS2" *a+ com que se pense em estudar" ter um bom trabal)o e audar 8 *am lia" 2les pensam no *uturo" assim como ocorre com qualquer 5o6em" principalmente os inseridos nos se&mentos das camadas m9dia e popular.

G trabal)o com o 5o6em em con*lito com a lei" em cumprimento de medidas s\$cio%educati&as" particularmente em pri&o de liberdade com internaqo em estabelecimento educacional" si&ni*ica" a partir da promul&a&o do 2CA" uma c)amada 8 responsabili+aqo do 5o6em" em *ace da trans&resso cometida / rancisc)ini e Campos D200CE a&aliando o car&ter s\$cio%educati6o de institui&es como o CAS2" apontam que uma estrutura * sica boa" a prepara&o dos pro*issionais para aqes educati&as e um trabal)o transdisciplinar so al&uns dos aspectos que podem *a+er a di*eren&a em um ambiente prisional.

! edidas S\$cio%2ducati&as" cu5o ob&eti6o 9 menos a puni&o e mais a tentativa de reinser&o social" de *ortalecimento dos 6nculos *amiliares e comunit&rios" podem trans*ormar e mudar muitas 6idas.

Heste sentido" o car&ter educati6o do trabal)o desen6ol6ido pelas institui&es de atendimento aos 5o6ens em con*lito com a lei" 6isando sua reinser&o social" implica educar" ainda que com re&ras para um mel)or con6 6io social. Isto" conseq<entemente" requer a responsabili+aqo do adolescente" quando ele desen6ol6e condutas trans&ressoras desses padr&es. Hesse camin)o" ?arbosa D2002E de*ende que o processo de desen6ol6imento do adolescente passa pela aprendi+a&em de um posicionamento cr tico e respons&vel em rela&o 8s suas condutas.

A medida s\$cio%educati&a 9 a a&o peda&\$sica sistemati+ada que 9 6isada" mesmo

quando se trata de medida de privação de liberdade. Diante da contradição privação da liberdade/caráter educativo das medidas" surtem questões tais como. _ possivelmente essa ressocialização ^ #possível para quem ^ De que se reverte a ideia desses benefícios D*familiares e comunitários para grupos cujo padrão de sociabilidade é marcado pela violência ^ _ possivelmente pensar em processo educacional em estabelecimentos cujo objetivo é a tutela" o controle dos tempos e corpos ^

A observação da realidade atual das instituições voltadas para o atendimento de adolescentes infratores" apesar de deixar margem para interrogações entre o que é preconizado pela lei e o que é efetivamente desenvolvido nas mesmas. Evidência que muito embora seja na e pela ação educativa que se dá a construção do projeto individual" a ação educativa nas instituições de atendimento socioeducativo a adolescentes infratores revela-se parcial" condicionada à finalidade que se dá ao caráter educativo das medidas. Educar para o quê" para o exercício de uma profissão" de uma vida em família" de continuidade e/ou integração ao sistema educativo normal ^ G que o adolescente que se encontra em conflito com a lei demanda das instituições formadoras ^ D/ 4AHCISCPHIL CA ! #GS" 200CE0

Entre os adolescentes sujeitos a medidas socioeducativas no CAS2 percebe-se que a criação de condições para a não reincidência" em princípio foi criada" isto é" contribuíram de alguma maneira" para mudar o curso dos seus conflitos" ocorrendo um reordenamento dos valores e padrões de conduta do sujeito transgressor. Possibilitando uma ressocialização dos seus padrões de socialização" construindo novos modelos que primam pelo desejo de um futuro melhor. #para esse futuro") à consciência da necessidade de estudarem mais" terem um bom trabalho e ajudarem a família.

Os adolescentes do CAS2 mostram indícios de que a institucionalização pode atuar sobre suas percepções" despertando bons sentimentos e o interesse por realizações positivas" bem como o desejo de manterem-se longe dos violentos e do crime. G que não se sabe ainda se as ações desenvolvidas a ressocialização" pressupondo o convívio com a família e a comunidade" bem como o reinserção no sistema escolar e o exercício de uma profissão" efetivamente reconstituem tal perspectiva socializadora.

A orgânica relação entre educação e sociedade torna o processo educativo parcial e relativo" não sabendo certa de que tal processo atenda às expectativas em termos do que o adolescente que sai das instituições de atendimento socioeducativo espera" uma vez que ele é um sujeito fruto de uma dinâmica que" em muito" atrapalha esse processo.

Quadro 14 – Falta de oportunidade

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>To aqui por falta de serviço. Eu procurei um mês e meio e nada.</i> ▪ <i>Eu ia e as pessoas me diziam volta a semana que vem, eu ia não tinha nada.</i> ▪ <i>Eu sei pintá casa, cortá grama, podá árvore, capina, de servente de pedreiro...</i> ▪ <i>Eu nunca tinha sido preso, essa foi a primeira vez</i> 	<p>Desemprego e criminalidade</p> <p>10 Muitos adolescentes se tornam infratores por falta de oportunidade no mercado de trabalho.</p> <p>20 Os empresários tem sua parte de responsabilidade no aumento da criminalidade entre os adolescentes" eles prometem emprego" prometam" os jovens cansam de esperar.</p> <p>V0 A baixa autoestima é um fator de risco para os jovens que querem ser "teus" mas não encontram seu lugar na sociedade.</p> <p>\0 A sociedade também é responsável pelo aumento da criminalidade entre os jovens" ela é discriminadora" insensível e excludente.</p>

Fonte: autora (2006)

Quem espera um jovem ao deixar uma instituição que aplica medidas socioeducativas quando a educação não garante a entrada no mercado de trabalho e os índices de criminalidade crescem com o desemprego?

A realidade demonstra que a maior parte dos atos infracionais praticados pelos jovens não envolve a violência física. De acordo com dados da 1ª, 2ª e 3ª Fases da Inicial e Juventude do Rio Grande do Norte (Ribeiro, 2002) das 12 ocorrências registradas em 2007 foram atos "contra o patrimônio" Os crimes comuns atos infracionais contra a pessoa" homicídios" tentativas de homicídio" lesão corporal" correspondem a 10%. O maior índice de reincidência registrado pelas unidades que aplicam medidas socioeducativas no referido estado foi de 20% segundo dados da Fundação Estadual da Criança e do Adolescente (FUNEC) Os melhores resultados de recuperação foram registrados em uma instituição que aplica medidas de semiliberdade" o Centro Educacional Santa Delmira" em Mossoró. apenas 1% dos adolescentes voltou a cometer atos infracionais DA C4IAHXA" 2007.

A preocupação do Estado e sociedade no controle do delito" ainda tem como fundamento a ideologia que concentra no indivíduo a responsabilidade pelo crime e desobriga o contexto social. Parte do pressuposto de que a sociedade é boa (FGB#1" 2001) _ a ideia de que o delito seria provocado pelo comportamento do sujeito" que se corrompe e punido severamente" não poderíamos disseminar o mal do delito na sociedade. Este pensamento ideal" foi reforçado na Idade Moderna e Foucault (1977) demonstrou que sobrevive em nossos dias nas tentativas de aumentar as penas para reduzir os delitos.

quando se trata do adolescente" c) e a se a propor a redução da idade penal como forma de reduzir os delitos dos menores)

Contraditoriamente" dos 21 mil) Ies de adolescentes brasileiros" em 200\ (" oito mil) Ies viviam em famílias com renda inferior à metade do salário mínimo e tem cinco anos de atraso em sua escolaridade) Folpi (2001)E questiona sobre quantos projetos de lei que estariam tramitando" e época" no parlamento brasileiro para assegurar estes direitos tão elementares desta multidão de adolescentes^ Ele mesmo responde que especificamente nenhum) As iniciativas são noutra direção" por exemplo" redução de voto na obra dirigida às crianças e adolescentes em risco" naquele ano)

A atenção da sociedade está centrada em criar e punir os adolescentes infratores" em vez de produzir políticas públicas para incluir os mil) Ies com atraso em sua escolaridade) Enquanto a preocupação da sociedade e do Estado não mudar de foco" as chances da redução dos conflitos sociais e da violência são mínimas) O delito não existe exclusivamente no indivíduo" conforme evidenciado por Caspi et al) (2002)" dentre outros autores) ele é produzido socialmente pelas condições oferecidas a cada um para a realização dos sonhos e desejos) Am exemplo claro é mostrado pelos adolescentes do CAS2" ao referirem que os empresários prometem emprego" prometem" enrolam" até que eles cansam de esperar) O atraso na escolaridade e a falta de oportunidade no mercado de trabalho são condições que associadas à necessidade de obrigar a ajudar o irmão" acompanhar outros menores nas diversões" frequentar lugares da moda e vestir-se" são fatores geradores da baixa autoestima)

A baixa autoestima" aliada à carência material e uma cultura educacional normal" informal precária" formada a partir da mídia Zeducativa[" não permite distinguir nos textos e imagens o certo e o errado" pois carregam o sonho do consumismo" da satisfação imediata de qualquer desejo" coloca os menores em situação de risco" empurrando-os cada vez mais ao desastio)

Que a sociedade e o Estado tem jeito para tirar os adolescentes do entrelacemento de condições de risco" para elevar a autoestima" reduzir e efetivamente a criminalidade na juventude^ Crianças e adolescentes se tornam" então" vítimas de uma indústria que não para de rodar e gerar mais violência) Da para a violência ao Zoutro[" como deusa é um passo curto e rápido" como mostrado no quadro a seguir.

Quadro 15 – O adolescente como “ameaça”

Expressões chaves	Idéias Centrais (Categorias)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Meus amigos hoje representam ameaça...</i> ▪ <i>Roubei umas coisas e o dono foi cobrar, aí ...era ele ou eu.</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O adolescente como uma ameaça; 2. O adolescente como agressor.

Fonte: autora (2006)

A família e o Estado são responsáveis pela situação de abandono em que se encontram muitas crianças e adolescentes na contemporaneidade. Há a influência do consumismo introduzido pela sociedade capitalista e a existência de modelos positivos e negativos são possibilitados para os jovens se o abandono começa no lar.

Os pais desta geração a quem os pais de pais super produtores têm certeza do seu direito de receber tudo pronto e sempre mais. A distorção da época dispendiosa mas também da disjunção dos pais que dão mais do que podem ou que devem aos filhos sem quase nada cobrar pois pouco tempo tem para se dedicarem a eles. Pais pobres remediados ou ricos estão mais ausentes conscientes ou inconscientes da vida dos filhos do que nunca estiveram. É assim e é assim que os filhos se tornam o que eles desejam.

Os pais parecem não saber lidar com seus filhos cobram com autoritarismo ou são permissivos em excesso gerando consequentemente irritação e insegurança nestes e no relacionamento familiar quando não os empurra para frente pelo individualismo o imediatismo e os conflitos constantes.

Este ambiente frustrações e desejos são mascarados pelas crianças que aprendem a usar o poder contra os próprios pais ou tornam-se indivíduos contidos e medidos. O futuro pode torná-los manipuladores abusadores autoritários e/ou hostis. Também a consequência entre o direito de impor suas ideias e o receio de prejudicar o filho. Através da postura dos pais que não sabem mais como impor limites.

Entre culpa responsabilidade ausência e abandono. Formam-se o perfil do adolescente pós-moderno da onde se extrai segundo Souza (1997) que do adolescente se costuma salientar o seu aspecto seus maneirismos seus traços esquisitos sua tendência a ser bulhoso preguiçoso contestador. É comum que costumamos a considerar o delinquente poucas vezes consideramos que a maioria estuda e além de estudar trabalha sabido que contestam

valores tradicionais" mas sempre lutam por condições justas" opõem-se às guerras e de alguma forma" contribuem para a Hação. São dotados de uma enorme capacidade de amar e se dedicam apaixonadamente com grande facilidade" e quem sabe não está justamente a " nessa incrível e despreendida capacidade de amar" o forte elemento gerador das dificuldades que muitos adultos têm em aceitar o adolescente assim como ele 9^

Capacidade de amar" que muitas vezes é suplantada pela própria carência afetiva. G que leva os filhos a usar drogas" a serem agressivos e violentos" não são as separações os novos relacionamentos dos pais ou recasamento" mas o padrão de funcionamento da família o desempenho do seu papel no lar. Em meio a tudo isto" não faltam leis e declarações. A Declaração Universal dos Direitos Humanos" de 10 de dezembro de 1948" dispõe que toda pessoa tem direito à instrução. A Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem" de abril do mesmo ano" dispõe que toda pessoa tem direito à educação" que deve inspirar-se nos princípios de liberdade" moralidade e solidariedade humana. A Declaração dos Direitos da Criança de 20 de novembro de 1959 dispõe que a criança tem direito a receber educação" que será gratuita e compulsória pelo menos no nível primário. Será também propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a" em condições de iguais oportunidades" desenvolverem as suas aptidões" sua capacidade de emitir opinião e seu senso de responsabilidade moral e social" e a tornar-se membro útil da sociedade. A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação celebrada em 11 de dezembro de 1960" considerou que o ensino primário deveria ser obrigatório e gratuito" e o ensino secundário deveria ser acessível a todos sob suas diversas formas. D (A 4 CIA" 200CE)

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 dispõe no seu artigo 226 que "é dever da família da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente com absoluta prioridade" o direito à vida" saúde" alimentação" educação" lazer" profissionalização" cultura" dignidade" respeito" liberdade e convivência familiar e comunitária" além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência" discriminação" exploração" violência" crueldade e opressão.

Na mesma linha" o Estatuto da Criança e do Adolescente" instituído pela Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990" dispõe em seu artigo 5º que a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. Não podem sofrer prejuízo da proteção de que trata esta lei" assegurando-se-lhes" por lei ou por outros meios" todas as oportunidades e facilidades" a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico" mental" moral" espiritual e social" em condições de liberdade e de dignidade.

Tantas possibilidades nascem com as leis e declarações, mas sob a ótica da efetividade do direito à educação a prática dos adolescentes internados no CAS² mostra que os pais, a escola e a sociedade não estão desempenhando seu papel nesse contexto.

Do ponto de vista estrutural fica evidente a falta de um plano estratégico que dê sustentação às ações educacionais que não permita determinados tipos de comportamento e que incentive atividades concretas capazes de dar respostas positivas ao crescimento e desenvolvimento dos jovens, inclusive sob o abrigo da medida socioeducativa de internamento e de semiliberdade.

Existem ainda outros elementos estruturais dentro os

C D2FGBAXYG DGS 42SABTADGS DA #2SeAISA

#retende%se utili+ar esta etapa um momento dial\$&ico entre o pesquisador" a instituição e os adolescentes sujeitos da pesquisa. Toma%se emprestada a 'ltima *ase da Sociopo9tica de (aut)ier" que 9 a /ase de Sociali+ação" momento em que 9 escol)ida a mel)or *orma de tornar con)ecidos os resultados da pesquisa" pode%se utili+ar a publicação" a peça teatral" o debate" dependendo das condiçIes do pesquisador.

SerK utili+ado a t9cnica de o*icinas de sensibilidade" criatividade e e@pressividade" baseadas neste m9todo" que em seus conceitos de atitude de pesquisar" educar e cuidar" pode nos le6ar ao amplo camin)o para se reali+ar o son)o da construção coletiva do con)ecimento D (AATPI24" 200CE)

As o*icinas de sociopo9tica são espaços de re*le@ão. Sobre as prKticas sociais e pro*issionais elas nos ensinam a pesquisar coletivamente buscando entender o cotidiano das relaçIes e no compartil)ar a pesquisa com os sujeitos desta" construindo coletivamente o con)ecimento.

^000a A mem\$ria 9 um elemento essencia do que se costuma c)amar de identidade indi6idual e coletiva. ! em\$ria 9 a pr\$pria preser6ação da identidade coletiva e" ao mesmo tempo" instrumento e ob)eto de poder. At9 porque toda mem\$ria 9" num momento subsequente")ist\$ria. D (AATPI24" 200C" p0 V12E

As o*icinas a serem desen6ol6idas propIem sempre uma discussão e re*le@ão do papel do ser)umano na sociedade" dos princ pios da cidadania" da educação" do ol)ar" do ou6ir e do sentir" como ei@os de pesquisa dial\$&ica. Assim" teremos pelo menos dois ob)etivos no desen6ol6imento das o*icinas.

Identi*icar" desen6ol6er e adequar" dentro do campo dos resultados da pesquisa" estrat9&ias de trabal)o e a metodolo&ias que se5am 'teis e necessKrias 8 construção de um saber 6oltado para as prKticas de uma educação cidadã.

Be6ar *uncionKrios da instituição e adolescentes sujeitos da pesquisa a uma relação dial\$&ica e interativa 6oltada para as prKticas da cidadania.

#ara o desen6ol6imento das o*icinas" as din3micas de &rupos podem ser utili+ados 5o&os" brincadeiras" dramatizaçIes" t9cnicas participativas" o*icinas 6icenciais e um ambiente descontra do" discutir temas comple@os" pol7micos e at9 estimular que se5am e@ternados con*litos Ddo indi6 duo e do &rupoe.

Deste modo esta proposta apresenta-se como um modelo multi-orientado que abre perspectivas de atuação e instituição bem como às pessoas que trabalham com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social permitindo assim uma possibilidade de construção de um saber-cidadão. Assim, verifica-se a possibilidade de construção de um espaço de reflexão sobre as condições dos adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Após a defesa e aprovação desta pesquisa pela banca examinadora, desenvolveremos os resultados utilizando dinâmica de grupo. Esta constitui um valioso instrumento educacional que pode ser utilizado para trabalhar o ensino-aprendizagem quando se opta por uma concepção de educação que valoriza tanto a teoria como a prática e considera todos os envolvidos neste processo como sujeitos.

A opção pelo trabalho com dinâmica de grupo permite que as pessoas envolvidas passem por um processo de ensino-aprendizagem onde o trabalho coletivo é colocado como um caminho para se intervir na realidade modificando-a. Isso porque a participação do trabalho com dinâmica promove o encontro de pessoas onde o saber é construído junto em grupo.

Porém, esse conhecimento deixa de ser individualizado e passa a ser de todos coletivizado.

Desta forma, pode-se dizer que o processo educativo é completo pois envolve diferentes cenários e conteúdos. Porém, essa completude é saudável pois dado a diversidade das pessoas envolvidas no processo, esse torna-se rico e dinâmico enquanto prática compartilhada.

Para reverter esta situação, compartilhar é compartilhar com o que no processo de ensino-aprendizagem traduz-se por ensinar aprendendo e aprender ensinando.

Partindo desta afirmativa ao trabalhar-se com grupos é importante desmistificar o conceito que as pessoas têm sobre métodos e técnicas grupais, já que elas têm critérios e não devem ser aplicadas de forma aleatória. Sua utilização não é apenas lúdica ou recreativa.

Operacionalização das oficinas: As atividades que compõem as dinâmicas de grupo não são imutáveis. Todas elas podem ser moldadas de acordo com o número de participantes e com os objetivos a serem alcançados. As dinâmicas apresentadas a seguir são baseadas no livro ADGB2SC24. Compreender e atuar acolher.

C01 4 cursos)umanos

Adolescentes" /uncionários da Instituição" Diretores dos CAS2s" #residente da /AS2 e um profissional da psicologia para suporte no desenvolvimento das dinâmicas)

a) Dinâmica para auto- apresentação: “Chegada, as boas vindas ”

Objetivo. auxiliar na apresentação e memorização do nome e características dos que participam do grupo)

Duração. 20 minutos

Material. sala ampla e pares de balas doces" gravador e fita ; M0

Desenvolvimento.

- O pesquisador passa um saco contendo os pares de balas doces e pede que cada participante retire uma para si.
- O pesquisador pede permissão para que todas as dinâmicas sejam gravadas.
- Após a distribuição aos participantes" pede que cada um procure seu par de bala igual e sente-se ao seu lado.
- A bala é liberada para ser colocada.
- O pesquisador orienta para que cada um fale ao seu par sobre o que quiser por 0C minutos.
- O pesquisador pede que os participantes formem um círculo e que cada um apresente o seu par. nome" idade" sinais" desejos" ou seja" tudo o que descobriu sobre a outra pessoa.
- _ ressaltada a importância de todos estarem atentos às apresentações pois todos merecem e precisam ser bem recebidos)

Resultados esperados. interação do grupo pela apresentação" descontração do grupo para iniciar os trabalhos e aprofundamento recproco das características do grupo)

b) Dinâmica de integração e aquecimento: “Mãozinhas”

Objetivos. Beatar as expectativas do grupo ao tipo de trabalho a ser realizado e verificar a disponibilidade interna de cada integrante do grupo" em relação ao trabalho a ser realizado)

Duração. 20 minutos

Material. folhas de papel, canetas ou lápis, borrachas, clips, canetas para lápis

Desenvolvimento.

- dispor o grupo sentado em círculo em cadeiras com apoio
- distribui uma folha de papel e uma caneta ou lápis para cada participante
- Solicitar que cada integrante do grupo contorne na folha de papel suas mãos direita e esquerda utilizando para isso também o verso da folha
- pedir que após o desenho cada participante escreva em um dos contornos da mão suas expectativas em relação ao trabalho e na outra o tipo de contribuição que pode oferecer
- solicitar após que seja feita a leitura individual para o grande grupo observando em qual das mãos (direita ou esquerda) estão as contribuições para o trabalho. Nesse momento anotar nos clips as expectativas
- encerrar a atividade expondo os objetivos do trabalho em questão tecendo comentários sobre a disponibilidade interna de cada um sobre o trabalho que será realizado

c) Dinâmica de desenvolvimento do tema de pesquisa: “Parando para pensar sobre as violências”

Objetivo. identificar situações de violências vividas no cotidiano dos integrantes do grupo refletir sobre como evitá-las e protegê-las Identificar no contexto das relações humanas a definição de violências

Duração. 01 hora

Material. sala ampla e confortável, folhas grandes de papel pardo, folhas de papel, canetas coloridas e cola

Desenvolvimento. atividade em pequenos grupos

O pesquisador solicita ao grupo que a partir de sua experiência discuta e registre as situações que se definem como de violências entre.

- ampliar a criança e adolescentel

- criança" adolescente e *am lial
-)omem e mul)erL
- mul)er e)omemL
- aluno e escolaL
- escola e alunoL
- 6oc7 com seu ami&oL
- seu ami&o com 6oc7L
- 6oc7 com seu parceiroL
- seu parceiro com 6oc70

Resultados esperados. entendimento de que as 6iol7ncias podem acontecer em todas as relaçIes e em 6Krios conte@tosL propostas de aprendi+a&em para eóitK%las e mane5K%las0

d) Dinâmica de encerramento e avaliação: “Balão na roda”

Objetivos. 2ncerrar as ati6idadesL re*letir sobre o trabalho reali+adoL a6aliar o &rau de import3ncia do trabalho reali+ado para a 6ida pro*issional e pessoalL re*letir acerca dos obstKculos que se apresentam diante de todo trabalho0

Material. balIes coloridos" pap9is cortados em taman)0 pequeno em n'mero maior que o dos componentes do &rup0" canetas ou lKpis" aparelho de som" m'sica animada e m'sica sua6e0

Duração. V0 minutos0

Desenvolvimento.

- distribuir um pedaço pequeno de papel e uma caneta ou lKpis para cada componente do &rup0" solicitando que os mesmos possam escre6er uma mensa&em bonita no papel" dobrando%o em taman)0 pequenoL
- o*erecer um balão colorido para cada um Dpossibilitar que cada um escol)a a corE" pedindo que se5a colocada dentro do balão a pequena mensa&em dobradaL
- solicitar que os participantes enc)am o balão e que se5a dado um n\$ na pontal
- pedir que todos os balIes se5am 5o&ados para cima" ao som da m'sica" de maneira que todo o &rup0 possa tocK%los" a6isando%os que nen)um balão poderK cair no

c) Se isso ocorrer" o pesquisador deverá estimular o grupo a voltar para cima de novo.

- encerrar a brincadeira" solicitando que cada pessoa pegue um balão de cor diferente a da sua.
- trocar a música colocando uma música relaxante.
- dispor o grupo de pé" em círculo" pedindo que seja feito um exercício respiratório para descansar.
- solicitar que o balão seja estourado e que cada um pegue a mesa dentro. A mesma deverá ser lida em conjunto para todos" ao som da música sua" promovendo uma reflexão no grupo.
- trocar a música e pedir para que o grupo abraça de olhos fechados" incentivando nesse momento uma breve "alívio" ou mesmo pedir para que deem uma mesa para o grupo.
- encerrar a técnica" falando o quanto foi importante o desenvolvimento do trabalho com o grupo" motivando-os para a continuidade do trabalho e perseverança nas dificuldades.

Após o desenvolvimento das dinâmicas" o pesquisador fará a transcrição das atividades realizadas durante o desenvolvimento das mesmas. Imediatamente" deverá elaborar um relatório" em forma de propostas" levantadas a partir da discussão nos grupos. Compilar todos os relatórios" elaborando um relatório final" que deverá ficar a disposição da instituição" dos profissionais e internos dos CASs.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de construir o projeto e desenvolver esta pesquisa foi um grande desafio pessoal e profissional. O primeiro deles foi certamente aprofundar os estudos numa temática que nem todos têm vontade para falar e muito menos para pesquisar" que é o universo do adolescente privado de liberdade.

A temática sendo a vertente abordada" é ainda muito pouco pesquisada principalmente na área da saúde o que significou" para nós" um grande esforço no sentido de encontrar dados que permitissem compreender a temática em seus aspectos teóricos" para depois discutí-la criticamente à luz de um referencial teórico acadêmico , científico.

No cotidiano dos jovens pesquisados" verificamos que o que está escrito nos prontuários e o que possivelmente poderia ser a sua realidade" ora do CAS2" revela que suas condutas e valores são" as influências do meio onde estão inseridos naquele momento e do grupo ao qual pertencem.

Os adolescentes mostraram indícios de que a internação pode atuar sobre suas percepções" despertando bons sentimentos e o interesse por realizações positivas" bem como o desejo de manterem-se longe dos atos violentos" das drogas e do crime. Entretanto" ainda não obtivemos subsídios para perceber se as ações desenvolvidas" a ressocialização" pressupondo o convívio com a família e a comunidade" bem como o reinserção no sistema escolar e o exercício de uma profissão" conseguem atender a perspectiva socializadora.

Ho entanto" percebemos que a internação também pode atuar negativamente" pois em suas salas" comportamentos e reinserções" percebemos que eles não se adaptam ao sistema do CAS2 porque estão acostumados ao sedentarismo e a um contato mais prolongado com grupos que questionam o sistema e possuem históricos de privacidade" conflitos e violências distintas" ora de um campo de limites que deveriam ser impostos no lar e na escola.

A complexidade no trato com adolescentes em conflito com a lei é" que o profissional da equipe técnica do CAS2 deve estar atento a um enfoque multidisciplinar ou no mínimo" esforçar-se para o redimensionamento do problema" numa intervenção terapêutica" que talvez seja a única na vida destes adolescentes" podendo auxiliá-los a

redesenhar a sua história e de sua família e talvez constituir a única saída para a não reincidência em atos violentos. a prevenção

Para que isso aconteça é preciso definir melhor o contexto e espaço de atuação ou seja definir claro sobre quem é o que quem se dirige a quem quem ou o que deve ser encaminhado para onde etc Também é importante uma atuação interdisciplinar da equipe técnica considerando os saberes de cada profissional no sentido de estabelecer regras de atendimentos coesos em que se observe a construção de um plano individual de atendimento partindo da história de cada interno

A interdisciplinaridade portanto é um grande desafio. investe na formação de vínculos e laços sociais. propõe também que haja troca entre os profissionais para que na convivência surta o aprendizado e com isso uma mudança de referencial teórico prático de cada categoria profissional. A partir desta perspectiva a interdisciplinaridade propiciaria uma articulação entre os saberes e práticas específicas sendo que para que isso ocorra é essencial a competência na área específica de atuação e a mudança de paradigmas no pensar e atuar profissional. Isto significa valorizar cada profissional em suas especificidades e naqueles contextos similares ao de todos que estão inseridos na equipe

Acreditamos que uma abordagem de Saúde Pública não é suficiente na prevenção do fenômeno das violências mas a associação desta abordagem numa perspectiva interdisciplinar e com uma ação coletiva que implique investigar o fenômeno e explorar os caminhos da prevenção e programas com o uso de técnicas e ferramentas de distintos conhecimentos pode atuar toda a diferença na busca pela diminuição dos problemas decorrentes das violências no mundo

Com este tipo de abordagem acreditamos ser possível mudanças comportamentais de caráter político e social. Entendemos que ações conjuntas de profissionais da saúde e de profissionais de setores públicos e privados da sociedade devem ser planejadas interdisciplinarmente

Nesse sentido criar mecanismos de mudanças estruturais não seria eficaz se colocada em prática apenas em situações episódicas contínuas. Para o sucesso de um programa de prevenção das violências todos os segmentos públicos e privados deveriam adequar-se para

a implementação de políticas rotineiras e específicas" de apoio ao programa" 2 específicas" na medida em que não deveria adquirir um caráter de prioritário" apenas com o intuito de impacto político

Do ponto de vista estrutural" durante nossas atividades de pesquisa ficou evidente a falta de um plano estratégico que dê sustentação às ações educacionais" que não permita determinados tipos de comportamento e que incentive atividades concretas" capazes de dar respostas positivas ao crescimento e desenvolvimento dos jovens" inclusive sob o abrigo da medida socioeducativa de internamento e de semiliberdade

REFERÊNCIAS

A CIAHXA e o adolescente na mídia: uma pesquisa Companhia TerraAmar" **Rede Andi**" 2006. Disponível em: http://www.ciateramar.com.br/pesquisa/terramar/pd*no Acesso em 6 set 2006.

AHAIS% **II Simpósio Nacional de Estudos Missionários** / Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco Santa Rosa/RS. UMM

A42HDT" P0 **A condição humana** Ued Trad Roberto Campos Rio de Janeiro. Forense 1999

A41_S" #0 **História social da criança e da família** Rio de Janeiro. Gas" UT10! Apa do Estado do RS

ATBAS% **ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO/HAD**" 2006

?ABBGH2 (J% **Violência e Agressão; da criança, do adolescente e do jovem.** #siqQeb #siquiatria (eral" Internet" 2001)

?A4?GSA" B0 A0 A0 **A formação do educador e o adolescente em conflito com a lei.** Belo Horizonte. C##%Consultoria em Políticas Públicas" Disponível em: <http://www.portalcpp.com.br> Acesso em. 10 jul 2006 p 10

?24TAAW%QIA!2" I0 D1UTVE0 In. /AB214GS" F0 #0 **Estratégias em Serviço Social** C0 ed São Paulo. Cortez" 2006 p C\%CC0

?GH2TI" B0 Q0 **Educação, exclusão e cidadania** Editora AHJAJÁ I5ui/4S02000

?GABDIH (" 20" UT10 **Las mujeres y la violencia social** In. Ba Violencia R sus Causas" DA0 Jo@e" or&0E" pp0 26C%2MU" #aris. Anesco

?4ASIB0 **Resolução 196/96.** Dispõe sobre a pesquisa 2n6ol6endo Seres Humanos" Brasília. Conselho Nacional de Saúde" 1996

?4ASIB0 **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil" Brasília" Senado" 1988

?4ASIB0 **Lei nº 8.069**" de 13 de setembro de 1990 Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências" São Paulo. Saraiva" 2006

?4ASIB0 **Coletânea de Direito Internacional** Faltório de Glória" a++uoli "Gr&0a **Convenção sobre os Direitos da Criança** D1UTUE0 V0 ed São Paulo. Editora 4e6ista dos Tribunais" 2006

?4GH/2H?42HH24" A D1UTME0 **La ecología del desarrollo humano**" #aid\$S0 Barcelona

? 4GH/2H? 42HH24" A0 **Ecologia do desenvolvimento humano** Cambrid&e. Par&ard An&ersitR #ress" 1UMU0

? 4GH/2H? 42HH24" A0 **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**. 2@perimentos Haturais e #lane&ados0 #orto Ale&re. Artes ! 9dicas. 1UU60

CABBI (A4IS" C0 **A adolesc&ncia**0 S&o #aulo. #ubli*ol)a" 20000

CAS#I" A0L ! CCBA=" J0L ! G//ITT" T0 20L et al0 4ole o* &enotRpe in t)e cRcle o* 6iolence in maltreated c)ildren0 **Science**" n0 2UM" p0 TC1%TC\" 20020

CPAF2S" A0B0 **A Identidade Cultural do Adolescente em Conflito com a Lei e sua Implic&ao na Constitui&ao do Plano Individual de Atendimento- PIA**. ! ono&ra*ia como requisito do curso &radua&ao em en*erma&em da An&ersidade 4e&ional Inte&rada do Alto Aru&uai e das ! issIes%A4I" campus de Santo gn&elo/100p0 20060

CBASSI/ICAXYG 2STAT&ISTICA IHT24HACIGHAB D2 DG2HXAS 2 #4G?B2 ! AS 42BACIGHADGS : SAoD20 **CID-100** Gr&ani+a&ao ! undial da Sa'de% G ! S0 ! anual de Instru&oes0 60V0 S&o #aulo0 2DAS#01UUC0

CONVEN&AO INTERAMERICANA PARA PREVENIR, PUNIR E ERRADICAR A VIOL&ENCIA CONTRA A MULHER –**Conven&ao de Bel&em do Par&o** Acesso em. 1C no60 200\0 Dispon 6el em. www.cfemea.org.br0

CGSTA" AC0 (0 **Entrevista**. Dispon 6el em.)ttp./NNN0risolidaria0or&0?r/6i6alei /biblioteca/6ieN%li6ro05sp%/6%200\0\1600100 Acesso em 22 outubro 200C0

CGSTA" A0 C0 (0 **Pedagogia da presen&ca**0 Da solid&ao ao encontro0 ?elo Pori+onte. ! odus /aciendi" 1UUM0

CA4=" ! 0L SIBFA" A0 A0L ! 2HD2>" 20 (0 DCoords0E0 **Estatuto da Crian&ca e do Adolescente Comentado**. ComentKrios Jur dicos e Sociais0 20 ed0 S&o #aulo. ! al)eiros" 1UU6

DA ! ATTA" 40 As ra +es da 6iol7ncia no ?rasil. re*le@Ies de um antrop\$lo&o social0 In. #IHP2IG4" #0 S0 DGr&0E0 **Viol&encia brasileira**. S&o #aulo. ?rasiIense0 1UT20 p0 1\%2T0

D2HISGF" F0 **Violencia social**. ideolo&ia R politica0 ! osc'. #ro&reso0 1UT60

/AB2I4GS" F0 #0 **Estrat&egias em servi&co social**0 C0 ed0 S&o #aulo. Corte+" 200C0

/AS20 Assessoria de In*orm&ao e (est&ao D4SE%AI(" 20060 Dispon 6el em NNN0*ase0rs0&o60br0 Acesso em 0M00V0060

/AHDAXYG IHSTITATG ? 4ASIB2I4G D2 (2G(4A/IA 2 2STAT&ISTICA%/I?(20 **Trabalho e rendimento**0 1UUU0 Dispon 6el em. mNNN0ib&e0&o60brn0 Acesso em. 2C00M0060

/GACAABT" ! 0 **Vigiar e Punir**0 #etr\$polis. Fo+es" 1UMM

/4AHCISCPiHI" 40L CA ! #GS" P0 40 Adolescente em con*lito com a lei e medidas socioeducati6as. Bimites e Dim&possibilidades. **PSICO** #orto Ale&re" 60 V6" n0 V" p0 26M%2MV" set0/de+0 200C0

/42142" #0 **Pedagogia da Autonomia**. saberes necessKrios 8 prKtica educati6a0 160ed0" São #aulo. #a+ e Terra" 1UUT0

(A4CIA" 20 **O direito à educação e suas perspectivas de efetividade**) Jus Ha6i&andi" Teresina" 200C0 Dispon 6el em.m)ttp://NNN105us0com0br/doutrina/te@to0asp^idpCT\Mn0 Acesso em. 10 set0 200C0

(AATPI24" J0 **Sociopoética**. encontro entre arte" ci7ncia e democracia na pesquisa em ci7ncias)umanas e sociais" en*erma&em e educação0 4io de Janeiro. A / 4J" 1UUU0

(GDG=" A0S0 Introdução 8 pesquisa qualitati6a0 **Revista de Administração de Empresas**, São #aulo" 60VC" n02" p0CM%6V" 1UUC0

(GBDAHI" A0 !0 /am lia" &7nero e pol ticas. *am lias brasileiras nos anos U0 e seus desa*ios como *ator de proteção0 **Revista Brasileira de Estudos de População**" 60 1U" n0 1" p0 2U%\T" 5an0/5un0 20020

PABB" (0S0 **Adolescence**. its psRc)olo&R and its relations to p)Rsiolo&R" antropopolR" sociolo&R" se@" crime" and education0 HeN =or0. Appleton e Co0" 1UU\0

PGAAISS" A0 **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**0 4io de Janeiro0 Gb5eti6a0 20010

IHSTITATG ?4ASIB214G D2 (2G(4A/IA 2 2STATÍSTICADI? (2/AHIC2/E Indicadores sobre crianças e adolescentes 1UU1%1UU60 Dispon 6el em. mNNN0ib&e0&o60brn0 Acesso em. 2C0M006

B2/iF42" /0L B2/iF42" A0 !0 C%a0 **O discurso do sujeito coletivo**0 Ca@ias do Sul. 2DASC" 200V0

B2/iF42" /0L B2/iF42" A0 !0 C%b0 **Depoimentos e Discursos**. uma proposta de anklise em pesquisa social0 ?ras lia. B ber Bi6ro" 200C0

! A4CP2SI" A0L ! A4TÍH" P0 Da Terminolo&ia do dist'rbio 8s necessidades educacionais especiais0 In. CGBB" C0L #ABACIGS" J0L ! A4CP2SI" A0 Dor&s0E0 **Desenvolvimento psicológico e educação**. necessidades educati6as especiais e aprendi+a&em escolar0 #orto Ale&re. Artes ! 9dicas" 1UUT0 F0 V" pp0M%2V0

! 2HD2>" 20 (0 Adolescentes in*ratore&s &ra6es. sistema de 5ustiça e pol tica de atendimento0 In. 4l>>IHI" l0 DGr&0E0 **A criança no Brasil hoje**0 Desa*io para o terceiro mil7nio0 4io de Janeiro. Santa orsula" 1UUV0 p0 2V1%2\T0

! 2H2>2S" !040 **Da Violência Revelada à Violência Silenciosa**0 um estudo etno&rK*ico sobre a 6iol7ncia dom9stica contra o idoso0 Tese de Doutorado em 2n*erma&em0 Ani6ersidade de São #aulo" 2scola de 2n*erma&em de 4ibeirão #reto" 4ibeirão #reto"1UUU0 VTC *Is0

! IHA=G" !0C0S0 **Violência contra idosos**. rele63ncia para um 6el)0 problema0 Cad0 Sa' de #'blica0 `on%linea0 5un0 200VDeE" 6ol01U" no0V `citado 01 De+embro 200\%aa" p0MTV%MU10 Dispon 6el na Qorld Qide Qeb. m)ttp://NNN0scielosp0or&/scielo0p)p^scriptpsciqarte@t r pidpS0102%V11W200V000V00010 r ln&ppt r nrmpison0 ISSH 0102%V11W0

! IHA=G" ! 0C0S0DGr&0E0 **Fala galera.** 5u6entude" 6iol7ncia e cidadania na cidade do 4io de Janeiro" ?ras lia. (aramond" 1UUU%b0 2\0p0

! IHA=G" ! 0 C0 S0L SGA>A" 2040 _ poss 6el pre6enir a 6iol7ncia^ 4e*le@Ies a partir do campo da sa 'de p 'blica0 **Revista Ci4ncia e Sa4de Coletiva"** 4io de Janeiro" 60 \0n0 1" p0 M%2V" 1UU\c0

! IHA=G" ! 0 C0 S0 Dor&0E **Pesquisa Social.** teoria" m9todo e criati6idade0 #etr\$polis" 4J. Fo+es" 1UU\d0

! IHA=G" ! 0 C0 S0 Social 6iolence *rom a public)ealt) perspecti6e0 **Cad. Sa4de P4bl0"** 4io de Janeiro" 60 10" suppl 1" p0M%1T" 1UU\e0

! AASS" 4020 **Teorias da adolesc4ncia**0 ?eloPori+onte. 2ditora do #ro*essor" 1U6U0

G4 (AHI>AXYG ! AHDIAB D2 SAoD2 (OMS)0 Qorld report on 6iolence d Pealt)0 (enebra. Q PG" 20020

#2 ! S2IS 0 **Programa de Execu4o de Medidas de Internaqo e Semiliberdade do Rio Grande do Sul.**Secretaria de Trabal)o e Assist7ncia Social do 4io (rande do Sul" 20020

#2SAF2HTG" S0J0 **Hist4ria do Rio Grande do Sul**0 #orto Ale&re" 2d0 !ercado Aberto" 1UT00

#4I ! 214A **COLET4NEA DE POESIAS**0 2scola 2stadual de 2nsino /undamental Perbert de Sou+a0 1\j Coordenadoria 4e4ional de 2duca4o% 1\j C420 Centro de Atendimento re&ional de Atendimento S\$cio 2ducati6o %CAS20 Santo gn&elo/4S020010

SAHTGS" I0 et al0 **Pr4tica da pesquisa nas ci4ncias humanas e sociais.** Aborda&em Sociopo9tica0 S4o #aulo. 2ditora At)eneu" 200C0

SA4AIFA" J0?0C0 **Adolescente em conflito com a lei.** da indi*er4ncia 8 prote4o inte&ral % uma aborda&em sobre a responsabilidade penal 5u6enil0 #orto Ale&re. 2d0 do Ad6o&ado" 200V0

SA4AIFA" J0 ?0 C0 **Desconstruindo o mito da impunidade.** um ensaio de Direito D#enalE Ju6enil0 ?ras lia. Anb" 20020

SAST42 " (0L ! G42HG" ! 0 **Resolu4o de conflitos e aprendizagem emocional.** (7nero e trans6ersalidade0 S4o #aulo. ! oderna" 20020

SGA>A" 40 #0 **Nossos adolescentes**0 2j0ed0 #orto Ale&re. 2d0 Da Ani6ersidade/A/ 4 (S" 1UTU

S2 (AHDA CGB2TgH2A D2 #G2SIAS0 2scola 2stadual de 2nsino /undamental Perbert de Sou+a0 1\j Coordenadoria 4e4ional de 2duca4o% 1\j C420 Centro de Atendimento re&ional de Atendimento S\$cio 2ducati6o % CAS20 Santo gn&elo/4S"200V

S244AHG" A0 ! 0 **A fam4lia na interven4o precoce.** a e6olu4o dos ser6i4os de pr4ticas centradas na *am lia0 Instituto de 2studos de Crian4a0 Dispon 6el em.)http://NNN0educare0pt/arti&oqno6o0asp^/ic)pH2Dq200\0C1Vq26VT0 Acesso em. 10 de+0 200\0

SIBFA" 20B0L ! 2H2>2S" 20 ! 0 **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** 20ed0 /lorian\$polis. 2 /SC/## (2#/B2D" 2001a0

SIBFA" 40 **A Construção da estatuto da criança e do adolescente.** gmbito Jur dico" a&o/2001b0 Dispon 6el em.)ttp://NNN0ambito%5uridico0com0br/a5/eca000T0)tm0 Acesso em. 06 março 200C0

4GSS2T" S0 ! 0 **Pais e filhos.** uma relação delicada0 Curitiba. 2d0 Sol" 200V0

FÍCTG4A" C0 (0 **Pesquisa qualitativa em saúde.** uma introdução ao tema0 #orto Ale&re/4S. Tomo 2ditorial" 20000

FGB#I" ! 0 **Sem liberdade, sem direitos.** a pri6ação de liberdade na percepção do adolescente0 São #aulo. Corte+" 20010

>ABAA4" A0 **Condomínio do diabo**0 4io de Janeiro. 2d0 A/ 4J/4e6an" 1UU\ a0

>ABAA4" A0L B2AB" ! 0 C. Fiol7ncia e@tra e intramuros0 **Rev. Bras. Ci. Soc**0" 60 16" n0 \C" p01\C%16\ " *e60 20010 `on%linea Dispon 6el em. m)ttp://NNN0scielo0br/scielo0p)p^scriptpsciqartte@t r pidpS01026U0U200100010000T r ln&p pt r nrmpison0 Acesso em. 2 de+0 200\0

>A ! ?IASI" S0 **Discurso do senador Sérgio Zambiasi**0?ras lia%D/. Secretaria 2special de 2ditoração e #ublicaçIes" 200C0

qqqqqqq0 Fiol7ncia contra idosos. rele63ncia para um 6el)o problema0 **Cad. Saúde Pública.** 60 1U" n0 V" p0MTV%MU1" 5un0 200V0 `onlinea" Dispon 6el na Qorld Qide Qeb. m)ttp://NNN0scielosp0or&/scielo0p)p^scriptpsciqartte@t r pidpS0102%V11W200V000V000 10 r ln& ppt r nrmpison00 Acesso em. 1 de+0 200\0

qqqqqqq0 4esolução de con*litos interpessoais. interaçIes entre co&nição e a*eti6idade na cultura0 Dispon 6el em. m)ttp://NNN0scielobr/scielo0p)p^scriptpsciqartte@t r pidpS0102% MUM220\000V00010 r ln& ppt r nrmpison0 Acesso em. 2C mai0 200C0

APÊNDICES

A#bHDIC2 01 % 4GT2I4G D2 CGB2TA D2 DADGS DGCA ! 2HTAIS

AHIF24SIDAD2 DG FAB2 DG ITAJAÍ% AHIFABI
 C2HT4G D2 CibHCIAS DA SAoD2
 #4G (4A ! A D2 #hS% (4ADAAXYG ST4ICTG S2HSA 2 ! SAoD2 2
 (2STYG DG T4A?ABPG % ! 2ST4ADG #4G/ISSIGHABI>AHT2

1% Dados de Identi*icação.

1010 Home.

1020 Idade. 10V0 Se@o. 10\0 Cor. 10C0 Haturalidade.

1060 #roced7ncia. 10M0 4eli&ião. 10T0 2stado ci6il.

10U0 4esponsK6el. 10100 In&resso. 10110 4ein&resso.

Data In&resso	Data Desli&amento

10120 ! oti6o do In&resso.

101V0 Documenta7ção.

2% In*orma7es (erais

2010 Impressão inicial.

2020 2scolaridade.

20V0 Dados *amiliares.

20\0 Aspectos * sicos Ddescri7çãoE.

20C0 Desen6ol6imento DrelatoE.

2060 Doen7as/sintomas.

20M0 Aso de dro&as DquaisE.

20T0 2@peri7ncias pessoais.

20U0 2@peri7ncias pro*issionais.

20100 4ecursos comunitKrios utili+ados.

A#bHDIC2 02 % 4GT2I4G D2 G?S24FAXYG

AHIF24SIDAD2 DG FAB2 DG ITAJAÍ%AHIFABI
 C2HT4G D2 CIbHCIAS DA SAoD2
 #4G (4A ! A D2 #hS% (4ADAAXYG ST4ICTG S2HSA 2 ! SAoD2 2
 (2STYG DG T4A?ABPG % ! 2ST4ADG #4G/ISSIGHABI>AHT2

1% Identificação do local observado.

2% Data/)ora da observação.

V% #essoas que estão presentes.

\% tempo de permanência no local.

\010 #esquisador.

\020 Adolescente.

\0V0 Demais pessoas.

C0% Ambiente/Bin&ua&em/4elacionamento/sociabilidade.

ANEXOS

AH2WG 1 % #BAHG IHDIFIDAAB D2 AT2HDI ! 2HTG %#IA % #SICGBG (IA

Anidade.

Home. Idade.

10 Impressão &eral transmitida.

20 T9cnicaDsE utili+adaDsE.

V0 2@ame psicol\$&ico.

\0 2ntendimento din3mico sumKrio.

C0 #arecer.

60 2ncamin)amentos.

qqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqq
4esp0 pelo 4e&istro

qqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqq
Hd 4e&istro #ro*issional

Data. qqg/qqg/qqg

assinatura

Anidade.

Home. Idade

010 e uei@a #rincipal

020 Pist\$ria da Doença Atual

0V0 Pist\$ria do Desen6ol6imento

0\0 Pist\$ria /amiliar

0C0 4e6isãõ de Sistemas

060 Pist\$ria ! \$rbida #res&ressa

0M0 2@ame do 2stado ! ental

CGHSClbHCIA.

G4I2HTAXYG.

AT2HXYG.

S2HSG#24C2#XYG.

! 2 ! h4IA.

IHT2BI (bHCIA.

A / 2TG.

#2HSA ! 2HTG.

BIH (AA (2 ! .

JAÍ>G C4ÍTICG.0

CGHDATA.

2@ames Complementares 4eali+ados

0U0 Pip\$teses Dia&n\$sticas

2IWG I

2IWG II

2IWG III

2IWG IF

2IWG F

100 IndicaçIes Terap7uticas

Data. qqg/qqg/qqg

qqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqq
Assinatura

Anidade.
 Home. Idade.
 #eso. 2statura. I ! C. T A@. # A. / C. / 4.
 0102@ame * sico sumKrio.

1010 Cabeça e #escoço

1020 T\$ra@" Abdomen" ! embros Superiores" ! embros In*eriores e (enitKlia.

020 Suspeita de a&ressão. D E Sim D E Hão

2010 Tipo.

2020 /oi atendido na rede de sa 'de^ D E Sim D E Hão
 #ro6id7ncia em caso ne&ati6o.

20V0 Feio acompan)ado por laudo m9dico^ D E Sim D E Hão
 #ro6id7ncia em caso ne&ati6o

20\0 /oi a6aliado no I ! B^ D E Sim D E Hão
 #ro6id7ncia em caso ne&ati6o.

0V0 #erturbação mental. D E Sim D E Hão

V010 Tipo.

V020 /oi atendido na rede de sa 'de^ D E Sim D E Hão
 #ro6id7ncia em caso ne&ati6o.

V0V0 Feio acompan)ado por laudo m9dico^ D E Sim D E Hão
 #ro6id7ncias em caso ne&ati6o.

0\0 Aso de subst3nciadse psicoati6adse. D E sim D E Hão
 \010 e ualDisE.

\020 Fia. \0V0 e uantidade / dose.
 \0\0 o ltimo consumo. qqqq/qqqq/qqqqqq \0C0 Tempo de Aso.
 \060 Sinais de Abstin7ncia.

0C0 ! edicação. D E Hão utili+a D E Trou@e receita m9dica

060 2@ames anteriores para elucidação dia&n\$stica D E Sim D E Hão
 e uais.
 e uando.
 4esultado.
 Apresentou o compro6ante do resultado.

0M0 Carteira de 6acinas

0T0 Doenças recentes" traumatismos" cirur&ias.

100 Pist\$ria de 6ida do adolescente.

110 Be6antamento de problemas.

120 Dia&n\$stico de en*erma&em.

1V0 #rescrição de en*erma&em.

4esp0 pelo 4e&istro

Hd 4e&istro #ro*issional

Data. qq/qq/qq

4e&istro para prontuKrio % in*ormaçIes con*idenciais0

Anidade.

Home.

Idade.

AtoDSE in*racionalDisE cometidoDSE.

10 Dados *amiliares.

101 Constelação *amiliar Dber quadro no 6erso da 2j0 /ol)aE

102 Pist\$ria *amiliar.

10V Dados si&ni*icati6os.

10V01 Institucionali+ação de *amiliares.

10V02 Gcorr7ncia de delitos dos *amiliares.

10V0V Situação de sa 'de / depend7ncia qu mica no &rupu *amiliar.

20 4elacionamento interpessoal.

201 0 Ha 6isão do/a adolescente.

2020 Ha 6isão da *am lia.

0V0 Aso de subst3ncias psicoati6as.

V010 2@pectati6a do adolescente com relação ao seu uso de subst3ncia psicoati6as.

\0 4ecursos 5K utili+ados na comunidade.

C0Fisão acerca da situação de internação.

C01 Do adolescente.

C020 Da *am lia.

60 Caracter sticas pessoais obser6adas por ocasião do atendimento.

601 0 Ho adolescente.

6020 Ha *am lia.

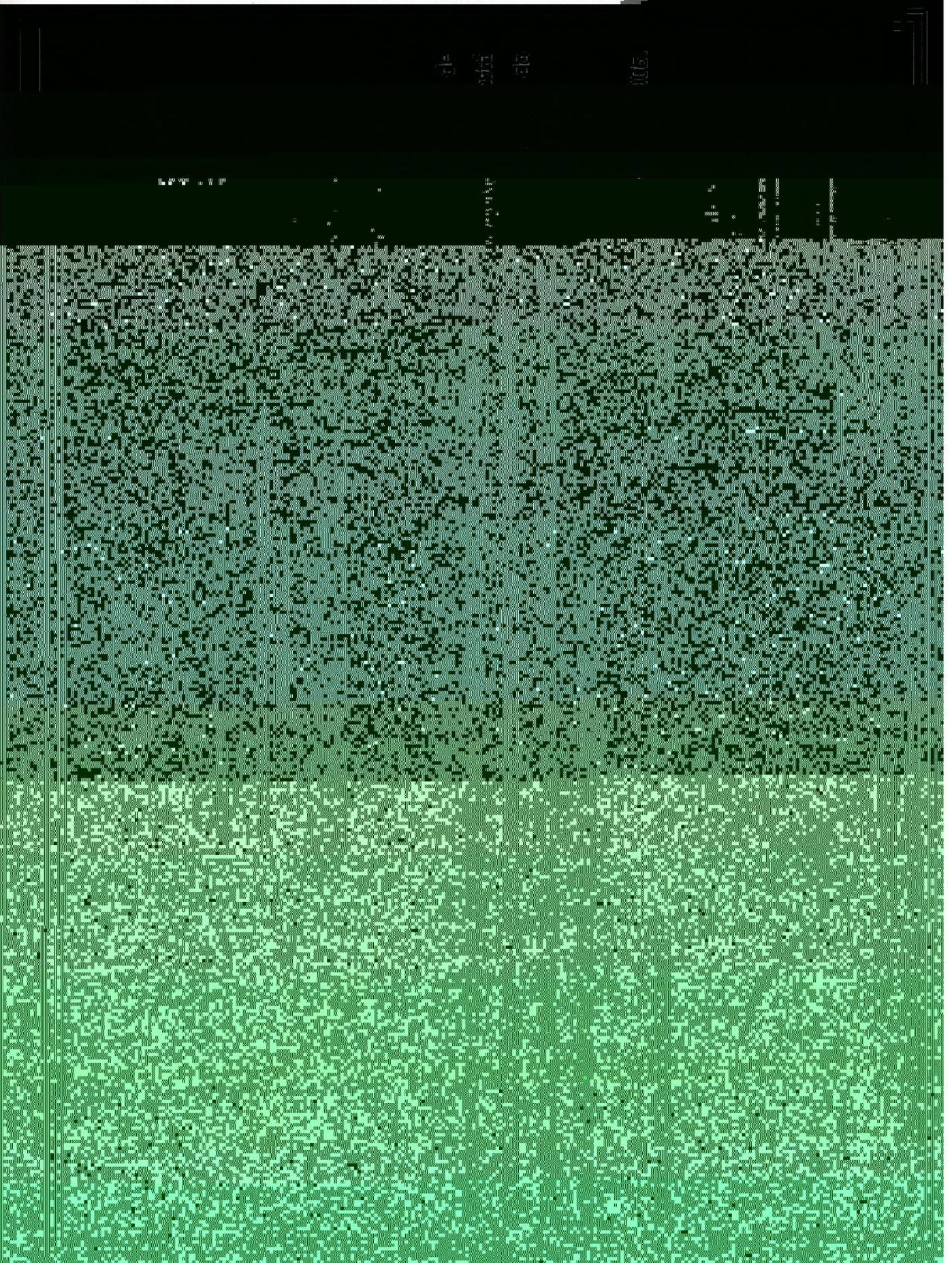
M0 #arecer.

T0 2ncamin)amentos e pro6id7ncias.

U0 Instrumental utili+ado.

D E Atendimento indi6idual data. qqqq /qqq /qqqq

D E Atendimento 8 *am lia data. qqqq /qqq /qqq



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)